

A ERA DE OURO



BICAMPEÃO DO MUNDO

**A ERA DE OURO:
SÃO PAULO BICAMPEÃO DO MUNDO**

[2ª Edição Digital - 2023]

Praça Roberto Gomes Pedrosa, nº 1, Morumbi
CEP 05653-070 - São Paulo - SP
www.saopaulofc.net

Autoria:
Michael Serra

Projeto Gráfico:
Michael Serra, Gabriel Fazan

Revisão:
Maria Fernanda Bezerra de Menezes,
Fábio Carbone de Moraes

Fotografias:
Acervo Pessoal de J. E. Mesquita Pimenta
Abril Imagens
Agência Estado
Arquivo Histórico do São Paulo FC
Conmebol
Folha Imagens
Gazeta Press
Hugo Mantellato
Juca Varella
Maurilo Clareto
Paulo Pinto
Rubens Chiri
Striker
Teófilo Pereira
World Soccer

Apoio:
Arquivo Histórico do São Paulo FC
Departamento de Comunicações do São Paulo FC
Renato Dias





SPFC



A TORCIDA SÃO-PAULINA EM TÓQUIO

SUMÁRIO

1.	Bicampeão do Mundo.....	5
	O Mundial de Clubes de 1993.....	7
2.	Como tudo começou.....	9
	O Campeonato Paulista de 1990.....	11
	A Chegada de Telê e o Brasileirão de 1990.....	13
	Campeão Brasileiro de 1991.....	15
	Campeão Paulista de 1991.....	19
3.	A América e o Mundo.....	23
	Campeão da Copa Libertadores de 1992.....	25
	Gigantes ibéricos aos pés do Tricolor.....	32
	Campeão Mundial de 1992.....	35
	Campeão Paulista de 1992.....	39
4.	Tríplice coroa sul-americana.....	44
	Campeão da Copa Libertadores de 1993.....	46
	Campeão da Recopa Sul-Americana de 1993.....	50
	Campeão da Supercopa de 1993.....	53
5.	A joia da Coroa.....	56
	Momentos que antecedem a glória.....	58
	Momentos de tensão e expectativa.....	69
	Momentos de consagração eterna.....	75
	A marcha dos vitoriosos.....	79

APÊNDICES

I.	Os campeões do Mundo em 1993.....	84
II.	As notas dos jogadores.....	94
III.	A linha do tempo.....	98
IV.	O ano com mais jogos.....	113
V.	As conquistas da Era de Ouro.....	116
VI.	Estatísticas de 1990 a 1993.....	198
VII.	Todos os jogos de 1990 a 1993.....	121

1.

BICAMPEÃO DO MUNDO



OS SÃO-PAULINOS CAMPEÕES DO MUNDO EM 1993



O TROFÉU OFICIAL DO MUNDIAL INTERCLUBES

O Mundial de Clubes de 1993

No dia 12 de dezembro de 1993, o São Paulo conquistou o bicampeonato mundial de clubes ao derrotar o Milan de Baresi e Maldini por 3 a 2, em uma das partidas mais marcantes e com o final mais inusitado e festivo da história de qualquer são-paulino. O Tricolor não somente se manteve no topo do mundo como o melhor time de futebol do planeta, como ainda fechou um ano inesquecível, em que levou para o Morumbi nada menos que quatro troféus internacionais - algo muito maior que uma tríplice coroa nacional e jamais igualado: o Mundial de Clubes, a Copa Libertadores, a Supercopa da Libertadores e a Recopa Sul-Americana.

A jornada para o domínio do mundo em 1993 teve início com o São Paulo trucidando a Universidad Católica na final da Copa Libertadores - a goleada por 5 a 1, no Morumbi, a favor do Tricolor é, até hoje, a maior da história da competição em decisão de título. Já o Milan chegou ao mundial como vice-campeão europeu. O campeão, Olympique de Marseille, foi punido e impedido de participar do torneio por caso de corrupção entre seus dirigentes durante o campeonato francês. Contudo, nada que desabonasse os "rossoneri" de Milão, que era, em verdade, a base da seleção italiana que seria vice-campeã mundial em 1994.

Talvez muitos não acreditassem que o São Paulo poderia derrotar dois esquadões do futebol no torneio mais importante disputado entre clubes. Certamente somente aqueles que não conheciam o trabalho de Telê Santana e a categoria e dedicação de jogadores como Zetti, Cerezo, Leonardo e Palhinha, dentre outros.

Meio-dia no horário local (1h, de Brasília), a bola rolou. A pressão inicial foi implacável, os "rossoneri" começaram melhor o jogo. Aos 13 minutos, acertaram o travessão e Zetti defendeu o rebote quase por sorte ou instinto.

Sem nervosismo, o Tricolor tocou bem a bola. Não com o intuito de desperdiçar tempo: cada toque visava encontrar o companheiro melhor posicionado - e este nunca estava parado! Todos os jogadores buscavam o lance, fornecendo opção de jogo a quem detinha brevemente a bola, pois, caso não quisessem ouvir um berro do Telê, teriam que passá-la em no máximo dois toques.

Aos 19 minutos, o São Paulo teve a primeira chance, em contra-ataque. Bastou. Assim nasceu o primeiro gol são-paulino, marcado por Palhinha: sem que nenhum adversário sequer tocasse na bola.

André Luiz, marcado por dois, acertou um lançamento para Cafu no outro lado campo. A bola quicou, se amaciou na medida certa e então o lateral, de prima, a cruzou para a área, onde lá encontrou os pés do camisa 10, Palhinha, que a chutou para o fundo do gol. 1 x 0 São Paulo!

O resultado seguiu até o fim da etapa inicial. Os números, àquela altura, apontavam para uma partida equilibrada, com ligeira vantagem do time de Milão em termos de posse de bola (55% a 45%), que, contudo, nada significou na prática. O Tricolor, por outro lado, foi mais faltoso, com quase o dobro de faltas cometidas (20 a 9).

No segundo tempo, a equipe italiana viu que era necessário partir para cima logo de cara, a fim de não perder o controle do jogo e, aos três minutos, empatou com Massaro, depois de jogada que começou com uma cobrança de lateral e de um balão lançado para o atacante do Milan.

Ao Tricolor coube manter o esquema ofensivo e dinâmico que desestabilizava o time de Milão – que não via a cor da bola. Desta maneira, o São Paulo voltou a ficar à frente no placar, aos 14 minutos: e, novamente, os rubro-negros não conseguiram interferir na jogada. Palhinha encontrou Leonardo livre pela esquerda, que driblou e tocou para Cerezo, dentro da pequena área, concluir. 2x1, Tricolor!

Todavia, a esquadra adversária além de possuir ótima técnica, também era persistente. O desgaste dos tricolores, que correram a 100% em praticamente toda a partida, começou a pesar nos minutos finais. Aos 35 minutos, o Milan empatou novamente, desta vez com Papin em jogada área ensaiada. Tudo levava a crer que a decisão ocorreria, então, na prorrogação.

Quando tudo parecia indicar tempos extras na decisão, com mais trinta minutos de um jogo em que os são-paulinos já tinham empenhado todas as forças e em uma temporada na qual o clube disputara quase 100 partidas, o destino se fez presente no lance mais crucial do confronto, selando a história para sempre: Müller, de calcanhar, magistralmente (para o azar do goleiro Pagliuca) definiu a vitória são-paulina, aos 41 minutos.

“Na raça pura, do jeito que deu. Meio de costas, meio de joelho, mas muito com o coração, com a vontade, com a garra e com a raça do São Paulo e do futebol brasileiro”. Comemorou o locutor Galvão Bueno, na transmissão da TV Globo.

Sem haver tempo para mais nada, todos os presentes no Estádio Nacional de Tóquio sabiam que o Campeão não perderia ali a coroa. O São Paulo Futebol Clube sagrou-se bicampeão mundial de clubes!

O zagueiro Ronaldão, logo após o apito final, exprimiu o sentimento dos tricolores em campo: “Ano passado, o supertime era o Barcelona. Este ano, o supertime era o Milan. Agora eu pergunto, se eles eram supertimes, o que é o São Paulo, afinal?”, questionou. Zetti foi além: “Vencer o Milan foi mais complicado que o Barcelona. Pois tínhamos a responsabilidade de defender o título do ano anterior. Em 1992, o nosso time entrou como coadjuvante. O São Paulo era mais um time sul-americano e teve um menosprezo aí. Isso nos motivou demais”, ressaltou o goleiro.

Em 1993, O São Paulo era o melhor time de todo o planeta mais uma vez, indiscutivelmente.

Ficha do Jogo

12.12.1993

Tóquio (Japão)

Estádio Nacional de Tóquio

Associazione Calcio MILAN 2 X 3 SÃO PAULO Futebol Clube

ACM: Rossi; Panucci, Baresi, Costacurta e Maldini; Albertini (Orlando, 34'/2), Desailly e Donadoni; Massaro, Papin e Raducioiu (Tassotti, 34'/2). Técnico: Fabio Capello.

Gols: Massaro, 3'/2; Papin, 35'/2

SPFC: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão/cap e André Luiz; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo e Leonardo; Palhinha (Juninho, 19'/2) e Müller. Técnico: Telê Santana.

Gols: Palhinha, 19'/1; Toninho Cerezo, 14'/2; Müller, 41'/2

Árbitro: Joël Quiniou (França)

Assistente 1: Park Hae Yong (Coreia do Sul)

Assistente 2: Yamaguchi Morihisa (Japão)

Público: 52.275 pagantes

2.

**COMO TUDO
COMEÇOU**



MORUMBI NA DÉCADA DE 1990



Regulamento / Tabela

Campeonato Primeira Divisão Profissional

1990

O Campeonato Paulista de 1990

Certas coisas não podem ser esquecidas. No Campeonato Paulista de 1990, o São Paulo foi mal. Terminou na 15ª colocação em um torneio com 24 equipes. Uma anormalidade nunca vista e jamais repetida. A péssima campanha foi fruto de uma congruência de muitos fatores, internos e externos às quatro linhas do gramado.

A situação econômica do Brasil, em meio ao plano Verão II, que tentava combater a inflação astronômica e emplacar o Cruzado Novo, afetou de sobremaneira o futebol nacional. Craques, desde o Cruzado I, abandonavam a terra natal para jogar na Europa e o São Paulo não escapou a esse cenário. Os "Menudos do Morumbi", que fizeram muito sucesso em meados dos anos 80, não mais se encontravam por aqui no final daquela década.

Para complicar ainda mais, 1990 era ano de eleição no clube - E o pleito ocorreu no meio do Campeonato Paulista. Não houve tempo viável para aplicar mudanças administrativas e refazer o elenco durante o certame. A Copa do Mundo, na Itália, no meio da temporada, também não facilitou novos negócios, naquele momento.

"Era uma situação de terra arrasada", afirma o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta, que assumiu o posto em abril daquele ano. Situação que somente foi contornada, a princípio, com venda de jogadores (que já esperavam negociações) e empréstimos bancários.

Todavia, a história do Tricolor com o Campeonato Paulista de 1990 é essa, apenas essa, e termina aí. Muitas lendas sobre essa relação, porém, precisam ser desmistificadas: Não existiu rebaixamento. Não existiu "virada de mesa". Não existiu coisa alguma diferente do prescrito pelo regulamento da competição.

É dito no parágrafo 2º do artigo 5º, do referente: "No Campeonato Paulista da Primeira Divisão de Futebol Profissional de 1990 não haverá descenso à Divisão Especial de Futebol Profissional". O regulamento, aprovado - claro - antes do início do campeonato de 1990, ainda afirma, no artigo 50, parágrafo 1º: "Para o Campeonato da Primeira Divisão de Futebol Profissional de 1991, o Grupo I será constituído pelas 14 associações classificadas para disputar a quarta fase do Campeonato de 1990 e o Grupo II será constituído pelas dez associações restantes que não se classificaram para a quarta fase e mais quatro advindas da Divisão Especial de 1990".

Esse trecho reflete o pensamento da Federação Paulista sob administração de Eduardo José Farah (1988-2003). Desde que assumiu o comando do órgão paulista, o Campeonato passou a ser disputado em dois grupos na fase inicial, sem promover rebaixamento de clube algum, ao final. Muito por causa da pendência jurídica do caso Ponte Preta/Bandeirante de Birigui, de 1987.

Assim, houve um natural inchaço da competição: 1988 contou com 20 times, 1989 com 22, 1990 com 24 e 1991 com 28! E o Tricolor terminou o Paulistão de 1990 em 15º, acima, ainda, de outros nove clubes.

Além. É importante também observar as notícias de antes do começo da competição. O Conselho Pré-Arbitral, realizado em 25 de outubro de 1989, foi resumido por estas palavras do jornal Folha de S. Paulo, do dia seguinte: "Não haverá rebaixamento e, em 91 (ano de eleição na FPF), o Campeonato Paulista terá 28 clubes. Além dos 24 que vão disputar o torneio no ano que vem, mais quatro times vão subir da Divisão Especial. Assim, o campeonato ficará sem o descenso pelo terceiro ano consecutivo".

Na véspera da abertura (27 de janeiro), a mesma Folha de S. Paulo destacou: "Novamente ninguém cai para a Divisão Especial. Em 91, o Paulista terá 28 participantes". A Revista Placar, de 26 de janeiro, ressalta novamente que "como nos anos anteriores, não haverá rebaixamento" e completa, afirmando que é "um regulamento de outro mundo" e que Eduardo Farah "pariu uma competição sem descenso".

Apesar da atuação de Farah e de dirigentes da FPF, como Antoine Gebran, na modelagem do Campeonato, tudo o que cabia, de fato, à federação, era apresentar propostas aos clubes de como executar a competição. Afinal, de acordo com a resolução 17/1986 do Conselho Nacional de Desportos - entidade máxima do esporte no Brasil naquele período (desde o Decreto Lei 6251/1975), somente um "Conselho Arbitral", um colegiado formado por representantes diretos dos clubes, podia definir ou aprovar o regulamento de um torneio.

Ou seja, quando o Campeonato Paulista de 1990 acabou, o único documento soberano que valeria para o ano seguinte era o Regulamento dessa competição, aprovada pelo Conselho Arbitral de 1990. O Conselho Arbitral do Paulistão 1991 somente foi realizado no dia 12 de junho daquele ano.

E o que aconteceu nos dias anteriores a essa data é que foi uma verdadeira tentativa de golpe, ou "virada de mesa", mas contra o São Paulo!

Pois, conforme a resolução 05/1988, do mesmo CND, o colegiado do Conselho Arbitral poderia excluir participantes de uma competição caso essa decisão fosse respaldada por 80% dos votos qualificados, mesmo em detrimento do regulamento da edição anterior. Assim, a ideia do movimento de certos integrantes dos bastidores do Conselho Arbitral de 1991 era forçar o rebaixamento do Tricolor à segunda divisão, rasgando o Regulamento de 1990.

Graças a atuação incisiva do representante do São Paulo no Conselho Arbitral, o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta, essa articulação política antidesportiva não encontrou respaldo entre os demais membros do colegiado e o Campeonato Paulista de 1991 foi moldado como nas temporadas anteriores, com primeira fase em dois grupos e fase final com cruzamento entre as duas séries.

Porém, por disputar a primeira fase do Paulistão de 1991 no grupo com adversários de menor tradição e qualidade técnica, fruto da colocação final do Tricolor na edição de 1990 (15º lugar), muitos rivais dominaram o debate no ceio esportivo e midiático, apregoando, para lá e para cá, que o São Paulo havia sido rebaixado, de toda forma. Fato que, volta e meia, confundia até mesmo jogadores e integrantes da comissão técnica são-paulina (é clássico o engano de Telê Santana em um programa especial do Roda Viva, da TV Cultura, por exemplo).

A verdade, entretanto, é que o São Paulo Futebol Clube nunca foi rebaixado em toda a história, ainda que tenham tentado forçá-lo a isso por vias excusas e imorais.



O TÉCNICO TELÊ SANTANA

A Chegada de Telê e o Brasileirão de 1990

Após a péssima campanha no Paulista e um início cambaleante no Brasileirão de 1990, o São Paulo reagiu. Trouxe para o comando de sua equipe um velho mestre. Taxado por muitos críticos como “pé frio”, após formar as belíssimas - mas não vencedoras - seleções brasileiras de 1982 e 1986, Telê Santana também buscava a própria redenção.

O treinador, que já havia comandado o Tricolor por pouco mais de um semestre em 1973, teve o nome ventilado para assumir a posição depois de uma partida contra o Botafogo, no Maracanã (7 de outubro), em que o São Paulo perdeu por um a zero e o técnico são-paulino, na ocasião, Pablo Forlán, perdeu o controle do vestiário junto aos jogadores, ainda na preleção. Na véspera da rodada seguinte, um atleta abandonou a concentração...

No dia 11 de outubro, Pablo Forlán, resignado com o elenco e confrontado por torcedores, pediu demissão. “Há algum tempo eu e o preparador físico Juan Antonio vínhamos pensando em deixar o clube. A torcida nos perseguia”, afirmou à Folha de S. Paulo, do dia seguinte. Assim, Telê - já veiculado nesse jornal como novo comandante do Tricolor - seria o quarto treinador do clube no ano (começou com Carlos Alberto Silva, passou pelo interino Pupo Gimenez e pelo próprio Forlán).

O São Paulo apostou firmemente em Telê Santana, apesar de Mesquita Pimenta, que foi quem o escolheu, ter ouvido da boca do treinador: “Não, não, não quero saber de futebol” (Telê teve uma saída um pouco traumática do emprego anterior dele, no Palmeiras, onde perdeu o cargo após uma derrota para o Bahia no Palestra Itália, que custou ao time alviverde uma série de 68 jogos invicto em casa).

“Não está havendo renovação de técnicos no Brasil. Logo que saí do Palmeiras, recebi várias propostas, mas recusei todas”, falou à Folha (13/10).

No dia em que teria que viajar para a capital paulista e negociar com o Tricolor, Telê havia realmente desistido. Somente com a ameaça de Carlos Caboclo, amigo de longa data do treinador, de ir buscá-lo pessoalmente, de carro (e possivelmente sofrer um acidente que pesaria na consciência do treinador - este foi o argumento persuasivo do dirigente), é que Telê Santana foi finalmente convencido a, ao menos, comparecer à mesa de negociações.

O Mestre chegou ao CT da Barra Funda no dia 12 sem ter nada definitivamente acertado com o clube, mas com a promessa e a proposta de trabalho (com valores salariais definidos) oferecida por Caboclo. Telê ainda indicou Moraci Sant'Ana para a posição de preparador físico do elenco e estava confiante com o grupo: "Os clubes estão nivelados. Ninguém é melhor do que o São Paulo", relatou aos dirigentes e à imprensa.

Com o "sim" do Mestre, caberia a cúpula tricolor acertar os pontos finais do contrato de Telê.

"Caboclo, você está louco! você traz o homem aqui e nem temos a chance de discutir (os valores). Não adianta, não temos dinheiro". Teria dito Mesquita Pimenta. A proposta foi realmente para convencer o treinador a voltar à ativa, a qualquer custo, pois o São Paulo não dispunha de imediato e o presidente teve que recorrer ao patrocinador do clube, a IBF, para arcar com esse gasto.

E mesmo sem nenhum papel assinado, naquela mesma noite, Telê Santana passou a noite no Centro de Treinamento e comandou o time são-paulino na manhã seguinte. Em verdade, em toda a longa passagem do treinador pelo clube, não houve um contrato sequer assinado, firmado preto no branco, entre Telê e o clube.

"Tudo sempre foi acertado verbalmente, a pedido de Telê. E a cada fim de acordo, uma nova negociação ocorria". Dizia Pimenta. Dessa maneira, a cada seis meses, era necessária uma intensa mobilização da presidência e diretoria para convencer Telê a se manter na posição e para - quase sempre - não demandar um salário fora das condições do clube.

Talvez justamente por sempre acertar "contratos" curtos, ou por sua meticulosidade em todas as áreas de trabalho, Telê praticamente morava no CT da Barra Funda, acompanhando sempre de perto todos os detalhes da rotina são-paulina. Alguns, porém, brincam que isso se devia também à sua consagrada, digamos, economia em relação a despesas.

Telê estreou no posto três dias depois em São José dos Campos, às 17h, contra o São José. E, de cara, ousou um São Paulo mais ofensivo, escalando apenas um volante (Bernardo). Não bastou para tirar o zero do placar (a partida acabou sem gols).

No começo tudo foi sofrido. Logo na peleja seguinte, o Tricolor perdeu para o antigo clube de Telê: 2 a 1 para o Palmeiras, no Morumbi. Porém, o elenco se reergueu, tanto na técnica quanto na tática e, principalmente, moralmente. O time emplacou três vitórias seguidas, contra o Vitória, em casa, e Flamengo e Cruzeiro, fora.

Telê pegou o time na 10ª colocação do campeonato e, depois de se manter nove partidas invicto (perdendo apenas o jogo de volta da semifinal, contra o Grêmio, no Olímpico), o levou à final do campeonato, sagrando-se vice-campeão. Nada mal para quem acabara de chegar e somente pretendia ficar no clube por pouco tempo.

Toda forma, o São Paulo de Telê ainda se vingaria do algoz do clube nessa final do Brasileirão de 1990. Após a derrota, o Tricolor estabeleceu uma série de nove partidas sem perder para o rival, entre 1991 e 1993, com seis vitórias e três empates no Majestoso.

Mais que isso, o adversário permaneceu oito jogos sem marcar um gol sequer na equipe são-paulina. Enquanto que, no período, foram goleados em três oportunidades por três a zero no placar, que inclui a famosa trinca de gols de Raí, na decisão do Paulistão de 1991.

Isso foi fruto do trabalho perseverante do Mestre, que efetivamente ajustou o time. Raí passou a se impor em campo. Zetti foi efetivado sob as traves, Cafu enfim encontrou o seu espaço (o menino rejeitado em nove peneiras e que nunca desistiu). Leonardo se transformou em um excelente lateral e Ricardo Rocha voltou ao time. Assim, rapidamente a equipe emplacou.

O São Paulo terminou o Campeonato Brasileiro como vice-campeão, e nos anos seguintes, como se sabe, dominou o Brasil e o Mundo, com uma administração à frente do seu tempo, de reconhecimento internacional, e que trouxe efeitos benéficos imediatos para a coletividade são-paulina; com jogadores de alto gabarito e, acima de tudo, vencedores; e com Telê Santana liderando os campeões.



O TROFÉU DO CAMPEONATO BRASILEIRO

Campeão Brasileiro de 1991

Dois anos antes, em 1989, bateu na trave. No ano seguinte, em 1990, novamente não deu. O Tricolor foi vice-campeão brasileiro nessas duas temporadas. O título tão almejado pela torcida tinha que ser conquistado em 1991.

Telê Santana acertou novo “contrato”, permanecendo à frente da equipe. O elenco era praticamente o mesmo do semestre anterior, visto que o Brasileirão começou logo após ter se finalizado o predecessor. Somente foram adquiridos dois novos atacantes: Rinaldo, que veio do Fluminense, e Macedo, revelação do Rio Branco de Americana, justamente para os lugares de Alcindo e Aguirre, que deixaram o Tricolor. Carrasco, meio-campista, também não renovou: para a posição Telê apostou em pratas-da-casa.

O Brasileirão de 1991 foi disputado por 20 clubes, em um sistema de todos contra todos em turno único, classificando-se os quatro melhores colocados para às semifinais, em sistema eliminatório, com jogos de ida e volta. Os vencedores fizeram a final, também em duas partidas. A vantagem do empate, ou de resultados inversamente iguais, coube ao clube com a melhor campanha acumulada.

Após uma curta pré-temporada no Paraná (em que obteve vitórias nos amistosos contra Apuracana, 1x0, e Foz do Iguaçu, 2x1), o Tricolor começou bem o campeonato, vencendo o Atlético Mineiro – que avançaria também à semifinal –, por 3 a 0, mesmo jogando no Mineirão! Mas nas cinco rodadas seguintes o São Paulo tropeçou três vezes, com derrota para Flamengo (0x1 na Gávea), Santos (1x2 no Morumbi) e Náutico (1x2 nos Aflitos). A irregularidade, entretanto, acabou aí.

Raí, Müller e Macedo comandaram a reação são-paulina que deixou o clube invicto por 12 jogos (8 vitórias e 4 empates), só voltando a conhecer a derrota na última rodada da fase inicial do torneio (0x1 Internacional, no Beira Rio). Ainda assim, o Tricolor terminou essa etapa no primeiro posto, com 26 pontos – mesmo número do Bragantino, mas com duas vitórias a mais –, herdando assim a “vantagem do empate” no confronto semifinal contra o Atlético Mineiro.

Dito e feito. O São Paulo empatou os dois jogos contra os mineiros. A partida de ida acabou em 1 a 1, com o gol de Mário Tilico – o primeiro grande gol decisivo do ponta. Os tricolores atuaram com um jogador a menos por quase todo o jogo (Antônio Carlos havia sido expulso aos 16 minutos do primeiro tempo). Na partida de volta, 0 a 0 no Morumbi e Tricolor na final!

Mas a classificação mediante dois empates teve um ônus. O Tricolor, que havia sido o melhor colocado durante o “turno”, foi superado na somatória de pontos da campanha geral pelo Bragantino, que chegou à final vencendo e empatando contra o Fluminense. A vantagem de dois empates, ou de dois resultados inversamente iguais, agora era do time do interior, que, aliás, decidiria a partida final em casa.

No Morumbi, com 67.759 pagantes presentes à primeira partida da final do Brasileiro de 1991, o Tricolor começou arrasador, desperdiçando duas boas oportunidades logo nos minutos iniciais, com Bernardo, que chutou em cima do goleiro Marcelo, e com Macedo, em lance incrível e após bela jogada de Raí. O atacante driblou o arqueiro, tranquilamente, mas arrematou na trave!

Aos 27 minutos ocorreu o fato que decidiria o título: Mário Tilico, o talismã, entrou no lugar de Elivélton, contundido. A primeira etapa, porém, acabou da mesma forma que começou, 0 a 0, com o Bragantino controlando melhor o meio de campo e impedindo a velocidade dos ataques de Müller, Macedo e Tilico. Em verdade, até perdendo chances claras de gol, salvas por Zetti e Ricardo Rocha, este, em cima da linha.

A fase complementar se deu como o início do primeiro tempo, com o Tricolor dominando e partindo para cima. A defesa bragantina ruiu e sucumbiu à pressão aos quatro minutos. Bola no alto da área do ataque são-paulino e Bernardo cabeceou no travessão. Müller tentou o voleio, mas a bola passou direto, chegando aos pés certos de Mário Tilico, que estufou às redes com força – mandando a bola junto ao pé da trave direita do goleiro –, marcando o gol que daria a vitória ao São Paulo. A comemoração esfuziante de Mário Tilico refletiu a sensação de que aquele seria o gol do título!

Até a realização da primeira partida, não estava definido o local do segundo embate. Ficou decidido que o confronto final seria mesmo no acanhado Estádio Marcelo Stéfani – atual Nabi Abi Chedi. Apesar de contar com a torcida rival quase dentro do campo, os jogadores tricolores não se intimidaram. Sem Elivélton, contundido, Telê avançou Cafu para meia-direita e colocou Zé Teodoro na lateral, não permitindo que o Bragantino encontrasse espaço para jogar. Curiosamente, a decisão de atuar em um campo pequeno em nada ajudou ao time da casa.

Em verdade, as melhores chances do jogo foram do Tricolor. Aos 11 minutos do primeiro tempo, Cafu lançou Zé Teodoro, que chutou forte. No rebote do goleiro, Leonardo cruzou para Bernardo cabecear na trave e Müller arrematar a sobra

por cima do gol. O Bragantino somente rompeu a fortaleza são-paulina aos 30 minutos do segundo tempo, quando Luiz Müller chutou, Zetti rebateu e Sílvio quase marcou no rebote. Perto do fim do jogo (44min.), a pá de cal nas pretensões bragantinas veio após o belo lançamento de Raí para Flávio, que da entrada da área chutou forte e no travessão!

Mas nada a lastimar. Ao apito final do árbitro José Roberto Wright, o São Paulo Futebol Clube se sagrou Campeão Brasileiro de 1991, então o terceiro título nacional do Tricolor do Morumbi! Feito que abriu os portões de uma nova e inesquecível era vencedora - a maior de todos os tempos.

Ficha do Jogo de Ida

05.06.1991

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 1 X 0 Clube Atlético BRAGANTINO

SPFC: Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldão, Bernardo e Raí/capitão; Müller, Macedo e Elivélton (Mário Tilico). Técnico: Telê Santana

Gol: Mário Tilico, 4/2

CAB: Marcelo; Gil Baiano, Junior, Nei/capitão e Biro Biro; Mauro Silva, Ivair (Luiz Müller), Alberto e Ronaldo Alfredo (Franklin); Mazinho e Silvio. Técnico: Carlos Alberto Parreira

Árbitro: Marcio Rezende de Freitas

Renda: CR\$ 149.165.000,00

Público: 67.759 pagantes

Ficha do Jogo de Volta

09.06.1991

Bragança Paulista (SP)
Estádio Marcelo Stéfani

Clube Atlético BRAGANTINO 0 X 0 SÃO PAULO Futebol Clube

CAB: Marcelo; Gil Baiano, Júnior, Nei (capitão) e Biro Biro; Mauro Silva, Ivair (Luiz Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Mazinho e Silvio. Técnico: Carlos Alberto Parreira.

SPFC: Zetti; Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldão, Bernardo, Cafu e Raí (capitão); Macedo e Müller (Flávio). Técnico: Telê Santana.

Árbitro: José Roberto Ramiz Wright

Renda: CR\$ 64.650.000,00

Público: 12.942 pagantes

A Campanha

Primeira Fase

- 02.02.1991 – 3 X 0 – Clube ATLÉTICO MINEIRO (MG)
- 06.02.1991 – 0 X 1 – Clube Regatas do FLAMENGO (RJ)
- 17.02.1991 – 1 X 2 – SANTOS Futebol Clube (SP)
- 23.02.1991 – 1 X 0 – FLUMINENSE Football Club (RJ)
- 03.03.1991 – 2 X 1 – Clube ATLÉTICO PARANAENSE (PR)
- 06.03.1991 – 1 X 2 – Clube NÁUTICO Capibaribe (PE)
- 09.03.1991 – 1 X 0 – Esporte Clube BAHIA (BA)
- 16.03.1991 – 1 X 1 – GOIÁS Esporte Clube (GO)
- 22.03.1991 – 2 X 0 – GRÊMIO Foot-Ball Porto Alegrense (RS)
- 31.03.1991 – 2 X 1 – Clube Atlético BRAGANTINO (SP)
- 04.04.1991 – 0 X 0 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)
- 07.04.1991 – 1 X 1 – Sport Club CORINTHIANS Paulista (SP)
- 14.04.1991 – 1 X 0 – Associação PORTUGUESA de Desportos (SP)
- 20.04.1991 – 2 X 2 – Club de Regatas VASCO DA GAMA (RJ)
- 28.04.1991 – 2 X 0 – SPORT Clube do RECIFE (PE)
- 01.05.1991 – 2 X 1 – Esporte Clube VITÓRIA (BA)
- 05.05.1991 – 1 X 0 – BOTAFOGO de Futebol e Regatas (RJ)

- 12.05.1991 – 3 X 1 – CRUZEIRO Esporte Clube (MG)
- 18.05.1991 – 0 X 1 – Sport Club INTERNACIONAL (RS)

Semifinais

- 25.05.1991 – 1 X 1 – Clube ATLÉTICO MINEIRO (MG)
- 02.06.1991 – 0 X 0 – Clube ATLÉTICO MINEIRO (MG)

Finais

- 05.06.1991 – 1 X 0 – Clube Atlético BRAGANTINO (SP)
- 09.06.1991 – 0 X 0 – Clube Atlético BRAGANTINO (SP)

A Classificação Final

C	Time	PG	J	V	E	D	GM	GS	SG	AP
1	São Paulo (SP)	31	23	12	7	4	28	15	13	62.3%
2	Bragantino (SP)	30	23	10	10	3	29	16	13	58.0%
3	Atlético (MG)	26	21	8	10	3	30	20	10	54.0%
4	Fluminense (RJ)	25	21	10	5	6	29	21	8	55.6%
5	Corinthians (SP)	24	19	8	8	3	23	17	6	56.1%
6	Palmeiras (SP)	22	19	7	8	4	20	19	1	50.9%
7	Internacional (RS)	20	19	5	10	4	19	16	3	43.9%
8	Santos (SP)	19	19	7	5	7	23	20	3	45.6%
9	Flamengo (RJ)	19	19	7	5	7	20	24	-4	45.6%
10	Portuguesa (SP)	19	19	5	9	8	14	15	-1	42.1%
11	Vasco da G (RJ)	19	19	4	11	4	22	26	-4	40.4%
12	Botafogo (RJ)	18	19	6	6	7	19	21	-2	42.1%
13	Bahia (BA)	18	19	5	8	6	16	18	-2	40.4%
14	Náutico (PE)	17	19	7	3	9	19	25	-6	42.1%
15	Goiás (GO)	17	19	6	5	8	27	24	3	40.4%
16	Cruzeiro (MG)	16	19	5	6	8	23	28	-5	36.8%
17	Atlético (PR)	15	19	5	5	9	27	29	-2	35.1%
18	Sport (PE)	13	19	4	5	10	15	30	-15	29.8%
19	Grêmio (RS)	12	19	3	6	10	15	24	-9	26.3%
20	Vitória (BA)	12	19	3	6	10	17	27	-10	26.3%

A Artilharia

- Raí - 7 gols
- Macedo - 6 gols
- Müller - 3 gols
- Mário Tilico e Eliel - 2 gols
- Leonardo, Cafu, A. Carlos, Bernardo, Elivélton, Ronaldão, Flávio e Rinaldo - 1 gol



ANTÔNIO CARLOS E CAFU COM A CONQUISTA DE 1991

Os Campeões

Jogador	P	J	V	E	D	GM	GS	CV	CA
Zetti	GL	23	12	7	4	0	15	0	0
Raí	MC	22	12	7	3	7	0	0	3
Leonardo	LE	22	12	6	4	1	0	0	4
Cafu	LD	21	11	7	3	1	0	1	4
Antônio Carlos	ZG	21	12	5	4	1	0	1	5
Macedo	AT	20	11	7	2	6	0	0	1
Bernardo	VL	19	10	6	3	1	0	0	6
Elivélton	AT	19	10	5	4	1	0	1	0
Ronaldão	ZG	18	10	6	2	1	0	0	1
Ricardo Rocha	ZG	18	10	7	1	0	0	0	4
Mário Tilico	AT	17	9	6	2	2	0	0	0
Flávio	VL	14	7	4	3	1	0	0	0
Eliel	AT	11	5	3	3	2	0	0	0
Zé Teodoro	LD	9	5	2	2	0	0	0	2
Rinaldo	AT	9	4	1	4	1	0	0	1
Müller	AT	7	5	2	0	3	0	0	0
Ivan	LE	5	1	1	3	0	0	0	1
Vítor	LD	4	1	1	2	0	0	0	1
Sídnei	VL	4	1	3	0	0	0	0	0
Márcio Flores	AT	3	1	0	2	0	0	0	1
Cláudio Moura	AT	2	1	1	0	0	0	0	0
Vizolli	VL	1	0	1	0	0	0	0	0

Também foram inscritos na competição, mas não chegaram a jogar uma partida sequer: Gilmar Popoca (MC), Marcos (GL), Amadeu, Gefferson (ZG), Alexandre (GL), Andrey (MC), Doriva (VL), Menta (ZG) e Gilmar (ZG). Apesar de Marcelo Conte posar na foto oficial dos campeões, não consta que ele estivesse oficialmente inscrito (e apto a jogar) no torneio.

Campeão Paulista de 1991

No dia 15 de dezembro de 1991, o São Paulo Futebol Clube sagrou-se campeão paulista depois de superar o Corinthians em dois jogos. O primeiro, uma semana antes, o Tricolor venceu por 3 a 0, com três gols do craque Raí. O segundo, jogando com a vantagem de até perder durante o tempo regulamentar e empatar na prorrogação, terminou em zero a zero nos 90 minutos – o que assegurou a ida do troféu estadual para o Morumbi.

Os são-paulinos, que já haviam conquistado o Campeonato Brasileiro, no primeiro semestre, em uma campanha inquestionável, comemoraram o segundo título na temporada que foi somente o marco inicial da fase áurea do clube no início dos anos 90.

E essa jornada começou, na verdade, após a campanha desastrosa do time no Paulistão de 1990, em que o clube terminou na 15ª posição entre 28 clubes participantes. Ainda naquele ano, Telê Santana chegou ao Tricolor e, resgatando a estima e o bom desempenho dos atletas, levou o elenco ao vice-campeonato nacional.

Na primeira fase do estadual de 1991, o Tricolor disputou a série amarela, ao lado de clubes de menor expressão devido ao esdrúxulo sistema criado pelo Conselho Arbitral. Este arbitral e a atuação do presidente Mesquita Pimenta, contudo, impediram uma virada de mesa do Presidente da FPF em exercício, à época, Antoine Gerbran, que queria rasgar o regulamento do torneio de 1990 e rebaixar 14 clubes para a Divisão Especial (2ª Divisão) por mera vontade própria – sendo que não tinha autoridade para tal.

Dentro das quatro linhas, com a bola rolando, logo de cara vieram 19 jogos invictos, com 13 vitórias e 6 empates. O único tropeço, em toda a competição, aconteceu diante da Inter de Limeira, em 9 de outubro – 4 a 1 para o time do interior em pleno Morumbi.

O São Paulo, contudo, não perdeu o ritmo e terminou a fase inicial em primeiro lugar da série amarela, com 42 pontos ganhos, 50 gols marcados e um saldo impressionante de 30!



Na segunda fase, o Tricolor enfrentou outros três clubes advindos do grupo verde: Palmeiras, Guarani e Botafogo e, após seis rodadas invicto, mais uma vez conquistou o primeiro posto da chave, com três vitórias e três empates, mas empatado em pontos e saldo de gols com o Palmeiras. O time do Morumbi se classificou por ter a melhor campanha da primeira fase, como previa o regulamento, mas também se classificaria pelo número de gols marcados – terceiro critério de desempate tradicionalmente usado naquela época (13 a 11).

As duas partidas finais do Paulistão de 1991 foram no Morumbi, sempre com mais de 100 mil torcedores presentes. No primeiro jogo, um show de Raí, com três gols... Perdão, com três golaços inesquecíveis, o camisa 10 definiu o placar da partida, a vitória do Tricolor e o título são-paulino.

No primeiro tento, Raí começou a jogada no meio de campo, recebeu de Macedo, avançou e chutou forte de fora da área: a bola foi no ângulo direito do goleiro corintiano, sem chance alguma de defesa.

Ronaldo, o arqueiro adversário, também não pôde fazer muito no gol seguinte: a não ser propriamente cometer pênalti em Macedo, que Raí cobrou com categoria acertando novamente o canto direito, mas agora de modo rasteiro.

O último gol, anotado após cobrança de escanteio de Elivélton, foi de cabeça. Raí, desmarcando-se dos rivais, subiu sozinho e testou forte para o fundo do gol! São Paulo 3 a 0!

Com a imensa vantagem adquirida para o segundo confronto, o Tricolor entrou em campo tranquilo naquela tarde chuvosa e administrou o cenário favorável somente esperando o apito final do árbitro para comemorar junto à torcida são-paulina!

Essa havia sido a quarta conquista estadual sobre o rival, justamente na edição em que se completou 60 anos da primeira ocasião (o Paulistão de 1931 – as demais vezes: 1957 e 1987).

Ficha do Jogo de Ida

08.12.1991

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 3 X 0 Sport Club CORINTHIANS Paulista

SPFC: Zetti; Cafu, Adílson (Sérgio Baresi), Ronaldão e Nelsinho; Sídney, Suélio (Rinaldo) e Raí/capitão; Müller, Macedo e Elivélton. Técnico: Telê Santana

Gols: Raí, 16/1; Raí (pênalti), 14/2; Raí (cabeça), 17/2

SCCP: Ronaldo; Giba, Marcelo/capitão, Guinei e Jacenir; Márcio (Tupãzinho), Ezequiel, Marcelinho Paulista e Wilson Mano; Dinei e Paulo Sérgio. Técnico: Cilinho

Expulsões: Dinei

Árbitro: Oscar Roberto de Godói

Renda: CR\$ 369.297.000,00

Público: 102.821 pagantes

Ficha do Jogo de Volta

15.12.1991

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 0 X 0 Sport Club CORINTHIANS Paulista

SPFC: Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Nelsinho; Sídney, Suélio e Raí/capitão; Müller, Macedo e Elivélton. Técnico: Telê Santana.

SCCP: Ronaldo; Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Jairo, Ezequiel e Carlinhos; Marcelinho, Wilson Mano, Tupazinho e Paulo Sérgio. Técnico: Cilinho.

Árbitro: Ílton José da Cost

Renda: CR\$ 371.373.000,00

Público: 106.142 pagantes

A Campanha

Primeira Fase

- 25.07.1991 – 1 X 1 – OLÍMPIA Futebol Clube (SP)
- 28.07.1991 – 4 X 0 – Clube Atlético JUVENTUS (SP)
- 01.08.1991 – 3 X 3 – Esporte Clube SANTO ANDRÉ (SP)
- 04.08.1991 – 1 X 0 – RIO BRANCO Esporte Clube (SP)
- 07.08.1991 – 5 X 2 – MARÍLIA Atlético Clube (SP)
- 10.08.1991 – 0 X 0 – Grêmio Esportivo SÃO CARLENSE (SP)
- 15.08.1991 – 3 X 2 – SÃO JOSÉ Esporte Clube (SP)
- 17.08.1991 – 3 X 1 – Esporte Clube NOROESTE (SP)
- 27.08.1991 – 1 X 0 – UNIÃO SÃO JOÃO Esporte Clube (SP)
- 29.08.1991 – 0 X 0 – Associação Atlética PONTE PRETA (SP)
- 01.09.1991 – 2 X 1 – Esporte Club SÃO BENTO (SP)
- 04.09.1991 – 1 X 0 – Grêmio Esportivo CATANDUVENSE (SP)
- 08.09.1991 – 1 X 0 – Associação Atlética INTERNACIONAL (Limeira – SP)
- 15.09.1991 – 0 X 0 – Esporte Clube SANTO ANDRÉ (SP)
- 18.09.1991 – 5 X 0 – Grêmio Esportivo CATANDUVENSE (SP)
- 21.09.1991 – 2 X 0 – Clube Atlético JUVENTUS (SP)
- 28.09.1991 – 1 X 0 – RIO BRANCO Esporte Clube (SP)
- 02.10.1991 – 2 X 1 – Grêmio Esportivo SÃO CARLENSE (SP)
- 06.10.1991 – 2 X 2 – MARÍLIA Atlético Clube (SP)
- 09.10.1991 – 1 X 4 – Associação Atlética INTERNACIONAL (Limeira – SP)
- 12.10.1991 – 5 X 0 – SÃO JOSÉ Esporte Clube (SP)
- 17.10.1991 – 1 X 1 – Esporte Clube NOROESTE (SP)
- 20.10.1991 – 0 X 0 – Esporte Club SÃO BENTO (SP)
- 23.10.1991 – 3 X 1 – Associação Atlética PONTE PRETA (SP)
- 27.10.1991 – 1 X 0 – OLÍMPIA Futebol Clube (SP)
- 02.11.1991 – 2 X 1 – UNIÃO SÃO JOÃO Esporte Clube (SP)

Segunda Fase

- 10.11.1991 – 4 X 2 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)
- 13.11.1991 – 2 X 1 – BOTAFOGO Futebol Clube (Ribeirão Preto – SP)
- 17.11.1991 – 2 X 2 – GUARANI Futebol Clube (SP)
- 21.11.1991 – 1 X 1 – BOTAFOGO Futebol Clube (Ribeirão Preto – SP)
- 24.11.1991 – 4 X 1 – GUARANI Futebol Clube (SP)
- 01.12.1991 – 0 X 0 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)

Finais

- 08.12.1991 – 3 X 0 – Sport Club CORINTHIANS Paulista (SP)
- 15.12.1991 – 0 X 0 – Sport Club CORINTHIANS Paulista (SP)

A Classificação Final

C	Time	PG	J	V	E	D	GM	GS	SG	AP%
1	São Paulo	54	34	21	12	1	66	27	39	73,5%
2	Corinthians	45	34	15	15	4	38	19	19	58,8%
3	Palmeiras	40	32	16	8	8	32	20	12	58,3%
4	Portuguesa	38	32	15	8	9	33	27	6	55,2%
5	Inter de Limeira	36	32	17	2	13	41	33	8	55,2%
6	Guarani	35	32	12	11	9	33	26	7	49,0%
7	Santo André	34	32	11	12	9	44	40	4	46,9%
8	Botafogo (RP)	32	32	9	14	9	25	27	-2	42,7%
9	Bragantino	29	26	10	9	7	29	22	7	50,0%
10	Santos	27	26	7	13	6	21	15	-10	43,6%
11	Ituano	26	26	9	8	9	22	29	-5	44,9%
12	América (SJRP)	24	26	5	14	7	16	20	-14	37,2%
13	Novorizontino	22	26	6	10	10	22	29	-1	35,9%
14	XV de Piracicaba	22	26	7	8	11	25	35	2	37,2%
15	XV de Jaú	21	26	6	9	11	22	27	8	34,6%
16	Ferroviária	20	26	3	14	9	13	19	-5	29,5%
17	Mogi Mirim	19	26	5	9	12	21	35	-14	30,8%
18	Noroeste	28	26	9	10	7	28	25	-7	47,4%
19	São carlense	28	26	9	10	7	31	29	-4	47,4%
20	Juventus	28	26	9	10	7	23	24	6	47,4%
21	Ponte Preta	27	26	8	11	7	26	18	-7	44,9%
22	Rio Branco	25	26	10	5	11	24	22	-6	44,9%
23	União São João	24	26	7	10	9	26	26	3	39,7%
24	Marília	21	26	7	7	12	25	30	2	35,9%
25	São José	21	26	7	7	12	21	35	0	35,9%
26	Catanduvense	20	26	4	12	10	15	32	-14	30,8%
27	Olímpia	19	26	5	9	12	16	30	-17	30,8%
28	São Bento	15	26	4	7	15	18	35	-17	24,4%



RAÍ COMEMORA O PRIMEIRO DOS TRÊS GOLS QUE MARCOU NA FINAL DO PAULISTA DE 1991

Os Campeões

Jogador	P	J	V	E	D	GM	GS	CV	CA
Zetti	GL	34	21	12	1	0	27	0	1
Sídnei	VL	34	21	12	1	0	0	0	7
Elivélton	AT	33	21	11	1	4	0	0	6
Raí	MC	31	19	11	1	20	0	0	3
Antônio Carlos	ZG	31	19	12	0	4	0	2	6
Macedo	AT	30	19	10	1	8	0	0	3
Ronaldão	ZG	28	17	10	1	3	0	0	6
Nelsinho	LE	26	18	8	0	0	0	1	3
Cafu	LD	26	18	8	0	3	0	1	3
Müller	AT	24	15	8	1	9	0	0	2
Adílson	ZG	20	12	7	1	0	0	0	1
Baiano	MC	20	13	6	1	5	0	0	2
Suélio	VL	19	12	6	1	1	0	1	2
Vítor	LD	14	7	7	0	1	0	0	3
Eraldo	MC	14	9	5	0	2	0	0	0
Anílton	AT	9	6	3	0	1	0	0	1
Rinaldo	AT	9	4	4	1	1	0	0	2
Maurício	AT	6	5	1	0	0	0	0	0
Cláudio Moura	AT	2	1	1	0	0	0	0	0
Gilmar	ZG	2	0	1	1	0	0	0	0
Andrey	MC	2	0	2	0	0	0	0	0
Menta	ZG	1	1	0	0	0	0	0	0
Pavão	LD	1	0	0	1	1	0	0	0
Sérgio Baresi	ZG	1	1	0	0	0	0	0	0

A Artilharia

- Raí - 20 gols
- Müller - 9 gols
- Macedo - 8 gols
- Baiano - 5 gols
- Elivélton - 4 gols
- Antônio Carlos - 4 gols
- Ronaldão - 3 gols
- Cafu - 3 gols
- Eraldo - 2 gols
- Suélio - 1 gol
- Vítor - 1 gol
- Anílton - 1 gol
- Rinaldo - 1 gol
- Pavão - 1 gol

3.

A AMÉRICA E O MUNDO



ZETTI DEFENDE O CHUTE DE GAMBOA E O TRICOLOR É CAMPEÃO DA LIBERTADORES DE 1992



A COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

Campeão da Copa Libertadores de 1992

O dia 17 de junho de 1992 não sai da memória do torcedor tricolor. Foi nesta data, no Morumbi, que o São Paulo bateu o Newell's Old Boys, da Argentina, nos pênaltis (4 a 3) e conquistou a Libertadores da América pela primeira vez - feito que se repetiria em 1993 e 2005. Com gol de Raí, aos 22 minutos do segundo tempo, o time de Telê Santana venceu por 1 a 0 e levou a decisão para as penalidades máximas.

A cobrança de Gamboa, defendida por Zetti, decretou a inédita conquista e garantiu a festa à multidão de torcedores presentes ao Morumbi e que invadiu o gramado para comemorar ao lado dos ídolos e festejar a noite inesquecível.

O eterno camisa 10 do São Paulo, Raí, ergueu a Taça Libertadores e coroou a entrega da equipe, que souou em campo para conquistar mais um título para o clube. A festa dos torcedores são-paulinos tomou conta da cidade que nunca para, mas que teve que cessar seu ritmo alucinado para ver o desfile dos campeões e dos torcedores entusiasmados.

O sonho, que se iniciou ano antes com o tricampeonato nacional, quase se tornou pesadelo com a inusitada derrota por 3 a 0 para o Criciúma, na primeira rodada. O comandante Telê Santana não estimava o torneio, por décadas regido por violência e doping, e escalou um "misto".

E foi além, na verdade, ainda antes do jogo. À imprensa falou duramente contra a competição e principalmente contra a Confederação Sul-Americana e o presidente da mesma. Telê, de fato, não tinha nenhum apreço pelo torneio. A reação foi imediata. Pimenta foi abordado pelos representantes da Conmebol, os senhores Armando Marques e Hildo Nejar, pelos quais lhe foi transmitido o mal-estar causado, com ameaça de desqualificação do São Paulo da competição - como já se comentava nos bastidores.

Curiosamente, uma das primeiras medidas do presidente Mesquita Pimenta após a conquista da vaga à Copa Libertadores de 1992 foi procurar o presidente da FPF, Eduardo Farah, em busca de contato com os dirigentes da Conmebol, para apresentar o São Paulo Futebol Clube oficialmente à entidade e manter relações cordiais e diplomáticas. Por isso, as palavras do técnico são-paulino bateram forte nos tímpanos dos estrangeiros da confederação.

Foi necessária a pronta intervenção do presidente tricolor. Pimenta afirmou aos interlocutores, categoricamente, que o clube é representado pelo Presidente e, caso verdadeiro fosse o relato, Telê iria se retratar. O dirigente escreveu, do próprio punho, uma retratação a qual Telê foi signatário, não obstante o fato de que tenha relutado. Encerrou-se, assim, a sombra que pairava sobre a campanha do São Paulo na Libertadores.

Mais que isso. Desta maneira, após muita pressão, a Conmebol adotou medidas que os são-paulinos pleiteavam, como o controle de dopagem, ao menos em jogos do São Paulo (mesmo que o Tricolor tivesse que pagar os custos do procedimento) e melhorias nas condições de segurança nos estádios da América do Sul.

Um exemplo de atuação vanguardista muito conhecido é o caso do estilingue ou bodoque, encontrado no gramado do Defensores del Chaco poucos minutos antes de um jogo válido pela Supercopa de 1992, que motivou um ofício escrito a mão pelo presidente do São Paulo e entregue à Conmebol requisitando adequações urgentes aos estádios que abrigassem partidas internacionais.

Após esses desafios políticos e internos, costurados e remediados habilmente por Pimenta, a altura dos Andes foi o próximo empecilho, superado graças ao desenvolvimento técnico e científico da comissão técnica, chefiada nesse departamento por Moraci Sant'Anna.

Na Bolívia, aliás, a sorte, ou a benção divina, também foi um fator essencial para que a Era de Ouro do Tricolor não acabasse ainda antes de começar. Na viagem para Oruro, a aeronave que levava a delegação são-paulina encontrou condições climáticas complicadas, que dificultaram o voo e o pouso no solo andino. Apesar do susto, e do enorme atraso (jogadores tiveram que se trocar nos automóveis, a caminho do estádio, há poucos minutos do começo do confronto contra o San José).

Todavia, os adversários passariam a cair frente ao Tricolor, um a um. O próprio San José, o Bolívar, o Criciúma (o troco), o Nacional de Montevideu... O Criciúma novamente (quem mandou provocar) e, depois, o Barcelona de Guayaquil. Por fim, veio a grande final contra o time argentino comandado por 'El Loco' Bielsa, o Newell's Old Boys.

Na primeira partida da decisão, derrota pelo placar mínimo. Confiança plena no jogo de volta em um Morumbi fervilhante. Impiedosa, a equipe Tricolor, capitaneada por Raí, não perdoou os argentinos que, todavia, resistiram, salvando até

mesmo um lance em cima da linha.

Mesmo com todo o sufoco imposto, a equipe portenha somente vacilou aos 22 minutos do segundo tempo, quando Gamboa cometeu pênalti em Macedo, um dos grandes destaques no triunfo tricolor. A jovem promessa do São Paulo entrou no segundo tempo, no lugar de Müller, e logo na primeira participação sofreu a falta que Raí cobrou e deu a vitória ao São Paulo, levando o jogo para a decisão em penalidades.

A série de cobranças foi desigual. Os argentinos contaram somente com seus jogadores na disputa, já os são-paulinos com mais duas pessoas. Valdir de Moraes, preparador de goleiros, havia estudado o modo de cobrar dos adversários e Alexandre, o goleiro reserva, repassou as informações à Zetti durante os confrontos finais.

Berizzo perdeu. Raí marcou novamente. Zamora venceu Zetti, mas Ivan também guardou. Llop empatou, e o placar permaneceu assim, pois Ronaldão errou. Então Mendoza retribuiu o favor e bateu por cima. Cafu pôs o São Paulo na frente, 3x2. A última cobrança da série normal era de Gamboa. Zetti foi magistral. Saltou para a esquerda e, de mão trocada, espalmou a bola para fora. Estava decidido. O São Paulo era, pela primeira vez, Campeão da Libertadores da América!

Logo após o goleiro tricolor defender o pênalti cobrado por Gamboa e decretar a conquista da primeira Copa Libertadores da América da história do São Paulo, a torcida explodiu em festa. Boa parte dos mais de 105 mil torcedores presentes ao Morumbi na noite de 17 de junho de 1992 (público este que proporcionou um novo recorde de arrecadação nacional, até então: CR\$ 1.072.490.000,00) invadiu o campo para comemorar ao lado dos ídolos, festejar com seus iguais e tentar adquirir algum item de recordação desse inesquecível dia.

Os torcedores levaram consigo as redes das duas traves, as bandeirinhas de escanteio, tufo de grama, nacos de terra, partes dos uniformes dos jogadores, mesmo dos suplentes e até mesmo um dos bancos de reservas!!! A festa era generalizada. Os próprios atletas pareciam extasiados pela vitória. Telê chorou. O entusiasmo logo se espalhou por toda a cidade, ganhando as ruas, bares, restaurantes. Onde quer que existisse um são-paulino, lá estaria ele comemorando, buzinando e fazendo carreata, ou simplesmente festejando.



A MEDALHA DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

Raí ergueu a Taça Libertadores sobre um palco montado na lateral do campo. O jogador comentou ao jornal Folha de São Paulo que o coração dele quase parou quando o juiz apitou o pênalti sobre Macedo, que decidiu a vitória do Tricolor no tempo normal.

“A primeira imagem que me veio foi a Libertadores de 74, quando São Paulo teve um pênalti a seu favor no tempo normal, desperdiçou-o e perdeu o título. Pensei internamente: a história não pode se repetir”, disse o capitão. Ao lado dele, Antônio Carlos, coberto com a bandeira do São Paulo, e Zetti comemoravam.

Zetti, Alexandre e Valdir Joaquim de Moraes formaram uma verdadeira equipe de espionagem. Valdir estudara e anotara cada forma de bater pênaltis dos cobradores argentinos, que na semifinal passaram por uma maratona de pênaltis (eliminaram o América da Colômbia por 11 a 10, nesta modalidade). Já Alexandre “cantava” para Zetti, do meio campo, o modo que cada jogador pegava na bola.

Contudo, tudo isso só foi possível graças a providencial intervenção de Macedo, o jovem entoado pela torcida e que entrou no segundo tempo no lugar de Müller. Na primeira participação do atacante, ele sofreu o pênalti que Raí cobrou e deu a vitória ao São Paulo, levando o jogo para a decisão em penalidades. Macedo, um tanto ingênuo, nem sabia o nome do time adversário. Para ele era “Boys alguma coisa”. Por fim, Macedo meio que reconheceu que, embora tenha sofrido o pênalti, colaborou um pouco também para que o juiz apitasse a falta: “Fui travado e me joguei. Foi mais ou menos pênalti”, disse ao jornal Estado de São Paulo.

Palhinha, que terminou o torneio como artilheiro, com 7 gols, veio do América-MG por empréstimo e após essa conquista acabou contratado por 400 mil dólares. Todos os jogadores, aliás, foram premiados por Mesquita Pimenta com cerca de US\$ 10 mil.

A comemoração da equipe, comissão técnica, dirigentes e associados terminou no Gallery. Já a festa da torcida tomou os quatro cantos da cidade, espalhando-se Brasil afora, e desde então nunca mais foi esquecida, para sempre na memória dos são-paulinos e até dos adversários, que passaram a verdadeiramente valorizar o torneio, como nunca antes.

Ficha do Jogo de Ida

10.06.1992

Rosario (Argentina)

Estádio Doctor Lisandro de la Torre – Gigante de Arroyito

Club Atlético NEWELL'S OLD BOYS 1 X 0 SÃO PAULO Futebol Clube

SPFC: Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Ivan; Adílson, Pintado e Raí/capitão; Palhinha (Macedo), Müller e Elivélton. Técnico: Telê Santana

CANOB: Scoponi; Saldaña, Gamboa/capitão, Pochettino e Berizzo; Raggio, Berti, Martino (Garfagnoli) e Lunari; Zamora e Mendoza (Domizzi). Técnico: Marcelo Bielsa

Gol: Berizzo (pênalti), 38/1

Árbitro: Hernan Silva Arce (Chile)

Público: 50.000 pagantes

Ficha do Jogo de Volta

17.06.1992

São Paulo (Brasil)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 1 x 0 Club Atlético NEWELL'S OLD BOYS

Nos pênaltis: 3 x 2 para o São Paulo

SPFC: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Ivan; Adílson, Pintado e Raí (capitão); Muller (Macedo), Palhinha e Elivélton. Técnico: Telê Santana.

Gol: Raí (pênalti), 22'/2

CANOB: Scoponi, Saldaña, Gamboa (capitão), Pochettino e Berizzo; Llop, Berti e Martino (Domizzi); Zamora, Lunari e Mendoza. Técnico: Marcelo Bielsa.

Árbitro: José Joaquín Torres Cadenas (Colômbia)

Assistentes : Jorge Zuluaga (Colômbia) e John Redón (Colômbia)

Renda: Cr\$ 1.072.490.000,00; Público: 105.185 pagantes

Pênaltis:

- Berizzo - perdeu (trave) / Raí - gol
- Zamora - gol / Ivan - gol
- Llop - gol / Ronaldão - perdeu
- Mendoza - perdeu (por cima) / Cafu - gol
- Gamboa - perdeu (Zetti) / Pintado (não precisou cobrar)

A Campanha

Primeira Fase

- 06.03.1992 - 0 X 3 - CRICIÚMA Esporte Clube (SC)
- 17.03.1992 - 3 X 0 - Club SAN JOSE (Bolívia)
- 20.03.1992 - 1 X 1 - BOLÍVAR Independiente Unificada (Bolívia)
- 01.04.1992 - 4 X 0 - CRICIÚMA Esporte Clube (SC)
- 07.04.1992 - 1 X 1 - Club SAN JOSE (Bolívia)
- 14.04.1992 - 2 X 0 - BOLÍVAR Independiente Unificada (Bolívia)

Oitavas de Final

- 28.04.1992 - 1 X 0 - Club NACIONAL de Football (Uruguai)
- 06.05.1992 - 2 X 0 - Club NACIONAL de Football (Uruguai)

Quartas de Final

- 13.05.1992 - 1 X 0 - CRICIÚMA Esporte Clube (SC)
- 20.05.1992 - 1 X 1 - CRICIÚMA Esporte Clube (SC)

Semifinais

- 27.05.1992 - 3 X 0 - BARCELONA Sporting Club (Equador)
- 03.06.1992 - 0 X 2 - BARCELONA Sporting Club (Equador)

Finais

- 10.06.1992 - 0 X 1 - Club Atlético NEWELL'S OLD BOYS (Argentina)
- 17.06.1992 - 1 X 0 - Club Atlético NEWELL'S OLD BOYS (Argentina) 3 X 2 pen.

A Artilharia

- Palhinha - 7 gols
- Raí - 3 gols
- Müller, Elivélton, Antônio Carlos e Macedo - 2 gols
- Ronaldão e Rinaldo - 1 gol



A TORCIDA INVADE O CAMPO DO MORUMBI E CARREGA O PRESIDENTE PIMENTA NAS COSTAS

A Classificação Final

C	Time	PG	J	V	E	D	GM	GS	SG	AP
1	São Paulo (SP)	19	14	8	3	3	20	9	11	67.86%
2	Newell's (ARG)	21	16	7	7	2	21	15	6	65.63%
3	América (COL)	17	12	7	3	2	16	11	5	70.83%
4	Barcelona (EQU)	16	12	6	4	2	17	9	8	66.67%
5	Criciúma (SC)	14	10	6	2	2	19	12	7	70.00%
6	C. Porteño (PAR)	13	10	4	5	1	14	8	6	65.00%
7	A. Nacional (COL)	12	10	5	2	3	20	9	11	60.00%
8	S. Lorenzo (ARG)	12	12	5	2	5	16	15	1	50.00%
9	U. Católica (CHL)	10	10	2	6	2	15	9	6	50.00%
10	Colo-Colo (CHL)	10	10	3	4	3	7	9	-2	50.00%
11	Valdez (EQU)	8	8	3	2	3	7	6	1	50.00%
12	Bolívar (BOL)	8	8	3	2	3	11	12	-1	50.00%
13	Nacional (URU)	7	8	2	3	3	9	10	-1	43.75%
14	Marítimo (VEN)	6	9	1	4	4	7	13	-6	33.33%
15	Sp. Cristal (PER)	5	8	2	1	5	9	12	-3	31.25%
16	Defensor (URU)	5	8	1	3	4	8	11	-3	31.25%
17	Los Andes (VEN)	5	7	1	3	3	6	12	-6	35.71%
18	Sol de Am. (PAR)	4	6	1	2	3	5	10	-5	33.33%
19	Coquimbo (CHL)	3	8	1	1	6	6	18	-12	18.75%
20	Sport Boys (PER)	2	6	0	2	4	4	15	-11	16.67%
21	San José (BOL)	1	6	0	1	5	5	17	-12	08.33%



RAÍ ERGUE A COPA LIBERTADORES

Os Campeões

Jogador	P	J	V	E	D	GM	GS	CV	CA
Pintado	VL	14	8	3	3	0	0	0	4
Cafu	LD	14	8	3	3	0	0	0	1
Antônio Carlos	ZG	14	8	3	3	2	0	0	6
Ronaldão	ZG	13	7	3	3	1	0	0	2
Adílson	ZG	13	8	3	2	0	0	0	0
Raí	MC	13	7	3	3	3	0	1	1
Palhinha	AT	13	8	3	2	7	0	0	2
Zetti	GL	12	6	3	3	0	9	1	0
Macedo	AT	11	7	2	2	2	0	0	0
Elivélton	AT	9	6	2	1	2	0	0	0
Müller	AT	8	5	1	2	2	0	0	1
Ivan	LE	8	5	1	2	0	0	0	1
Suélio	VL	6	3	1	2	0	0	0	0
Nelsinho	LE	5	3	2	0	0	0	0	1
Rinaldo	AT	4	2	1	1	1	0	0	1
Sídnei	VL	4	3	0	1	0	0	0	0
Alexandre	GL	3	3	0	0	0	0	0	0
Ronaldo Luís	LE	3	2	1	0	0	0	0	0
Gilmar Estevam	AT	2	1	0	1	0	0	0	0
Catê	AT	2	0	1	1	0	0	0	0
Cláudio Moura	AT	1	0	0	1	0	0	0	0
Eraldo	MC	1	0	0	1	0	0	0	0
Mona	VL	1	0	0	1	0	0	0	0

Também foram inscritos na competição, mas não realizaram nenhuma partida o terceiro goleiro Marcos Bonequini e o zagueiro Menta.



TRICOLORS COM O TROFÉU RAMÓN DE CARRANZA



O TROFÉU TERESA HERRERA

Gigantes ibéricos aos pés do Tricolor

Era um momento mágico na história do São Paulo: em um pequeno espaço de três meses, o Tricolor conquistou três torneios inéditos e marcantes, e com um futebol de primeira linha.

Em junho de 1992, venceu a Libertadores da América ao superar o Newell's Old Boys nos pênaltis no Morumbi. Em agosto, em La Coruña, na Espanha, conquistou o Troféu Teresa Herrera e, duas semanas depois, já em Cádiz, levantou o Troféu Ramón de Carranza.

E o fato mais significativo dessas conquistas em terras hispânicas foi o modo como foram obtidas: através de goleadas absolutas sobre os maiores times daquele país - titãs do futebol europeu. 4 a 1 no Barcelona (justamente o adversário do Tricolor no Mundial Interclubes, ao fim do ano) e 4 a 0 no Real Madrid!

O tradicional torneio Teresa Herrera começou com uma vitória nos pênaltis sobre o Peñarol, 4 a 3, após empate em 2 a 2 no tempo normal, com gols de Palhinha e Raí. O resultado levou o São Paulo ao Riazor para a final do torneio, onde enfrentaria o Barcelona, que havia vencido o La Coruña.

Naquele jogo do dia 15 de agosto, o Tricolor começou assustado. De cara, três ataques frontais e seguidos do adversário para, assim, aos 3 minutos, o time azul-grená abrir o marcador com Salinas. Apesar da intertemporada, os locais estavam com os principais nomes em campo e, assim, a situação dos são-paulinos poderia realmente se complicar.

Mas o São Paulo pôs a bola no chão e, poucos minutos depois (aos 9), empatou o jogo, com Müller. E mais do que isso, ganhou muita moral, pois o tento anotado pelo atacante brasileiro foi um golaço marcado por cobertura em Zubizarreta.

Após um primeiro tempo disputado, os são-paulinos passaram a comandar o placar no começo do segundo tempo, depois de uma bela jogada construída pela direita: passe de Macedo para o corta-luz de Raí e finalização do jovem Maurício. 2 a 1.

Aos 15 minutos, Raí lançou magistralmente Macedo dentro da área catalã. O atacante recebeu a bola e driblou o goleiro, que, contudo, cometeu pênalti. Com categoria, o camisa 10 marcou o terceiro gol são-paulino.

Para completar a goleada, três minutos depois, o árbitro viu jogada irregular na defesa do Barcelona e apitou tiro indireto dentro da grande área. Na cobrança de dois lances, Pintado tocou para Raí, que ainda ajeitou e fuzilou a rede adversária. Golaço! 4 a 1 com extrema autoridade.

Poucos dias a seguir, 28 de agosto, em Cádiz, o Tricolor iniciou a jornada em outro tradicional torneio de pré-temporada: o Troféu Ramón de Carranza, que contou também com o anfitrião Cádiz CF, o Real Madrid e o PSV Eindhoven, da Holanda.

Na primeira fase da disputa, o Real Madrid enfrentou o PSV e venceu por 3 a 2 – Romário, então no time holandês, marcou os dois gols do time derrotado. Já o São Paulo venceu os donos da casa por 2 a 0, gols de Palhinha, aos 34 minutos do primeiro tempo, e Raí, aos 25 minutos da etapa final.

Sem tempo para descanso, o São Paulo enfrentou o time de Madrid já no dia seguinte pela decisão do torneio. Os espanhóis tinham como grandes destaques o zagueiro Hierro, o tcheco Prosinecki e o atacante chileno Zamorano. Mas nenhum deles, ou qualquer outro, foram páreos para o Tricolor de Telê Santana, Raí, Müller e cia...

De cara, aos sete minutos, o São Paulo abriu o placar com o oportunista Elivélton, que aproveitou um chute cruzado de Raí. Foi justamente o camisa 10 que recebeu lançamento e com extrema categoria se livrou do zagueiro e marcou o segundo gol do Tricolor, já no começo da segunda etapa.

Müller ampliou para o placar clássico pegando o rebote do goleiro no ataque seguinte, um minuto depois! Por fim, o atacante, endiabrado, fez grande jogada individual, deixou o adversário no chão e só tocou com categoria para fechar o placar: 4 a 0!

Todos os imponentes times espanhóis haviam tombado, incontestavelmente, perante o brilhantismo dos jogadores do Tricolor!

O jornal espanhol Marca resumiu essa passagem são-paulina da seguinte forma: “O conjunto paulista é tão rápido e cintilante no ataque como o chicote de Indiana Jones”. Ao que Telê Santana, para a Revista Placar, concordou, dizendo que “Jogamos o verdadeiro futebol brasileiro”.

Ficha da Decisão do Troféu Teresa Herrera

15.08.1992

La Coruña (Espanha)

Estádio Municipal de Riazor

Fútbol Club BARCELONA 1 x 4 SÃO PAULO Futebol Clube

SPFC: Zetti; Cafu, Adílson, Ronaldão e Ivan; Pintado, Dinho, Palhinha (Maurício) e Raí/capitão; Macedo e Müller. Técnico: Telê Santana

Gols: Müller, 9/1; Maurício, 2/2; Raí (pênalti), 15/2; Raí, 18/2

FCB: Zubizarreta; Herrera (Busquets, gl.), Nadal, Koeman e Soler; Bakero (Rodríguez), Amor, Witschge e Beguiristáin; Stoichkov (Goikoetxea) e Salinas. Técnico: Johan Crujij

Gols: Salinas, 3/1

Árbitro: Antonio Martín Navarrete (Espanha)

Expulsões: Andoni Zubizarreta

Ficha da Decisão do Troféu Ramón de Carranza

29.08.1992

Cádiz (Espanha)

Estádio Ramón de Carranza

SÃO PAULO Futebol Clube 4 x 0 REAL MADRID Club de Fútbol

SPFC: Zetti (Marcos); Vítor, Adílson, Ronaldão (Válber) e Ivan; Pintado (Suélio), Dinho, Palhinha e Raí/capitão (Maurício); Müller e Elivélton. Técnico: Telê Santana

Gols: Elivélton, 7/1; Raí, 3/2; Müller, 4/2; Müller, 13/2

RMCF: Juanmi; Chendo, Hierro (Nando), Lasa e Villarroya; Luis Milla, Aragón, Prosinecki (Luís Enrique) e Llorente (Alfonso Pérez); Turil e Zamorano. Técnico: Benito Floro

Árbitro: Manuel Díaz Vega (Espanha)



RAÍ SE PREPARA PARA A COBRANÇA DO GOL DO TÍTULO, MOTIVADO POR PINTADO



A COPA TOYOTA - TAÇA OFERECIDA PELO PATROCINADOR DO MUNDIAL DE CLUBES

Campeão Mundial de 1992

O som ambiente do Estádio Nacional de Tóquio naquele dia 13 de dezembro de 1992 jamais sairá a memória do torcedor são-paulino. Não somente o barulho, mas todas as cenas daquela ensolarada tarde (ou madrugada, aqui no Brasil) serão lembranças indeléveis do momento de consagração de um time que começou desacreditado – que galgou o sucesso degrau por degrau após uns dos piores momentos da história do clube – e do trabalho de um treinador que chegou com estigma de azarado, mas que, respirando, vivendo e sentindo o Tricolor em suas veias 24 horas por dia, estabeleceu o nome São Paulo Futebol Clube entre os maiores do mundo.

Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldão, Ronaldo Luís, Pintado, Toninho Cerezo, Dinho, Cafu, Palhinha, Müller, o capitão Raí e o Mestre Telê Santana eternizaram os próprios nomes e os símbolos tricolores ao vencerem o forte e então favorito Barcelona por 2 a 1 na decisão que mudou para sempre o patamar do futebol brasileiro no cenário internacional, reconquistando o lugar mais elevado nesse e em anos vindouros.

E tudo começou, naquela partida, com um susto e a ameaça de tudo ir por água baixo logo nos primeiros momentos. Aos 12 minutos de jogo, Stoichkov – o ídolo maior do time espanhol, abriu o marcador contra o Tricolor com um gol categórico, de fora da área ao ângulo da meta.

Porém, o time são-paulino não se abateu e pouco depois quase empatou com um forte chute de Cafu, também de fora da área, obrigando bela defesa de Zubizarreta e mostrando aos catalães que o Tricolor estava vivo na disputa. Mais que isso, a partir daquele momento passou a tomar conta do jogo e Ronaldo Luís quase fez um gol espetacular, de muito longe, na lateral esquerda, aos 24 minutos.

O São Paulo era melhor e, três minutos depois, fez valer a superioridade em campo e empatou o placar após preciosa jogada de Müller, que deixou o adversário zozó, e ao instinto de finalização de Raí, que mandou a bola às redes batendo meio de peito, meio de barriga.

A partir de então o jogo tornou-se mais dinâmico e o Tricolor passou a ser ainda mais perigoso: Müller quase marcou um gol épico, encobrendo o goleiro adversário, que foi impedido pelo zagueiro embaixo do arco.

O Barcelona tentava contra-atacar, mas Zetti garantia o resultado sob às traves. E quando a bola passou por ele, ao final da primeira etapa, lá estava Ronaldo Luís, o santo da marca da cal, para salvar em cima da linha!

No período complementar, o São Paulo se sobrepujou ao Barcelona não somente tecnicamente, mas também fisicamente. Müller, Cafu e Vítor – os mais velozes –, destroçaram o desempenho dos defensores espanhóis. Zubizarreta, em quatro incríveis oportunidades, teve que se virar para impedir que o Tricolor desempatasse o resultado.

Aos 34 minutos, depois de Palhinha sofrer falta na entrada da área, não haveria nada mais que o arqueiro rival pudesse fazer. Raí pegou a bola para cobrar a falta. Cafu parou ao seu lado. Pintado chegou junto a eles e vibrou como se antevisse o que estava por vir. E então...

Gol! Um golaço! No ângulo! Raí, com maestria colocou o São Paulo à frente do placar. E o goleiro nem se mexeu. O lance foi tão perfeito que sempre se imaginou que a jogada fora muito trabalhada, ensaiada em treinamentos..., mas não. Nunca havia acontecido. O próprio Raí não era de fazer muitos gols de falta. Mas ali era para ser. Era o destino.

O que se viu a seguir foi o camisa 10, em plena alegria, correr para o banco de reservas na tentativa de agradecer ao mestre, com carinho, por toda a jornada que haviam caminhados juntos até aquele momento de glória. Porém, os colegas tricolores reservas, em comemoração efusiva, invadiram o campo para lhe abraçar e o impediram de chegar até Telê, que sorria como um menino sentado no banco.

Aos espanhóis e ao técnico Johan Cruyff não restou nada, senão a admiração profunda: “Se for para ser atropelado, que seja por uma Ferrari. O São Paulo jogou como o legítimo campeão do mundo”.

Como um sonho a se realizar, os minutos finais foram um misto de ansiedade inexorável e irrealismo. Com o apito final do árbitro, o São Paulo sagrou-se campeão mundial!

Ficha do Jogo

13.12.1992

Tóquio (Japão)

Estádio Nacional de Tóquio

Fútbol Club BARCELONA 1 X 2 SÃO PAULO Futebol Clube

FCB: Zubizarreta; Ferrer, Ronald Koeman, Guardiola e Eusébio; Bakero (Goicoechea, 6’/2), Amor, Stoichkov e Michael Laudrup; Richard Witschge e Beguiristain (Nadal, 34’/2). Técnico: Johan Cruyff.

Gol: Stoichkov, 12’/1.

SPFC: Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho, 38’/2), Raí (capitão) e Cafu; Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana.

Gols: Raí, 27’/1; Raí, 34’/2.

Árbitro: Juan Carlos Loustau (Argentina)

Assistente 1: Park Hae Yong (Coréia do Sul)

Assistente 2: Shinichiro Obata (Japão)

Renda: US\$ 2.500.000,00

Público: 60.000 pagantes

TOYOTA EUROPEAN/SOUTH AMERICAN CUP

BARCELONA 1 — 1 SÃO PAULO
(Blue/Red) 0 — 1 (White)

1 TOTAL 2

1-0 STOITCHKOV (8) 12min,
1-1 RAI (10) 27min,
2-1 RAI (10) 79min,



O PLACAR DO ESTÁDIO NACIONAL DE TÓQUIO



トヨタカップ特集②

世界のトッププレーを分析する!

解説・田嶋幸三

(日本サッカー協会強化委員)

立教大助教授(サッカー部コーチ)、元日本代表、浦和青森、筑波大を経て、古河電工(現東日本Jリーグ)に入社。現役引退後、指導者の道に進み、西ドイツ(現ドイツ)へ留学。筑波大大学院を卒業後、立教大に赴任した。

ライオンが押し込んだ同点ゴールで、前半を1-1で折り返したサンパウロが、後半34分にFKを得た。キッカーはライオン。一度DFカブーに預け、静止させたボールを右足でシュートすると、鋭くカーブしながらゴール左上隅を襲った。GKスピサレクは、正確なシュートに、なすすべもなく見送るしかなかった

ライオン(サンパウロ)

2得点をマークしてMVPに輝いたライオン。GKの鼻先でコースを変えた先制点といい、得意の右足で正確にコントロールしてみせた2点めといい、そのシュート力には、ただ舌を巻くばかりだった。どうしてあれ程のキック力を備えられるのか? ブラジル人特有の天性のボール感やアイデアといったようなものも確かにある。しかし、その要素のほとんどを占めるのは基本だ。正しいフォームで振り、ボールの正確なポイントに当てる。この基本が完璧に身に着いているからこそ、変化に富んだキックが可能になる。何を今さらと思う人もいるだろうが、ライオンを筆頭に、フィールド

の20人全員がしっかりと基本をマスターしているからこそ、あのような素晴らしいゲームを繰り広げられるのだ。シュート力もさることながら、僕自身がいちばん感心したのは、トップの選手としてのボールの受け方。パスをもらうときに、必ず半身に当たっているから、DFのチャージを苦にしない。だから次の展開も楽にできる。この点が、勝負の差となって表れたのではないだろうか。バルセロナは、ラウドルツがドリブルで攻め上がった。でも、トップでボールをもらえる選手がいなかった。左サイドにはストイチコフがいたが、ゴール正面で体を張ってパスを受ける選手がいなかった。ライオンは、決して派手なプレーヤー

ではない。ゴールばかりが目立っているが、むしろ今挙げたキックやボールの受け方など、基本に忠実であるからこそ、スター選手になったのだろう。日本代表の高木(琢也)くんには特に、ライオンの基本に忠実な部分を手本にしてみたい。サンパウロのなかでもう一人取り上げたい選手がいる。左サイドでチャンスメーカーになっていたミューレルだ。ミューレルは、切れのいいドリブルで再三サイドライン際を突破し、素晴らしいセンタリングを上げていた。特に同点ゴールにつながった切り返しは、DFを完全に欺いてみせ、「さすがブラジル人」と感心させた。「陰のMVP」に上げたいほどの活躍だった。

基本をベースにした正確なシュート力



栄光のブラジルサッカーが復活だ! ミューレルが誇らしげにトヨタカップを掲げた

TOYOTA CUP



トヨタカップ特集①

ブラジルサッカーの真価を発揮!

サンパウロ、クラブ世界一 逆転でバルサを撃破!

ブラジルサッカーの復活だ!

9年前にグレミオがトヨタカップのタイトルを獲得して以来、大会出場さえも果たせなかったブラジル勢。



O TROFÉU DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1992

Campeão Paulista de 1992

Pouco antes de completar um mês da conquista da Copa Libertadores, na maior festa que o Morumbi já viu até hoje, o Tricolor começou a jornada por mais um título: dessa vez, no Campeonato Paulista. Na realidade, pelo bicampeonato consecutivo do estadual. Dessa maneira, o São Paulo era o grande favorito.

Apesar disso, o time tinha problemas, principalmente aqueles decorrentes pela maratona de jogos. Por esse fato, os são-paulinos deixaram de participar da Copa do Brasil de 1992. O clube preferiu priorizar a preparação para o Mundial de Clubes, contra o Barcelona, em dezembro, disputando assim apenas o Paulistão e a Supercopa da Libertadores no segundo semestre. A vaga foi repassada ao Palmeiras, de presente.

Quanto ao time, apesar de perdermos Antônio Carlos e Ivan para o futebol espanhol, a diretoria soube repor com precisão, contratando Válber, junto ao Botafogo. De quebra, trouxe aquele que ajudaria a desequilibrar as partidas a favor do Tricolor nos próximos dois anos, apesar de toda a desconfiança gerada por causa da idade do jogador: Toninho Cerezo, 37 anos de idade e então vice-campeão europeu pela Sampdoria – e que, por isso, estava com o time catalão entalado na garganta.

O principal baque que o elenco sofreu, em toda a temporada, entretanto, veio poucos dias antes da segunda rodada do Paulistão. No dia 18 de julho, o goleiro reserva Alexandre faleceu devido a um acidente automobilístico na rodovia Castelo Branco. O carro que dirigia, um Kadett, perdeu o controle e chocou-se contra a mureta de proteção. Alexandre tinha apenas 20 anos e havia sido figura importante na Libertadores, com três jogos e três vitórias.

Em memória a Alexandre, o grupo tricolor jogou com maestria durante todo o Estadual, liderando-o de ponta a ponta, mesmo poupando os atletas titulares em alguns jogos e ainda encontrando tempo – em agosto – de excursionar pela Europa a fim de testar o potencial do time contra grandes clubes europeus.

O Tricolor terminou a primeira fase liderando o Grupo A com 36 pontos conquistados, mantendo um cartel de 14 vitórias (1º colocado), 8 empates e só 4 derrotas, com 43 gols marcados (melhor ataque), 22 sofridos e 21 gols de saldo (melhor saldo).

Para completar a boa fase, a conceituada revista inglesa World Soccer elegeu Telê Santana o quarto melhor técnico do mundo na temporada de 1991/1992.

No quadrangular da segunda fase, o São Paulo seguiu incontrolável. Foram cinco vitórias em seis jogos, terminando invicto. 14 gols marcados e apenas 4 sofridos, contando com duas vitórias no clássico San-São e também duas contra a Portuguesa. O único empate foi um 0 a 0 contra a Ponte Preta, em Campinas.

Desta maneira, os são-paulinos se classificaram à final para decidir o título contra o Palmeiras (que havia, antes, superado Corinthians, Guarani e o carrossel caipira do Mogi Mirim). A princípio, a primeira partida da decisão estava marcada para o dia 13 de dezembro – mesma data do jogo mais importante da história do São Paulo até então, no Japão, pelo Mundial de Clubes.

A preparação do clube para o confronto contra o Barcelona, que foi o principal foco do Tricolor durante todo o segundo semestre ficou, assim, ameaçada. O São Paulo pleiteava que o primeiro jogo ocorresse na sexta-feira, dia 4, para que o embarque da delegação não fosse apressado. A Federação Paulista de Futebol, mediante a figura do presidente desta, Eduardo José Farah demandava que fosse no domingo, dia 6, o que arruinaria os planos são-paulinos em andamento.

Ainda não era o ideal, mas o jogo de ida ficou marcado, então, para o sábado, dia 5. O São Paulo jogaria já de malas prontas e, com o apito final, partiria rumo ao aeroporto. Ainda que o bastidor tenha causado muita polêmica, dentro de campo, o time continuou jogando o fino da bola, principalmente Cafu – que nesse torneio passou a jogar mais avançado, como ponta – e Raí, que, magnífico, marcou uma trinca de gols e impôs grande vantagem para o jogo de volta: 4 a 2 no placar.

“Vamos todos viajar felizes e contentes”, afirmou Müller ao Jornal da Tarde (07/12).

E, da mesma maneira, felizes e contentes, os tricolores regressaram do Japão, com mais troféus para a coleção e com uma festa que atravessou toda a Capital paulista. Mais de cinco mil torcedores receberam os campeões do mundo e homenagearam os ídolos no Morumbi. Ainda que todo mundo só pensasse no feito realizado no Japão, ainda havia o jogo de volta do Paulistão por resolver. Bastava um empate para o Tricolor comemorar mais um título, ainda que de ressaca.

Não interessava a nenhum são-paulino que os palmeirenses “carimbassem a

faixa”. Por isso, ainda na viagem, os jogadores fizeram um “pacto” por mais um título, como revelou Raí à Revista Placar (01/1993). Afinal, “Todos são profissionais e vivem de suas conquistas”, finalizou Telê (O Estado de S. Paulo, 14/12).

Mais de 110 mil pessoas compareceram ao Morumbi, no dia 20 de dezembro, para ver o São Paulo não deixar sombra de dúvida sobre qual era o melhor time do Estado de São Paulo, do Brasil e do Mundo, àquela altura. Com gols de Müller e Cerezo, o Tricolor bateu mais uma vez o Palmeiras, dessa vez por 2 a 1, com o gol de honra já nos minutos finais. Campeão absoluto.

Ficha do Jogo de Ida

05.12.1992

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP) 2 X 4 SÃO PAULO Futebol Clube (SP)

SPFC: Zetti; Vitor (Válber), Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí/capitão; Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana

Gols: Cafu, 11/1; Raí, 35/1; Raí (cabeça), 36/2; Raí (pênalti), 48/2

SEP: César; Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César Sampaio/capitão, Daniel Frasson, Cuca e Zinho; Carlinhos (Maurílio) e Evair. Técnico: Octacílio Gonçalves

Gols: Daniel Frasson, 22/1; Zinho, 27/2

Árbitro: Oscar Roberto de Godoi

Expulsões: Ronaldão (São Paulo), Mazinho (Palmeiras)

Renda: CR\$ 4.165.200.000,00

Público: 90.688 pagantes

Ficha do Jogo de Volta

20.12.1992

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

SÃO PAULO Futebol Clube 2 X 1 Sociedade Esportiva PALMEIRAS

SPFC: Zetti; Vítor (Válber), Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana.

Gols: Müller, 24/1; Toninho Cerezo, 15/2.

SEP: César; Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César Sampaio, Daniel (Maurilio) e Cuca (Carlinhos); Jean Carlo, Evair e Zinho. Técnico: Otacílio Gonçalves.

Gol: Zinho, 45/2.

Árbitro: José Aparecido de Oliveira

Renda: CR\$ 5.228.880.000,00

Público: 110.887 pagantes

A Campanha

Primeira Fase

- 12.07.1992 – 1 X 1 – Clube Atlético JUVENTUS (SP)
- 21.07.1992 – 3 X 3 – ITUANO Futebol Clube (SP)
- 26.07.1992 – 1 X 0 – Esporte Clube NOROESTE (SP)
- 30.07.1992 – 1 X 1 – BOTAFOGO Futebol Clube (Ribeirão Preto – SP)
- 02.08.1992 – 1 X 1 – Clube Atlético BRAGANTINO (SP)
- 06.08.1992 – 1 X 0 – Associação Atlética INTERNACIONAL (Limeira – SP)
- 09.08.1992 – 1 X 0 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)
- 20.08.1992 – 0 X 0 – GUARANI Futebol Clube (SP)
- 23.08.1992 – 2 X 1 – Associação PORTUGUESA de Desportos (SP)
- 05.09.1992 – 2 X 3 – SANTOS Futebol Clube (SP)
- 08.09.1992 – 5 X 2 – Esporte Clube SANTO ANDRÉ (SP)
- 10.09.1992 – 1 X 0 – Grêmio Esportivo SÃO CARLENSE (SP)
- 13.09.1992 – 1 X 0 – Sport Club CORINTHIANS Paulista (SP)

- 20.09.1992 – 0 X 0 – SANTOS Futebol Clube (SP)
- 24.09.1992 – 1 X 0 – BOTAFOGO Futebol Clube (Ribeirão Preto – SP)
- 27.09.1992 – 1 X 1 – Esporte Clube SANTO ANDRÉ (SP)
- 01.10.1992 – 3 X 0 – Associação Atlética INTERNACIONAL (Limeira – SP)
- 04.10.1992 – 3 X 0 – Sport Club CORINTHIANS Paulista (SP)
- 07.10.1992 – 2 X 0 – Grêmio Esportivo SÃO CARLENSE (SP)
- 11.10.1992 – 2 X 2 – Associação PORTUGUESA de Desportos (SP)
- 15.10.1992 – 6 X 0 – Esporte Clube NOROESTE (SP)
- 18.10.1992 – 0 X 1 – Clube Atlético BRAGANTINO (SP)
- 22.10.1992 – 2 X 0 – Clube Atlético JUVENTUS (SP)
- 25.10.1992 – 2 X 1 – GUARANI Futebol Clube (SP)
- 29.10.1992 – 1 X 2 – ITUANO Futebol Clube (SP)
- 01.11.1992 – 0 X 3 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)

Segunda Fase

- 07.11.1992 – 2 X 0 – Associação PORTUGUESA de Desportos (SP)
- 11.11.1992 – 3 X 0 – SANTOS Futebol Clube (SP)
- 14.11.1992 – 4 X 2 – Associação Atlética PONTE PRETA (SP)
- 18.11.1992 – 2 X 1 – SANTOS Futebol Clube (SP)
- 21.11.1992 – 0 X 0 – Associação Atlética PONTE PRETA (SP)
- 28.11.1992 – 3 X 1 – Associação PORTUGUESA de Desportos (SP)

Finais

- 05.12.1992 – 4 X 2 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)
- 20.12.1992 – 2 X 1 – Sociedade Esportiva PALMEIRAS (SP)

A Artilharia

- Raí - 15 gols
- Müller - 12 gols
- Palhinha - 9 gols
- Ivan - 5 gols
- Cafu - 4 gols
- Toninho Cerezo, Dinho e Cuca - 3 gols
- Maurício, Catê e Válber - 2 gols
- Elivelton, Vítor, Ronaldão - 1 gol

A Classificação Final

C	Time	PG	J	V	E	D	GM	GS	SG	AP
1	São Paulo	52	34	21	9	4	63	29	34	70.6%
2	Palmeiras	41	34	16	9	9	41	29	12	55.9%
3	Ponte Preta	40	32	14	12	6	48	30	18	56.3%
4	Mogi Mirim	40	32	17	6	9	48	32	16	59.4%
5	Corinthians	39	32	15	9	8	44	30	14	56.3%
6	Portuguesa	38	32	13	12	7	42	28	14	53.1%
7	Guarani	36	32	11	14	7	41	35	6	49.0%
8	Santos	34	32	11	12	9	44	35	9	46.9%
9	Ituano	28	26	8	12	6	31	29	2	46.2%
10	Bragantino	26	26	10	6	10	24	25	-1	46.2%
11	Juventus	25	26	8	9	9	25	27	-2	42.3%
12	Noroeste	25	26	9	7	10	22	32	-10	43.6%
13	Botafogo (RP)	21	26	7	7	12	24	37	-13	35.9%
14	Santo André	19	26	3	13	10	20	32	-12	28.2%
15	São-carlense	16	26	4	8	14	25	40	-15	25.6%
16	Inter de Limeira	10	26	2	6	18	14	43	-29	15.4%
17	Rio Branco	34	26	13	8	5	35	20	15	60.3%
18	União São João	33	26	12	9	5	38	26	12	57.7%
19	Marília	30	26	11	8	7	36	29	7	52.6%
20	XV de Piracicaba	30	26	9	12	5	35	28	7	50.0%
21	Olímpia	27	26	9	9	8	25	24	1	46.2%
22	Novorizontino	26	26	9	8	9	30	26	4	44.9%
23	Ferroviária	24	26	9	6	11	25	22	3	42.3%
24	América (SJRP)	23	26	8	7	11	39	42	-3	39.7%
25	São José	19	26	4	11	11	22	34	-12	29.5%
26	Araçatuba	19	26	5	9	12	16	28	-12	30.8%
27	XV de Jaú	17	26	7	3	16	24	50	-26	30.8%
28	Catanduvense	9	26	1	7	18	9	48	-39	12.8%

Os Campeões

Jogador	P	J	V	E	D	GM	GS	CV	CA
Zetti	GL	32	21	8	3	0	26	0	0
Müller	AT	30	20	7	3	12	0	0	3
Pintado	VL	30	19	7	4	0	0	0	8
Palhinha	AT	28	19	6	3	9	0	1	3
Vítor	LD	26	16	7	3	1	0	0	8
Dinho	VL	26	16	6	4	3	0	0	6
Adílson	ZG	25	17	4	4	0	0	1	4
Ronaldão	ZG	22	16	5	1	1	0	1	4
Raí	MC	21	15	4	2	15	0	0	4
Catê	AT	20	11	5	4	2	0	0	2
Cafu	LD	19	13	3	3	4	0	0	1
Válber	ZG	19	13	3	3	2	0	1	4
Marcos Adriano	LE	15	8	4	3	0	0	0	3
Macedo	AT	14	7	6	1	0	0	0	1
Ivan	LE	13	7	5	1	5	0	0	4
Toninho Cerezo	MC	13	10	2	1	3	0	0	2
Maurício	AT	11	5	4	2	2	0	0	2
Ronaldo Luís	LE	10	7	1	2	0	0	0	0
Suélio	VL	8	3	4	1	0	0	0	0
Cuca	AT	8	3	4	1	3	0	0	1
Lula	ZG	8	6	2	0	0	0	0	3
Eraldo	MC	6	3	3	0	0	0	0	0
Elivélton	AT	5	4	1	0	1	0	0	1
Antônio Carlos	ZG	3	1	2	0	0	0	0	1
Gilmar	ZG	3	1	2	0	0	0	0	2
Sídnei	VL	2	0	2	0	0	0	0	0
Sérgio Baresi	ZG	2	0	2	0	0	0	0	1
Marcos	GL	1	0	0	1	0	2	0	0
Alexandre	GL	1	0	1	0	0	1	0	0
Menta	ZG	1	0	1	0	0	0	0	1



O CAPITÃO RAÍ ERGUE O TROFÉU DE CAMPEÃO PAULISTA DE 1992

4.

TRÍPLICE COROA SUL-AMERICANA



O TIME CAMPEÃO DA COPA LIBERTADORES DE 1993

Campeão da Copa Libertadores de 1993

Após conquistar a América e o mundo pela primeira vez, em 1992, o São Paulo repetiu a dose no ano seguinte e de modo ainda mais convincente. A temporada começou com a equipe Tricolor jogando até quatro vezes por semana (somente em abril o SPFC jogou 16 vezes em 30 dias e, por falta de datas, recusou-se até a jogar o Torneio Rio-São Paulo).

Na Copa Libertadores, ao menos, o São Paulo teve o calendário um pouco aliviado por ser, então, o atual campeão. Desta maneira, entrou na segunda fase da competição, já no "mata-mata". O mais curioso, entretanto, é que o primeiro adversário que enfrentou foi justamente o último combatido no ano anterior: o Newell's Old Boys, equipe argentina, que vinha sedenta pela chance de desforra.

E os "hermanos" começaram bem. Motivados, venceram a primeira partida, em Rosario, por 2x0. Não foi o suficiente. No Morumbi, mesmo com Raí enfaixado, com o pulso quebrado, os tricolores massacraram os argentinos por 4x0.

Nas quartas de final e semifinais, o Tricolor eliminou o Flamengo - que naquele mesmo ano enfrentaríamos novamente em uma das finais mais inesquecíveis do futebol, a Supercopa da Libertadores - e o Cerro Porteño, de Gamarra, Arce e do técnico Carpegiani. A final foi contra a Universidad Católica, do Chile, que havia eliminado a equipe base da famosa seleção colombiana do início da década de 90, o América de Cali.

Um fato, contudo, pouco abordado nos veículos portadores da história tricolor, é que a decisão quase não foi realizada no Morumbi. Isto por causa da épica comemoração e invasão de campo que se deu no gramado do estádio na decisão da Libertadores de 1992. Nos meandros da Conmebol existiram pessoas ou grupos interessados na interdição do Cícero Pompeu de Toledo para tal jogo, justificada, por tais, pelo medo da repetição das cenas finais da edição anterior da competição.

A situação não foi adiante graças a atuação da presidência são-paulina, que fez valer os direitos do clube junto à Conmebol e, claro, garantido toda a segurança necessária para a realização do espetáculo (pois, sim, no fim, foi um espetáculo - e como se viu, nada demais, nos termos pressupostos, ocorreu).



DETALHE DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

Assim, no dia 19 de maio de 1993, no Morumbi, o Tricolor enfrentou a Universidad Católica, do Chile, na primeira partida da decisão da Copa Libertadores da América daquela temporada. Com uma estrondosa goleada – 5 a 1 (gols de López, contra, Vítor, Gilmar, Raí e Müller) – o São Paulo praticamente definiu a conquista antecipada do torneio – o troféu somente foi erguido uma semana depois, após a partida de volta realizada no dia 26, fora de casa.

Não bastasse, o feito até hoje é marca imbatível na história da principal competição sul-americana: o placar é o resultado mais elástico já ocorrido em uma partida final da competição. Na ocasião, superou o 4 a 0 do Boca Juniors sobre o Deportivo Cali, da decisão de 1978. Assim, curiosamente, o Tricolor também detém a segunda maior goleada deste tipo: o mesmo 4 a 0, este sobre o Atlético Paranaense obtido na conquista da Libertadores de 2005.

O time chileno chegara à finalíssima após eliminar o favorito América de Cali (base da seleção colombiana que goleou a Argentina por 5x0, em Buenos Aires, naquele mesmo ano). Contudo, as surpresas pararam por aí. Diante do Tricolor de Telê Santana, que avançara até aquele ponto depois de desclassificar Newell's Old Boys, Flamengo e Cerro Porteño, os “cruzados” pouco puderam fazer.

5x1, fora o baile.

Tudo começou com o Tricolor partindo para cima: Palhinha carimbou a trave adversária logo de cara e Cafu forçou o goleiro a praticar excelente defesa pouco depois. Aos 30 minutos, a muralha cruzada caiu: o camisa nove são-paulino acertou novamente a trave, mas no rebote Lopez marcou contra: 1 a 0!

Dez minutos depois, linda jogada de Raí e Pintado, que encontrou Vitor adentrando a área e pronto para marcar um golaço! 2 a 0, placar do primeiro tempo. Mal reiniciada a partida (nove minutos), o zagueiro Gilmar foi à frente, tabelou pelo meio do campo, invadiu a área e bateu para o gol com categoria, no contrapé do goleiro: 3 a 0!

Sem dar tempo para os oponentes respirarem, aos 15 minutos Palhinha encontrou Cafu livre pela direita. Este cruzou para Raí, que com magistral categoria, completou de peito e anotou o quarto gol do Tricolor no jogo!

Um gol mais bonito do que o outro, mas ainda coube mais. Aos 25 minutos, enquanto o Morumbi ecoava a torcida a gritar “Olê, olê, olê, olê, Telê, Telê!”, a cereja no bolo: a zaga chilena tentou interceptar um lançamento para Müller, mas

tudo o que conseguiram foi facilitar para o atacante, que, de fora da área, bateu de pronto e encobriu o arqueiro adversário – que golaço! 5 a 0!

Em algum ponto entre o último gol são-paulino e a comemoração do bicampeonato sul-americano, os chilenos descontaram, de pênalti, embora ninguém tenha dado muita atenção ao fato. Contudo, uma menção especial é válida ao goleiro Zetti, que salvou um gol contra ainda no primeiro tempo e realizou uma série memorável de quatro defesas seguidas, no segundo.

Com o fim de jogo, ao técnico chileno só restou aplaudir: “O São Paulo é um time de mestres, uma equipe iluminada”. Posto isto, pouco importava o jogo de volta, o são-paulino já se sentia bicampeão da América!

Ficha do Jogo de Ida

19.05.1993

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 5 X 1 Club Deportivo UNIVERSIDAD CATÓLICA

SPFC: Zetti; Vítor (Catê), Válber, Gilmar e Ronaldo Luís (André Luiz); Pintado, Dinho, Cafu e Raí/capitão; Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana

Gols: López (gol contra), 30/1; Vítor, 40/1; Gilmar, 9/2; Raí, 15/2; Müller, 25/2

CDUC: Wirth; Romero, Sergio Vázquez, Contreras e López (Barrera); Lepe/cap., Parráquez, Tupper e Lunari; Pérez (Reinoso) e Almada. Técnico: Ignácio Prieto

Gols: Almada, 40/2

Árbitro: Jose Joaquin Torres Cadenas (Colômbia)

Renda: CR\$ 11.473.500.000,00

Público: 94.690 pagantes

PLACAR

Nº 1083-A
Cr\$ 100 000,00

POSTER GIGANTE
DO SÃO PAULO BICAMPEÃO
DA TAÇA LIBERTADORES



Ficha do Jogo de Volta

26.05.1993

Santiago (Chile)

Estádio Nacional de Santiago

Club Deportivo UNIVERSIDAD CATÓLICA 2 X 0 SÃO PAULO Futebol Clube

CDUC: Wirth, Romero, Vasquez, Barrera e Contreras (Cardoso); Parraguez, Lepe/cap. e Lunari; Tupper (Reinoso), Almada e Perez. Técnico: Ignacio Prieto.

Gols: Lunari, 9/1; Almada (pênalti), 15/1.

SPFC: Zetti; Vítor (Toninho Cerezo), Válber, Gilmar e Marcos Adriano; Pintado, Dinho, Cafu e Raí (capitão); Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana.

Árbitro: Juan Francisco Escobar (Paraguai)

Público: 45.000 pessoas

A Campanha

Oitavas de Final

- 07.04.1993 – 0 X 2 – Club Atlético NEWELL'S OLD BOYS (Argentina)
- 14.04.1993 – 4 X 0 – Club Atlético NEWELL'S OLD BOYS (Argentina)

Quartas de Final

- 21.04.1993 – 1 X 1 – Clube Regatas do FLAMENGO (RJ)
- 28.04.1993 – 2 X 0 – Clube Regatas do FLAMENGO (RJ)

Semifinais

- 05.05.1993 – 1 X 0 – Club CERRO PORTEÑO (Paraguai)
- 12.05.1993 – 0 X 0 – Club CERRO PORTEÑO (Paraguai)

Finais

- 19.05.1993 – 5 X 1 – Club Deportivo UNIVERSIDAD CATÓLICA (Chile)
- 26.05.1993 – 0 X 2 – Club Deportivo UNIVERSIDAD CATÓLICA (Chile)

A CAMPANHA
E AS FICHAS
DE TODOS
OS HERÓIS DA
CONQUISTA
INÉDITA

BICAMPEÃO DA AMÉRICA

Os Campeões

Jogador	P	J	V	E	D	GM	GS
Müller	AT	8	4	2	2	2	0
Pintado	VL	8	4	2	2	0	0
Zetti	GL	8	4	2	2	0	6
Vítor	LD	8	4	2	2	1	0
Palhinha	AT	8	4	2	2	1	0
Dinho	VL	8	4	2	2	1	0
Válber	ZG	8	4	2	2	0	0
Raí	MC	7	4	2	1	4	0
Cafu	LD	7	4	2	1	2	0
Gilmar	ZG	6	3	2	1	1	0
Ronaldo Luís	LE	6	4	2	0	0	0
Catê	AT	3	1	1	1	0	0
André Luiz	LE	3	2	0	1	0	0
Ronaldão	ZG	2	1	0	1	0	0
Adílson	ZG	1	0	0	1	0	0
Marcos Adriano	LE	1	0	0	1	0	0
Lula	ZG	1	1	0	0	0	0
Toninho Cerezo	MC	1	0	0	1	0	0

Cláudio Moura (AT), Elivélton (AT), Gilberto (GL), Jamelli (AT), Rogério Ceni (GL), Suélio (VL) e Vaguinho (MC) também são considerados campeões, mesmo sem terem realizado nenhuma partida, por estarem inscritos oficialmente na competição.

A Classificação Final

C	Time	PG	J	V	E	D	GM	GS	SG	AP
1	São Paulo (SP)	10	8	4	2	2	13	6	7	62,50%
2	U. Católica (CHL)	19	14	8	3	3	28	18	10	67,86%
3	América (COL)	16	13	6	4	3	26	22	4	61,54%
4	C. Porteño (PAR)	13	12	3	7	2	9	7	2	54,17%
5	Flamengo (RJ)	12	10	5	2	3	19	12	7	60,00%
6	Olimpia (PAR)	12	10	3	6	1	10	6	4	60,00%
7	Sp. Cristal (PER)	10	10	4	2	4	21	17	4	50,00%
8	Barcelona (EQU)	7	10	3	1	6	13	13	0	35,00%
9	Universit. (PER)	11	8	4	3	1	16	11	5	68,75%
10	A. Nacional (COL)	9	9	4	1	4	12	13	-1	50,00%
11	Nacional (URU)	8	8	3	2	3	13	11	2	50,00%
12	Bolívar (BOL)	8	8	3	2	3	12	10	2	50,00%
13	Newell's (ARG)	8	8	2	4	2	6	8	-2	50,00%
14	El Nacional (EQU)	8	8	4	0	4	12	15	-3	50,00%
15	Cobreloa (CHL)	8	8	2	4	2	9	12	-3	50,00%
16	Minerven (VEN)	6	9	2	2	5	9	21	-12	33,33%
17	River Plate (ARG)	5	6	1	3	2	4	5	-1	41,67%
18	Bella Vista (URU)	5	6	2	1	3	6	11	-5	41,67%
19	Caracas (VEN)	4	7	1	2	4	5	11	-6	28,57%
20	Internacional (RS)	3	6	0	3	3	4	9	-5	25,00%
21	San José (BOL)	2	6	1	0	5	8	17	-9	6,00%

A Artilharia

- Raí – 4 gols
- Müller – 2 gols
- Cafu – 2 gols
- Vítor – 1 gol
- Palhinha – 1 gol
- Dinho – 1 gol
- Gilmar – 1 gol



O TROFÉU DA RECOPA SUL-AMERICANA DE 1993

Campeão da Recopa Sul-Americana de 1993

O ano de 1993, como se sabe, foi aquele em que o Tricolor mais realizou partidas na história: 97! E o recorde foi estabelecido mesmo com o clube recusando participação em duas competições: o Torneio Rio-São Paulo e a Copa Interamericana (o São Paulo deveria ter enfrentando o Saprissa, campeão da Concacaf, mas declinou o convite e cedeu o posto ao vice-campeão da Libertadores de 1993, a Universidad Católica).

Por causa do absurdo número de jogos e competições, e decorrente falta de datas, a solução encontrada para a realização da Recopa Sul-Americana de 1993 foi aproveitar que a disputa seria entre dois clubes brasileiros, o Tricolor e o Cruzeiro, e fazer valer um dos dois jogos do curto torneio também para o Campeonato Brasileiro. Ou vice-versa.

Explicando melhor. A partida realizada no dia 26 de setembro entre São Paulo e Cruzeiro, no Morumbi, originalmente tabelada pelo Campeonato Brasileiro, valeu também para a decisão da Recopa de 1993. Coisas do calendário e do futebol sul-americano...

A Recopa era, verdadeiramente, um torneio novo. Instituído pela Conmebol apenas em 1989 para por em confronto os campeões dos principais torneios promovidos pela entidade: o vencedor da Copa Libertadores e o vencedor da Supercopa João Havelange, mais conhecida como Supercopa da Libertadores ou ainda Supercopa Sul-Americana (que por sua vez reunia todos os campeões da história da Copa Libertadores).

Ou seja: era um duelo de titãs, de pesos pesados do futebol da América do Sul: São Paulo, campeão da Libertadores de 1992, e Cruzeiro, campeão da Supercopa de 1992. Contudo, na prática, muito pela falta de organização local, o que se viu foram duas partidas com pouco apelo atrativo e baixo público.

Para a primeira partida, Telê estava desfalcado de quatro atletas: o lateral-direito Jura, o volante Luís Carlos Goiano e o polivalente Matosas, contundidos no jogo anterior, a derrota para o Flamengo; e Müller, lesionado há mais tempo. Restou ao comandante são-paulino armar o time no 3-5-2 e tentar jogadas velozes pelas pontas, com Valdeir, e de profundidade com o centroavante Guilherme.

Na prática, não deu muito certo.

A partida acabou em um zero a zero pragmático, muito devido à falta de entrosamento na nova formação tática e ao cansaço de Palhinha, que não conseguiu nutrir o ataque como se esperava. “Não aguento mais desculpas. O jogador é escalado para jogar”, disse Telê à Folha de S. Paulo (27/09). Pelo lado cruzeirense o destaque foi o jovem Ronaldo, de 17 anos, que deu trabalho ao sistema defensivo tricolor, chegando a acertar a trave de Zetti.

Depois do técnico são-paulino dar muitas broncas e cobrar seriedade do elenco, no período entre os jogos, e de um almoço entre todos os jogadores, para demonstração de união e comprometimento, o time viajou para Belo Horizonte no mesmo dia do jogo final. Assim, na quarta-feira, dia 29, foi a vez do Mineirão receber o embate entre as duas agremiações. O Tricolor foi a campo com duas alterações nominais e três táticas: Guilherme, apagado no primeiro jogo, deu lugar ao meia Juninho, o que fez Palhinha tomar posição no ataque. André Luiz também assumiu o posto de Leonardo, na lateral-esquerda.

As mudanças melhoraram o time, que dominou a partida nos primeiros minutos. Juninho quase abriu o marcador, após cruzamento de Cafu, no início do jogo. Contudo, jogando em casa, o Cruzeiro tratou de se impor e passou a controlar o ritmo do confronto. Dinho salvou uma bola em cima da linha, aos 25 minutos. No segundo tempo, o atacante Ronaldo novamente acertou a trave são-paulina.

Apesar dos lances de pressão, os tricolores souberam se postar em campo e reduzir o risco cruzeirense. “Do meio campo para trás, o time foi impecável e só poderia ter sido melhor no ataque”, comentou Telê (Folha de S. Paulo, 30/09). Com o apito final do juiz, o título foi decidido nos pênaltis.

Os mandantes começaram perdendo, logo de cara, duas cobranças. Paulo Roberto, para fora, e Ronaldo – que havia carimbado a trave uma vez em cada jogo, no tempo regulamentar – teve o chute defendido pelo goleiro Zetti. Assim, como todos os são-paulinos acertaram as primeiras quatro penalidades (Dinho, Cafu, Válber e Ronaldão), não houve necessidade de se cobrar a última tentativa: 4 a 2 no placar e mais um caneco internacional para levar para o Morumbi!

Ficha do Jogo de Ida

26.09.1993

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo – Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 0 X 0 CRUZEIRO Esporte Clube

SPFC: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão/capitão e Leonardo (André Luiz); Gilmar, Dinho, Toninho Cerezo e Palhinha; Valdeir e Guilherme (Juninho). Técnico: Telê Santana

CEC: Sergio; Paulo Roberto/capitão, Robson, Luizinho e Nonato; Ademir (Douglas), Rogério Lage, Boiadeiro e Luís Fernando; Macedo (Careca) e Ronaldo. Técnico: Carlos Alberto Silva

Árbitro: Renato Marsiglia

Renda: CR\$ 6.798.900,00

Público: 12.974 pagantes

Ficha do Jogo de Volta

29.09.1993

Belo Horizonte (MG)

Estádio Governador Magalhães Pinto

CRUZEIRO Esporte Clube 0 X 0 SÃO PAULO Futebol Clube

Nos pênaltis, 4 x 2 para o São Paulo.

SPFC: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão/cap. e André Luiz; Gilmar, Dinho, Toninho Cerezo e Juninho; Palhinha (Catê) e Valdeir (Jamelli). Técnico: Telê Santana.

CEC: Sérgio; Paulo Roberto/capitão, Robson, Luizinho (Célio Lúcio) e Nonato; Ademir, Rogério Lage, Boiadeiro e Luís Fernando; Macedo (Careca) e Ronaldo. Técnico: Carlos Alberto Silva.

Árbitro: Jorge Luis Nieves Parra (Uruguai)

Assistentes: Saul Feldman e Eduardo Rodrigues

Renda: CR\$ 7.616.400,00

Público: 20.018 pagantes

Pênaltis:

Paulo Roberto – perdeu / Dinho – gol

Ronaldo – perdeu / Cafu – gol

Luís Fernando – gol / Válber – gol

Ademir – gol / Ronaldão – gol



TELÊ SANTANA COM O TROFÉU DE CAMPEÃO DA RECOPA



Campeão da Supercopa de 1993

A jornada para o triunfo da Supercopa João Havelange começou com dois jogos contra o Independiente, da Argentina - tradicional rival sul-americano, que bateu o Tricolor na final da Libertadores de 1974 -, e os são-paulinos se saíram melhor com uma vitória por 2 a 0 no Morumbi (gol de Valdeir e contra de Éber Moas) e um empate em 1 a 1 fora de casa (novamente Valdeir marcou).

Nas oitavas de final, um adversário nacional, mas igualmente "copeiro": o Grêmio, que foi eliminado após empate no Pacaembu (2 a 2, gols de Cafu e Dinho) e vitória do Tricolor no Beira-Rio - sim, isso mesmo -, por 1 a 0 (gol de Cerezo).

A fase semifinal foi disputada contra o Atlético Nacional, da Colômbia, e acabou nos pênaltis (5 a 4, Dinho, Leonardo, Cafu, Müller e Gilmar acertaram, Válber errou), depois de vitória no Pacaembu, por 1 a 0 (Müller), e derrota no Atanásio Girardot por 2 a 1 (Palhinha).

A decisão do torneio se deu contra outro velho conhecido: o Flamengo, equipe que o Tricolor eliminou nas quartas de final da Copa Libertadores da América do mesmo ano. Foram dois jogos memoráveis que acabaram em 2 a 2, lá e cá. Na primeira partida, no Maracanã, o São Paulo saiu na frente com Leonardo, após boa jogada de André Luiz, e o time local virou o jogo com dois belos gols de Marquinhos. Perto do fim, Juninho, triangulando com Cafu, empatou para os são-paulinos.

No dia 24 de novembro de 1993, no jogo da volta realizado no Morumbi, foi a vez do Flamengo sair na frente do marcador, com Renato Gaúcho (de cabeça), e o do São Paulo virar o placar, novamente com Leonardo e Juninho, endiabrados. Porém, Marquinhos, mais uma vez deixou o dele e empatou o jogo.

Emoção pouca é bobagem (essas linhas não resumem a enormidade de chances perdidas por ambas as equipes no decorrer do confronto), mas o placar não foi novamente alterado. O título, assim, foi decidido nos pênaltis.

Os tricolores começaram chutando e Dinho marcou o primeiro. Rogério, do Flamengo, empatou. Leonardo pôs o São Paulo a liderar, pois Marcelinho Carioca desperdiçou a cobrança dele, na trave. Cafu marcou o terceiro e Marquinhos descontou: 3 a 2. André Luiz e Gelson anotaram os deles, ficando 4 a 3.

A cobrança decisiva coube a Müller, que bateu rasteiro, com categoria e sem chances para o goleiro Gilmar: 5 a 3 para o Tricolor!

Festa para os mais de 65 mil são-paulinos presentes no Morumbi! E a alegria não acabaria ali. Duas semanas depois, o São Paulo já se encontrava no Japão para o, então, novo “jogo mais importante da história”, contra o Milan, pelo Mundial de Clubes.

Ficha do Jogo de Ida

17.11.1993

Rio de Janeiro (RJ)

Estádio Jornalista Mário Filho - Maracanã

Clube Regatas do FLAMENGO (RJ) 2 X 2 SÃO PAULO Futebol Clube (SP)

SPFC: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão/capitão e André Luiz; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo (Valdeir) e Leonardo; Palhinha (Juninho) e Müller. Técnico: Telê Santana

Gols: Leonardo, 15/1; Juninho, 41/2

CRF: Gilmar; Charles, Junior Baiano, Rogério/capitão e Marcos Adriano; Fabinho, Marquinhos, Marcelinho Carioca e Nélio; Renato Gaúcho (Piá) e Casagrande (Gelson). Técnico: Junior

Gols: Marquinhos, 35/1; Marquinhos, 1/2

Árbitro: Marcio Rezende de Freitas

Expulsões: Junior Baiano (Flamengo), 4/2

Renda: CR\$ 27.410.400,00

Público: 28.005 pagantes

Ficha do Jogo de Volta

24.11.1993

São Paulo (SP)

Estádio Cícero Pompeu de Toledo - Morumbi

SÃO PAULO Futebol Clube 2 X 2 Clube Regatas do FLAMENGO

Nos pênaltis: 5 x 3 para o São Paulo.

SPFC: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão (capitão) e André Luiz; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo (Juninho) e Leonardo; Palhinha (Guilherme) e Müller. Técnico: Telê Santana.

Gols: Leonardo, 16'/2; Juninho, 34'/2.

CRF: Gilmar; Charles, Gelson, Rogério (capitão) e Marcos Adriano; Fabinho, Marquinhos, Marcelinho Carioca e Nélio; Renato Gaúcho (Eder Lopes) e Casagrande (Magno). Técnico: Júnior.

Gols: Renato Gaúcho, 9'/1; Marquinhos, 37'/2.

Árbitro: Renato Marsiglia

Assistente 1: Edie Mauro Detofolio

Assistente 2: Daniel Fernandes

Renda: CR\$ 72.508.500,00

Público: 65.355 pagantes

Pênaltis:

Dinho - gol / Rogério - gol

Leonardo - gol / Marcelinho Carioca - perdeu (trave)

Cafu - gol / Marquinhos - gol

André Luiz - gol / Gelson - gol

Müller - gol

A Campanha

Oitavas de Final

- 06.10.1993 – 2 x 0 – Club Atlético INDEPENDIENTE (Argentina)
- 13.10.1993 – 1 x 1 – Club Atlético INDEPENDIENTE (Argentina)

Quartas de Final

- 20.10.1993 – 2 x 2 – GRÊMIO Foot-Ball Porto Alegre (RS)
- 27.10.1993 – 1 x 0 – GRÊMIO Foot-Ball Porto Alegre (RS)

Semifinais

- 03.11.1993 – 1 x 0 – Club ATLETICO NACIONAL (Colômbia)
- 10.11.1993 – 1 x 2 – Club ATLETICO NACIONAL (Colômbia)

Finais

- 17.11.1993 – 2 x 2 – Clube Regatas do FLAMENGO (RJ)
- 24.11.1993 – 2 x 2 – Clube Regatas do FLAMENGO (RJ) 5 x 3 pen.

A Classificação Final

C	Time	PG	J	V	E	D	GM	GS	SG
1	São Paulo (SP)	10	8	3	4	1	12	9	3
2	Flamengo (RJ)	10	8	4	2	2	14	9	5
3	Atlético Nacional (COL)	9	6	4	1	1	5	2	3
4	Nacional (URU)	5	6	2	1	3	9	11	-2
5	River Plate (ARG)	6	4	3	0	1	6	4	2
6	Cruzeiro (MG)	5	4	2	1	1	13	8	5
7	Estudiantes (ARG)	4	4	2	0	2	5	3	2
8	Grêmio (RS)	3	4	1	1	2	4	4	0
9	Olimpia (PAR)	2	2	1	0	1	2	3	-1
10	Peñarol (URU)	2	2	1	0	1	1	2	-1
11	Santos (SP)	1	2	0	1	1	0	1	-1
12	Racing Club (ARG)	1	2	0	1	1	2	4	-2
13	Independiente (ARG)	1	2	0	1	1	1	3	-2
14	Colo-Colo (CHL)	1	2	0	1	1	4	9	-5
15	Argentinos Jrs. (ARG)	0	2	0	0	2	2	4	-2
16	Boca Juniors (ARG)	0	2	0	0	2	1	5	-4

A Artilharia

- Juninho - 2 gols
- Valdeir - 2 gols
- Leonardo - 2 gols
- Müller - 1 gol
- Cafu - 1 gol
- Palhinha - 1 gol
- Dinho - 1 gol
- Toninho Cerezo - 1 gol

Os Campeões

Jogador	P	J	V	E	D	GM	GS	CV	CA
Müller	AT	8	3	4	1	1	0	0	0
Ronaldão	ZG	8	3	4	1	0	0	0	2
Cafu	LD	8	3	4	1	1	0	0	2
Zetti	GL	8	3	4	1	0	9	0	0
Palhinha	AT	8	3	4	1	1	0	0	1
Dinho	VL	8	3	4	1	1	0	0	2
André Luiz	LE	8	3	4	1	0	0	0	2
Doriva	VL	7	3	3	1	0	0	0	1
Válber	ZG	7	2	4	1	0	0	0	1
Toninho Cerezo	MC	7	3	4	0	1	0	0	1
Juninho	AT	6	1	4	1	2	0	0	1
Valdeir	AT	6	3	3	0	2	0	0	1
Leonardo	LE	4	1	2	1	2	0	0	0
Gilmar	ZG	4	2	1	1	0	0	0	0
Jura	LE	2	0	1	1	0	0	0	0
Jamelli	AT	1	0	1	0	0	0	0	0
Guilherme	AT	1	0	1	0	0	0	0	0

Também são considerados campeões, apesar de não terem jogado uma partida sequer da competição os atletas Rogério Ceni, Ronaldo Luís, Catê, Luís Carlos Goiano, Matosas, Wellington, Murilo e Douglas, pois foram inscritos oficialmente na Conmebol.

5.

A JOIA DA COROA



MÜLLER E O GOL DO TÍTULO MUNDIAL DE 1993



Momentos que antecedem a glória

Cerca de 700 torcedores são-paulinos esperavam no saguão do portão 26 do Aeroporto de Cumbica a delegação do clube que embarcaria para o Japão perto da 1h da manhã de domingo (5 de dezembro). A comitiva são-paulina, que veio diretamente do Morumbi, onde poucas horas antes havia enfrentado e sido derrotado pelo Palmeiras na última rodada do Brasileirão de 1993, chegou por volta das 23h40 com 20 atletas: Zetti, Rogério, Jura, Cafu, Válber, Gilmar, Ronaldão, Ronaldo Luís, André, Dinho, Doriva, Cerezo, Luís Carlos Goiano, Leonardo, Palhinha, Müller, Guilherme, Matosas, Juninho e Valdeir.

Contudo, foi o técnico Telê Santana o mais assediado pela torcida. Telê, sorridente, teve de ser escoltado por policiais para conseguir embarcar, separando-o dos torcedores que lhe pediam autógrafos incessantemente.

O resultado ruim obtido no Choque-Rei e as reclamações contra o árbitro daquela partida, Dionísio Roberto Domingos, dominaram as entrevistas dos jogadores com a imprensa. Mas o novato Juninho, recentemente contratado em definitivo, era pura animação com o que de fato importava: a chance de ser campeão do mundo pelo Tricolor. “A gratidão é enorme para mim. Não esperava que algo assim aparecesse tão rápido em minha vida”, disse ele ao jornal O Estado de S. Paulo (6/12).

Ronaldão, que devido a recepção calorosa dos torcedores, quase se perdera da esposa e por pouco partiu sem se despedir, ainda comentou ao Diário de S. Paulo que: “o resultado negativo não pode e nem deve abalar a gente. O nosso grupo é responsável e vai brigar pelo bicampeonato em Tóquio. Acabamos de conquistar um título sul-americano inédito (Supercopa) e ninguém pode se esquecer que estávamos envolvidos numa maratona de jogos”.

O voo 836 da Varig, que levaria os tricolores à terra do sol nascente através de um Boeing 747, teria uma longa jornada pela frente. A única escala foi em Los Angeles, nos Estados Unidos, onde a comitiva ficou retida por cerca de duas horas, devido as questões técnicas e burocráticas normais de viagens desse tipo. Válber, no avião, brincava, dizendo conhecer uma maneira mais fácil de chegar ao Japão: “A gente podia ficar parado num helicóptero lá em São Paulo mesmo e esperar a terra girar. No momento que o Japão passasse embaixo a gente pulava de paraquedas” (A Gazeta Esportiva, 7/12).

Na bagagem, os tricolores levaram ao Japão, claro, o tradicional feijão brasileiro (no Japão não faltaria arroz), mas também muita carne, ofertada pelo frigorífico Bordon.

Após quase 25 horas de viagem, no total, o São Paulo chegou na cidade de Tóquio às 13h50 horas, no fuso local (1h50, no Brasil), do dia 6 de dezembro, desembarcando no Aeroporto de Narita. Chovia e a temperatura não poderia ser mais contrastante com a do verão brasileiro: cinco graus.

O desgaste físico e cansaço pelo deslocamento era ainda agravado pelo fato de os atletas terem encarado, dias antes, o trajeto Belém-São Paulo, para uma partida contra o Remo, como também por terem atuado, como dito, na última rodada do Brasileirão de 1993 no dia em que rumaram para o Oriente.

A delegação são-paulina, chefiada pelo presidente José Eduardo Mesquita Pimenta, hospedou-se no Hotel Prince e, como em 1992, treinaria, todos os dias, no conjunto Kodaira, da Tokyo Gas (distantes 60 km um do outro, quase duas horas de carro no trânsito da metrópole). Em 1993, contudo, os jogadores não sofreriam com a falta de lugar para repousar no período entre treinos – foram adquiridas camas para o complexo. No ano anterior, os atletas relaxavam sobre tatames mesmo.

Aliás, foi de grande importância o auxílio prestado à comitiva tricolor pelos funcionários de empresas brasileiras radicados no Japão, dentre esses, principalmente, do Banco do Brasil e da VARIG, como também da Associação Central Nipo-Brasileira

Telê tinha dois problemas para os primeiros treinamentos no Japão: Cafu e Doriga deixaram o Brasil contundidos, o primeiro com dores no ombro direito, devido a uma queda no jogo contra o Palmeiras, e o segundo com uma lombalgia aguda. Por esse motivo, aliás, o técnico são-paulino preferiu levar 20 jogadores ao torneio, e não somente os 18 atletas previamente inscritos na competição (Ronaldo Luís e Matosas foram incluídos de última hora).

O técnico tricolor sofria também com o assédio da JFA, a Federação Japonesa de Futebol, que tentava cooptá-lo para o cargo da seleção nipônica, no lugar do holandês Hans Ooft. “Não tenho muita vontade de vir pra cá, por isso pedi esta quantia (US\$ 200.000,00 livres, de salário). Se eles aceitarem, venho. Se não quiserem, fico no Brasil. Meu contrato termina junto com a decisão do mundial com o Milan. E estamos conversando (com o São Paulo), mas ainda não acertamos

nada”, afirmou Telê à A Gazeta Esportiva (7/12) na conferência de imprensa realizada no Tokyo Prince Hotel. Nesta coletiva, também estiveram à mesa o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta, o goleiro Zetti, representando os atletas.

Ainda no Brasil, aliás, Fernando Casal de Rey já havia reconhecido que negociações estavam em curso. “O nosso contrato com ele termina dia 31. Ele está cansado e já comunicou à diretoria do clube sua vontade de ficar parado durante o primeiro semestre. Não temos como competir com os dólares dos japoneses, mas se Telê optar em permanecer no Brasil, seu clube continuará sendo o São Paulo.” (Diário Popular, 7/12).

Outra preocupação da comissão técnica era com o fuso horário. A fim de impedir que os atletas trocassem o dia pela noite, por causa da diferença de 12 horas, Moraci Sant’Anna marcou treinamentos para aquela mesma tarde do dia 6, não deixando que caíssem no sono antes da hora. Esse foi um dos motivos para que o Tricolor chegasse ao Japão com uma semana de antecedência, em relação à data da decisão. Os organizadores do torneio queriam que o time embarcasse somente na terça-feira, dia 7, e chegassem em Tóquio na quinta-feira, dia 9, o que certamente abalaria a adaptação dos jogadores.

Depois aplicar uma sessão de 40 minutos de corrida leve, exercícios e alongamentos físicos, Moraci assumiu outra tarefa: a de inspetor de quartos. Às 20h, zanzou de aposento em aposento verificando e impedindo que os atletas dormissem antes da hora combinada (23h). A tática deu certo e o preparador físico tirou do cochilo Müller, Guilherme e André Luiz.

Quem não deu trabalho, ou melhor, quem não deu este tipo de trabalho foi Válber. Talvez entediado, resolveu brincar com o extintor de incêndio e acabou causando uma pequena traquinagem. “O Válber não tinha intenção, mas acabou batendo na chave e o extintor acionou. Tivemos que sair correndo do quarto. Lá se foi nosso descanso”, tripudiou André. Cafu completou: “Este Válber é mesmo danado”. A confusão não deu em nada, somente os funcionários do hotel que tiveram muito trabalho para limpar tudo, sem entender direito o que havia acontecido.

O dia 7 de dezembro marcou o primeiro dia de treinos com bola em solo japonês. Logo cedo, às 10h, sob um frio de 10 graus Celsius, os são-paulinos se alinharam em campo para a preleção do técnico Telê Santana e consequente bate-bola: um simples dois-toques entre os times titular e reserva.

JUMP COMICS 

キャプテン翼

つばさ

VOL. 2

〈ワールドユース編〉

高橋陽一

神の子
サンターナの巻



CAPA DE UM "MANGÁ" JAPONÊS: OLIVER TSUBASA COM O AGASALHO DO TRICOLOR

Bom, não fora isso que o comandante são-paulino havia planejado inicialmente. O treino seria tático (um trabalho especialmente elaborado para furar a linha de impedimento milanista), mas a presença de certo elemento considerado espião italiano alterou a programação.

“Pois não, cavalheiro, o que o senhor deseja aqui”? Perguntou Fernando Casal de Rey ao inoportuno e aparente jornalista. “Io sono osservatore de la squadra italiana”, respondeu o espião, tentando-se passar por analista da seleção italiana, conforme relatou O Estado de S. Paulo (8/12). Por lá ficou, todavia. A imprensa internacional, de modo geral, tinha correspondentes ali e pouco podia ser feito, naquela altura. Para o dia seguinte, porém, os funcionários do hotel garantiriam o treino secreto.

A pausa no treinamento foi um oferecimento de dirigentes da JFA e da J-League, que presentearam os atuais campeões mundiais com um almoço onde deixaram claro o interesse em tirar Telê Santana do Tricolor. O presidente José Eduardo Mesquita Pimenta transpareceu indignado: “Eles nem querem esperar a decisão com o Milan para procurar um acerto com o Telê”. Percebendo a inconveniência da hora e do pedido, Telê saiu contrariado e afirmando: “Eu não quero saber de proposta agora, só depois da final” (Jornal da Tarde, 8/12).

Ausente da primeira parte do treino pela forte lombalgia que sentia, Doriva pediu autorização ao médico são-paulino, Dr. Sanchez, para recorrer a um tratamento então pouco conhecido no Brasil, a acupuntura. “Se não fizer bem, mal não fará. Mas sei que 70% dos casos de lombalgia são curados com o a aplicação do método de acupuntura”, afirmou à A Gazeta Esportiva (8/12). Liberado, o volante buscou auxílio com a um ex-são-paulino radicado no Japão. Na verdade, um ex-são-paulino japonês, de fato: Musashi.

Musashi Mizushima jogou nas categorias de base do Tricolor entre 1985 e 1988, chegando a atuar no time expressinho (onde fez uma partida oficial pelo clube) e tomar parte no elenco campeão estadual de 1985. O jogador japonês não fez muito sucesso no Brasil – defendeu ainda São Bento e Portuguesa – mas na terra natal dele inspirou uma personagem e uma obra muito famosa na década de 90: Oliver Tsubasa, de Supercampeões (Ozora Tsubasa, de Captain Tsubasa, no original).

Com a orientação de Musashi, Doriva tratou-se com o especialista em acupuntura, sensei Ichiwata, nas dependências do Prince Hotel.

“Aqui todos os times de futebol trabalham com um profissional especializado em acupuntura”, comentou o único ex-jogador japonês da história tricolor.

Os problemas médicos seguiam, porém. Cafu e Juninho também perderam o treino com bola (apenas trotaram em volta do gramado) e foram levados pelo Dr. Sanchez, à tarde, junto a Doriva, à clínica médica Xax, do Tokyo Gas, para exames e radiografias.

A segunda parte do treinamento não diferiu da primeira. Novamente dois-toques, com alguns minutos de chutes a gol. “Não posso fazer mais que isso. Contra o Milan vamos completar nosso 97º jogo do ano. Fizemos quase o dobro do número de jogos do Milan” (A Gazeta Esportiva, 8/12), afirmou Telê, que ainda estava encucado com os possíveis espiões rivais: “Não vai entrar mais ninguém. Conheço bem os italianos. Eles estão de olho no nosso trabalho... Eu falo que ninguém vai entrar no treino, mas os jornalistas do Brasil estão liberados”.

Tarde da noite, no Japão, a delegação recebeu a notícia da convocação da Seleção Brasileira para o amistoso contra o México, no dia 16 – pouco tempo depois da decisão do mundial, marcada para o dia 12. O técnico Carlos Alberto Parreira chamou, nada menos, que oito atletas são-paulinos para a partida: Zetti, Cafu, Ronaldão, Leonardo, Dinho, Válber, Palhinha e Müller.

Desta maneira, sagrando-se campeões ou não, os oito são-paulinos embarcariam de Tóquio diretamente para Guadalajara, no México. Os jogadores, porém, somente tomaram conhecimento da lista no dia seguinte, quando a imprensa veio interpela-los sobre. “Verdade, cara? Foi a melhor notícia que poderia receber logo de manhã”, disse Leonardo ao repórter do Diário Popular (9/12), sem se preocupar com o futuro cansaço: “Seleção é Seleção. Vou com ela para onde tiver de ir”. Alguns, porém, estavam mais preocupados se poderiam levar as esposas, que ali estavam, ou com o que usariam na excursão: “Puxa, eles deveriam me avisar antes. Estou sem roupa de viagem”, retrucou Palhinha.

O aparentemente mais decepcionado, ou melhor, aflito, foi Müller. O jogador havia se casado no final de novembro e, até então, não pôde desfrutar da lua-de-mel com a esposa. “Mas Seleção a gente tem de respeitar, dar valor” (Jornal da Tarde, 9/12)

Dinho, contudo, por ser a novidade da convocatória, estava radiante. Ao descer do café, já alertado pelos colegas, encontrou os jornalistas com a felicidade estampada no rosto: “Só espero ter oportunidade para mostrar o meu valor. Quero

ser lembrado também para a Copa do Mundo” (Diário Popular, 9/12).

A quarta-feira, dia 8, amanheceu ainda mais fria (quatro graus) e com o tempo cerrado. No decorrer do dia, cairia uma chuva intermitente, por vezes forte, que agravaria a sensação térmica. Alguns chegaram a temer pela neve. O uruguaio Matosas, único integrante da delegação são-paulina a ter presenciado um campo todo branco, lembrou que esteve no banco do jogo do Peñarol contra o Porto, na decisão do Mundial de 1987, nessas condições.

O treino, ao contrário dos anteriores, foi pesado. Telê exigiu muito dos jogadores, cobrando que dessem no máximo um toque na bola. Perguntado se a ideia era envolver os adversários a base da velocidade, o treinador são-paulino foi além: “O que eu quero é que eles valorizem a posse de bola. O São Paulo tem que ficar com a posse de bola. Se de repente não for possível chegar à frente, pode voltar tocando a bola. Mas o que não pode é perder a posse de bola” (A Gazeta Esportiva, 9/12).

Novamente, Doriva, Cafu e Juninho não integraram a atividade, o que provocou nova mudança no planejamento da comissão técnica são-paulina, que se preparava para um treino coletivo entre titulares e reservas. Sem a participação dos três, adiou-se essa ideia para o dia seguinte. A maior preocupação era com o volante, que corria risco de ser cortado do elenco. As alternativas para a posição, caso fossem necessárias, eram Luis Carlos Goiano, Toninho Cerezo e, talvez, até Matosas.

O Milan chegou ao Japão por volta das 13h, nessa mesma quarta-feira. Hospedados no hotel Okura, os italianos treinaram ainda a tarde no Centro Cultural de Esportes Nishigaoka. O técnico Fábio Capello levou 18 atletas para a competição: os goleiros Rossi e Ielpo; os defensores Baresi, Tassotti, Galli, Costacurta, Nava, Panucci, Maldini e Desailly; os meias Orlando, Donadoni, De Napoli e Albertini; e os atacantes Massaro, Papin, Savicevic e Raducioiu. Em cinco as ausências sentidas: Simone, Boban, Lentini, Brian Laudrup e Van Basten (este, contundido havia mais de seis meses).

Capello estava cauteloso, mas confiante. “Para vencer, temos de apresentar forma física superior à do jogo contra o Torino. O São Paulo está mais forte do que nunca” (Jornal da Tarde, 7/12) ... “Por isso, se a equipe controlar o São Paulo na meia hora inicial, será possível vencer” (A Gazeta Esportiva, 9/12). A equipe italiana vinha de vitória no último jogo da Lega Calcio, 1 a 0 sobre o Torino, que valeu a liderança da competição.

IN



0
1
5
10
30
50

The 14th TOYOTA CUP

1993.12.12 東京・国立競技場



ACミラン

VS



サンパウロ

テレホンカード 50

CARTÃO TELEFÔNICO COM A PROPAGANDA DA DECISÃO

Os "rossoneri" também eram os primeiros colocados do grupo que contava com Porto, Werder Bremen e Anderlecht, na Copa dos Campeões da Europa.

Talvez o mais importante jogador do time rival, Baresi afirmou que a competição definia algo maior que o título mundial: "Para nós, está não é a decisão de um título qualquer. É um ponto decisivo na carreira de cada um, do treinador ao último reserva... Ou teremos a continuidade do grande Milan, ou será o fim de um período de ouro" (Folha da Tarde, 11/12).

Apesar dos desfalques e de ter chegado à competição não com o "status" de campeão, devido a punição ao Olympique de Marseille, vencedor do velho continente de 1993, o Milan era uma equipe de altíssimo nível, base da seleção italiana vice-campeã mundial em 1994 e com um histórico de três títulos mundiais obtidos, dois, então, bem recentes (1969, 1989 e 1990).

O São Paulo, por sua vez, não deixava por menos. Era o atual campeão mundial e vinha de três conquistas continentais naquela temporada, sem falar nas goleadas sobre os gigantes Barcelona e Real Madrid. Assim, não era de se estranhar o fato de que todos os 62 mil ingressos fossem vendidos com larga antecedência. No dia 13 de outubro, toda a carga foi esgotada, vendida através de um sistema de telefone em um intervalo de apenas 10 horas. Os preços variaram de 700 ienes, para estudantes, até nove mil ienes, cadeira reservada; algo entre 6,50 e 83 dólares, ou 1,5 mil e 22 mil cruzeiros (Folha da Tarde, 11/12).

No mercado paralelo, ainda era possível, entretanto, encontrar alguns pares nas mãos de algum "tafuya", cambista local, porém, por um preço muito mais salgado: US\$ 420,00, cerca de 110 mil cruzeiros (Folha de S. Paulo, 7/12).

Telê, contudo, talvez por necessidade de conter ímpetos de euforia e por os pés dos comandados dele no chão, via ressalvas: "Não posso negar. O time agora é bom, mas aquele que venceu o Barcelona era um pouquinho melhor. Hoje em dia não é fácil repor peças. Um time de futebol é bem diferente de um carro para o qual você pode comprar uma peça nova e pôr no lugar da velha e funcionar sem qualquer problema... No caso do São Paulo, ficamos sem o Raí e o Pintado, jogadores que tinham características diferentes e agora, mesmo com a entrada de outros jogadores que querem acertar, fica difícil a engrenagem voltar a funcionar bem".

Foi restando apenas três dias de treinamento antes da decisão que a comissão técnica tricolor pôde contar com o elenco completo para o primeiro treino coletivo e tático em solo japonês.

Mais que isso, era o primeiro treinamento do tipo que os são-paulinos realizavam em quase um mês, bem turbulento por viagens e jogos. Ao menos, naquela quinta-feira, dia 9, não choveu e a temperatura chegou a aprazíveis 14 graus, com um solzinho tímido. Outra boa notícia foi que os três atletas que frequentavam o departamento médico foram liberados e Telê, pôde, finalmente, escalar os times titular e reservas assim:

Titulares: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (o mesmo time da decisão da Supercopa, contra o Flamengo).

Reservas: Rogério Ceni; Jura, Gilmar, Matosas e Ronaldo Luís; Luís Carlos Goiano, Juninho e Musashi (!); Guilherme, Tel e Imai.

Sim, o time reserva foi escalado com 12 atletas, talvez para compensar a qualidade técnica dos desconhecidos Tel e Imai. E Musashi, como dito, era ex-atleta do clube. Apesar do elemento a mais, em campo, o grupo "B" não resistiu as investidas do elenco "A" durante os 90 minutos do jogo-treino em que Telê insistiu em trabalhos para furar a linha de impedimento típica dos milanistas. "Eles fazem a linha burra com facilidade e sempre com Baresi no comando" (A Gazeta Esportiva, 9/12). Placar final: 5 a 0 para os titulares.

O primeiro gol nasceu de tabela de André e Müller, que passou para Palhinha tocar mais à esquerda, onde encontrou Leonardo pronto para finalizar forte e a meia-altura, no canto direito de Rogério. Após lançamento de Zetti, com as mãos, Cerezo tabelou com Palhinha, que lançou Cafu pela direita, o lateral se livrou do adversário e anotou, 2 a 0. O terceiro tento foi o mais bonito da disputa: Leonardo tocou e Palhinha, da entrada da área, encobriu o goleiro Rogério Ceni, com categoria.

Müller marcou o quarto gol dos titulares depois de outra jogada envolvente de André, com Doriva, pela esquerda. Por fim, Zetti cobrou tiro de meta, a bola sobrou para Cafu cruzar na área e Matosas rebater. Cerezo chutou forte e deu números finais para a peleja.

Durante essa atividade no Tokyo Gas, em Kodaira, a delegação são-paulina recebeu a visita de Zico e Edu Maragon, que atuavam no futebol japonês, na época. Zico e Cerezo eram amigos de velhos tempos: ambos foram comandados por Telê Santana na Copa do Mundo de 1982. Depois do treino os jogadores foram dispensados de compromissos oficiais. Ou seja, foram fazer compras (os selecionáveis aproveitaram a folga também para aprontar documentos e renovar vistos).

Mas estar livre dos deveres não quer dizer que teriam um dia fácil. "Sobreviver" em uma terra com língua e costumes diferentes pode ser um grande empecilho. Mesquita Pimenta lembrou aos colegas de delegação o que havia ocorrido com Elivélton, ali no mesmo hotel, um ano antes: De folga, o atleta tentou solicitar um prato diferente, que não constava no cardápio e, sem conseguir se fazer compreender, fazia mímica e soletrava, guaguejando em português, como não poderia deixar de ser, o que pretendia comer: "TO - MA - TE". Ficou sem.

"Dinho comprou uma minitevê colorida e Leonardo investiu num moderno aparelho de CDs. Também Zetti comprou um gravador. A rigor, de todos que estavam presentes, apenas o técnico Telê Santana, que não gosta de gastar, não comprou nada. Telê foi na loja apenas para ganhar o vídeo-laser que foi dado pela Aiwa" (A Gazeta Esportiva, 10/12). Uma coincidência, nesse passeio, foi que a delegação tricolor encontrou a italiana no mesmo local, também fazendo compras.

Cerezo, aliás, ficou ressentido com os antigos colegas de trabalho, que em momento algum cumprimentaram o jogador: "Joguei tanto tempo na Itália e eles sabem quem sou. Mas são assim mesmo. Eles discriminam os sul-americanos. Pensam que têm o rei na barriga. Mas a resposta nós vamos dar em campo" (A Gazeta Esportiva, 11/12).

Nas longas duas horas da viagem de volta, até o Tokyo Prince Hotel, os são-paulinos dividiram o ônibus com jornalistas e assistiram a uma VHS produzida pelo Kashima Antlers com os gols de Zico. Foi um presente dado pelo jogador a Leonardo. Ao fim do especial, foi a vez dele, sempre ele, Válber, quebrar o gelo e soltar: "Tá vendo, Palhinha, como se faz gol? Acho que deu pra aprender, né"? Palhinha retrucou sem perder a linha: "É porque não jogo contra zagueiro como você, senão eu já era o maior artilheiro do Brasil", para a descontração de todos a bordo.

Mesmo com a distração em vídeo, os jogadores demonstravam impaciência com o trânsito de Tóquio, tanto que até a extrema calma do motorista em meio ao caos do tráfego irritava os brasileiros. "Esse país só tem uma coisa de errado: eles fazem tudo certinho, ninguém erra", brincou Cafu (O Estado de S. Paulo, 10/12).

No cair da noite, o técnico jantou com Saburo Kawabuchi, presidente da JFA, e com Tokyaki Suzuki, presidente da J-League. Os japoneses não podiam se conter na tentativa de contratar Telê para dirigir os "samurais azuis". Desconcertado, Telê disse que não gostaria de tratar disso nesse momento, "Mas não teve outro jeito. Os japoneses pediram licença ao presidente do São Paulo e aceitei conversar agora. Se a proposta for boa para as duas partes chegaremos a um acordo" (D. Popular, 9/12).



TREINOS DO ELENCO SÃO-PAULINO EM TÓQUIO

Contudo, nessa reunião o treinador não firmou compromisso com os estrangeiros, rejeitando, basicamente, o contrato longo, de quatro anos. Na realidade, Telê não chegou a jantar. Em 15 minutos, deixou o recinto, conforme o relatado no Diário Popular (10/12): “Minha cabeça está voltada para a decisão do Mundial. Minha preocupação no momento é com o Milan e a transferência ou não para o Japão está nas mãos do Caboclo (ex-dirigente são-paulino, amigo e assessor pessoal do treinador)”.

Casal de Rey tinha confiança de que o São Paulo não perderia o técnico são-paulino para ninguém: “Ele está muito enraizado ao São Paulo... e não quer sair do Brasil” (O Estado de S. Paulo, 10/12). O fato é que, no dia seguinte, a imprensa já noticiou que a Federação Japonesa encerrou as negociações, não chegando a acordo com Telê.

Contudo, outro integrante da comissão técnica estaria deixando o Tricolor naquele momento. Ou, ao menos, não permaneceria mais 100% no clube: Moraci Sant’Anna havia acertado a volta para a Seleção Brasileira. O consagrado preparador possuía uma pendência trabalhista contra a CBF, desde a Copa do Mundo de 1986, que foi sanada para que fosse possível esta nova passagem. O profissional só não sabia ainda quando deveria se apresentar a Carlos Alberto Parreira: muito provavelmente com os tricolores convocados para o amistoso do dia 16.

Nas páginas de jornais japoneses da sexta-feira, dia 10, só se via, além dos caracteres estranhos aos jogadores brasileiros, fotos dos atletas italianos. A imprensa local cedia amplo espaço a matérias e mais matérias sobre o Milan, e pouco destaque ao Tricolor. “Melhor assim... É melhor a gente entrar em campo como zebra”, comentou Toninho Cerezo para A Gazeta Esportiva (11/12). O fato não era de se estranhar, de forma alguma. Apesar de o São Paulo ser o atual campeão do mundo, os jogos do clube, sejam do Campeonato Brasileiro ou de torneios continentais, não eram costumeiramente exibidos no Japão – diferentemente das partidas da Lega Calcio ou da UEFA.

Se os são-paulinos despertavam menos interesse midiático no Oriente, em relação ao Milan, o mesmo não ocorria, obviamente, no Brasil. Galvão Bueno, locutor da TV Globo e que havia chegado a Tóquio no dia anterior, em conversa com Dirceu Cabral, de A Gazeta Esportiva (11/12), disse: “A Globo atinge um nível de audiência espetacular na madrugada de domingo durante a transmissão do Mundial”.

O fato foi confirmado, após a final. O Ibope, entre 1h e 3h30 da manhã, alcançaria incríveis 41 pontos (para se ter ideia, o primeiro jogo da decisão do Brasileiro entre Palmeiras e Vitória, às 17h de um domingo, chegou a, no máximo, 37 pontos).

Logo cedo, Telê começou o treino, no Conjunto de Kodaira, do Tokyo Gas. O time titular do coletivo não sofreu alterações: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Doriva, Dinho, Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha.

Precavida, a comissão são-paulina decidiu também por dedicar-se a cobranças de pênaltis à exaustão. Dinho e André Luiz foram os que se saíram melhores nos testes. Ronaldão, porém, preocupou: de três tentativas, mandou duas bolas na trave e uma para fora. Caso fosse necessário, a lista provável de batedores nas penalidades era composta pelo citado Dinho, e por Müller, Cafu, Válber e Leonardo. E vale lembrar que, até ali, Zetti nunca havia perdido uma decisão por pênaltis.

Depois do exercício, Palhinha apontou dores no joelho e André Luiz sentiu uma torção lombar, depois de colidir com Jura, mas, nada grave em nenhum dos dois casos.

Foi a última atividade são-paulina no centro de treinamento nessa “turnê”. Na despedida, o elenco presenteou os garotos das categorias de base do Toyko Gas com material esportivo do clube: camisas de treino, calções, alguns equipamentos e um ou outro par de chuteiras. Foi uma alegria geral para aqueles rapazes, que também eram funcionários da companhia energética e não tinham acesso a vestimentas de tal tipo.

A delegação também se despediu da cearense Célia Ouba, da paraense Francisquinha e da baiana Pureza: cozinheiras durante toda a estadia são-paulina no Tokyo Gas. Célia, curiosamente, era, na verdade, integrante de um grupo de bailarinas que faziam performances por todo o Japão. “Mas arrumei esse bico na cozinha só para poder ficar mais perto dos jogadores brasileiros” (Jornal da Tarde, 9/12).

À tarde, o elenco ganhou nova folga e o passeio da vez foi para conhecer a fábrica de produtos esportivos da Mizuno, situado no centro de Tóquio. Lá, Leonardo adquiriu uma bicicleta. “Fiquei ligado nas linhas arrojadas dessa bike”, comentou, afirmando planejar longas pedaladas com ela pela orla carioca (O Estado de S. Paulo, 14/12). Enquanto isso, os dirigentes são-paulinos tentavam contornar o mal-estar criado pela Federação Paulista de Futebol, que havia suspenso, por 30 dias, o diretor Fernando Casal de Rey por conta das reclamações que ele fizera sobre a arbitragem e a organização dos campeonatos brasileiro e paulista, em que teria proposto a criação de uma liga independente.

Revoltados, os outros seis diretores de futebol do Tricolor, Márcio Aranha, Herman Koester, José Dias da Silva, Jorge Magalhães, Kalef João Francisco e Ademir Scarpim, se uniram a Casal de Rey e chegaram a cogitar que o clube se desfiliasse da

FPF e que isso fosse proposto ao Conselho Deliberativo, no dia 22 próximo.

A situação só foi apaziguada com a intervenção do presidente Mesquita Pimenta: “Pedir desfiliação é perder o direito de disputar competições internacionais. Desfiliação da FPF significa renunciar à Taça Libertadores da América, da Supercopa, da Recopa Sul-Americana... A desfiliação seria a última decisão a ser tomada. Esse negócio de Liga é muito bonito, mas ainda é matéria nova. Ela veio com a regulamentação da Lei Zico e merece ser melhor estudada” (Diário Popular, 11/12).

Com o ânimo menos exaltado, Márcio Aranha se explicou: “Agimos assim porque tínhamos de reagir a tantas ameaças. Estamos fechados com o Telê, com o São Paulo e com o destino do futebol brasileiro. Lutamos contra a imoralidade”. O técnico também se expressou: “Sou contra a forma de disputa do campeonato. Quero o melhor para o futebol. Nada de torneio longo. Primeiro, o brasileiro, não o regional. Os jogadores nunca foram ouvidos e é preciso dar um basta nisso... O que eles fazem vai estourar em cima deles, mas não posso ser conivente com a bagunça” (Rádio Bandeirantes, em Diário Popular, 11/12).

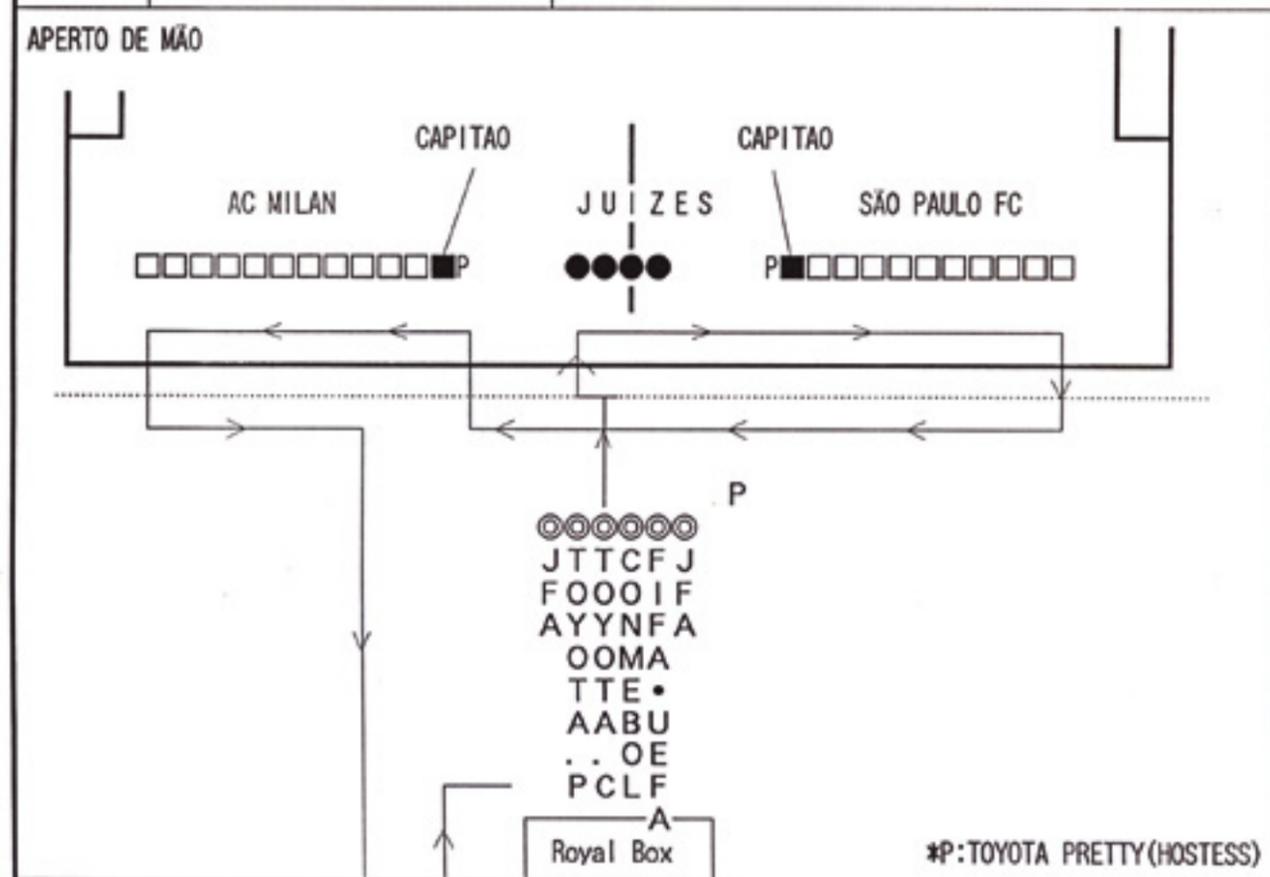
De modo geral, como se vê, as federações que deveriam colaborar com um filiado em um momento extremamente importante da história dele, nada fizeram para ajudar e, em verdade, só conturbaram o clima, instalaram uma crise e aumentaram o risco de um infortúnio.

Pouco foi noticiado nos jornais brasileiros sobre a programação na véspera da grande decisão. Tal assunto só estamparia o impresso na manhã do dia 12, quando o resultado da partida já seria mais do que conhecido por todos, graças ao rádio e a televisão. Desta maneira, no lugar da “notícia velha”, a imprensa escrita preferiu destacar matérias genéricas sobre o futuro do São Paulo, conjecturando entradas e saídas de jogadores e as decisões de Telê Santana para 1994.

As únicas atividades oficiais da delegação para aquele dia foram o treinamento marcado para o “reconhecimento” do gramado do Estádio Nacional de Tóquio e a videoconferência, no Tokyo Prince Hotel, onde os são-paulinos assistiram a mais uma atuação do Milan (também houve sessão de taipes na quinta e sexta-feira anteriores, à noite). Algo não planejado, no entanto, ocorreu antes da saída do elenco: uma ligação telefônica. Era Raí, que queria manifestar o apoio dele e o desejo que tudo desse certo para os antigos companheiros.

O palco da decisão do título mundial recebeu primeiramente a comitiva italiana, contudo, às 10h. A visita são-paulina se deu no início da tarde.

HORARIO	I T E M	CONTEUDO
11:50	CERIMONIA 1 -ENTRADA DOS JOGADORES NO CAMPO -APRESENTAÇÃO -APERTO DE MÃO	*OS JOGADORES ENTRARAO NO CAMPO E TOMARAO SEUS SEUS LUGARES. *ENTRADA DOS JFA, Sr. LENNART JOHANSSON (PRESIDENT DA UEFA/ VICE-PRESIDENTE DA FIFA) Dr. NICOLAS LEOZ (PRESIDENTE DA CONMEBOL) Sr. SHOICHIRO TOYODA (PRESIDENTE DA TOYOTA) Sr. TATSURO TOYODA (PRESIDENTE DA TOYOTA) *A ENTRADA DOS CONVIDADOS SERA ANUNCIADO PELO LOCUTOR E ATRAVES DO PAINEL ELETRONICO. *OS JOGADORES FORMARAO FILA TENDO OS JUIZES NO CENTRO. *OS REPRESENTANTES DA UEFA/FIFA, CONMEBOL, JFA, O DIRETOR E O PRESIDENTE DA TOYOTA SERAO CONDUZIDOS PELAS TOYOTA PRETTY(HOSTESS).



PROTOCOLO DE INÍCIO DE JOGO

O que poucos que estiveram ali, pela primeira vez, poderiam imaginar, é que quase vinte e dois anos depois, aquele estádio viria abaixo. Entre abril e maio de 2015, o Estádio Nacional de Tóquio foi demolido para futuras obras visando os Jogos Olímpicos de 2020.

Enquanto os tricolores treinavam, em Sasazuka - um distrito de Shibuya, em Tóquio - acontecia um "Festival dos Torcedores do São Paulo FC". O evento, promovido pela Sociedade de Estudos do Intercâmbio Cultural Nipo-Brasileiro, fez parte de uma programação oficial dos governos Metropolitano de Tóquio e do Estado de São Paulo e contou com comidas típicas dos dois países e apresentação de fotos e vídeos relacionados ao Tricolor. Cabe dizer que o lucro arrecadado na confraternização foi revertido como doação de Natal às crianças do projeto Monte Azul, na capital paulista, através do Children's Resource International.

Às 17h, já de volta ao Tokyo Prince Hotel, Telê Santana, ao lado do auxiliar Moraci Sant'Anna e de Márcio Aranha e Newton Freire, tomou parte da reunião que acertaria os detalhes finais para a realização do jogo. Esse encontro, realizado no terceiro andar do hotel, na sala "Kobai", contou também com representantes do Milan: Fábio Capello, Gianni Monti, Silvano Ramaccione e Umberto Gandimi; além dos dirigentes das Confederações envolvidas: os senhores Gerhard Aigner e Senes Erzik, secretário geral e chefe do comitê de competições de clubes da UEFA; Nicolás Leóz, Eugenio Figueiredo e Abílio d'Almeida, presidente, vice-presidente e chefe do comitê de arbitragem da Conmebol.

A arbitragem, aliás, também esteve representada pelo argentino Juan Carlos Los-tau, pelo coreano Hae-Yong Park e pelos japoneses Obata Shin-Ichiro e Kikuchi Hi-deo. O coreano foi o único a tomar parte no jogo, no dia seguinte. Outros representantes do país sede foram os senhores Tadao Murata, Junji Ogura, Kazuharu Shindo e Toshio Asami; vice-presidente, secretário-geral, secretário e chefe do comitê de arbitragem da JFA. Por fim, Keith Cooper, da ISL.

Esses 22 nomes deliberaram o seguinte: 1) seria permitido a entrada de somente 20 pessoas nos bancos de reservas; 2) cada time registraria apenas 16 jogadores (11 titulares e cinco reservas) e a numeração destes seria de 1 a 16, salvo, por motivos supersticiosos, quisessem excluir o número 13 - aí poderia ser usado o 17; 3) a lista com os nomes de cada time deveria ser apresentada à JFA às 9h do dia do jogo (ou seja, três horas antes do início). Uma hora depois ela seria liberada ao adversário e outra hora seguinte, à imprensa.

Também ficou acertado os uniformes de cada time - sem surpresas. A bola escolhida para os 90 minutos foi a mesma que ambas as equipes utilizaram nos treinamentos no Japão, dias antes: a Adidas Etrusco (ADHSF5ETUN), aprovada por UEFA e Conmebol.

Foi repassado o regulamento da competição e o cerimonial pós-jogo, com instruções sobre troca de uniformes, sessões de fotografia, entrevistas à imprensa obrigatórias (os dois últimos pontos), etc... Atenção especial também para o "melhor em campo", que receberia da Toyota Motor Corporation um montante em dinheiro equivalente a um Toyota Celica - em exibição no estádio. A chave simbólica do veículo entregue ao vencedor, para o evento de relação pública da companhia, seria devolvida à mesma logo a seguir.

Instruiu-se o uso restrito de bebidas da marca Coca-Cola, patrocinadora do torneio. Caso quisessem utilizar outro fornecedor, havia a necessidade de cobrir a marca com fita adesiva. Todos os demais alimentos seriam fornecidos pela equipe do Hotel, desde que previamente solicitados. O São Paulo, assim, pediu chocolate quente, café, laranjas cortadas e descascadas, suco de laranja e água mineiral sem gás, além de toalhas de banho e de rosto e sabonetes.

A programação oficial do dia 12 de dezembro ficou assim definida: 9h: abertura dos portões e instruções via placar eletrônico e locutor sobre o evento; 10h: apresentação de conteúdo histórico da competição no telão, com retrospectiva de cada edição e apresentação dos times atuais; 10h45: hora limite para chegada das delegações ao estádio e registro dos jogadores; 11h10: aquecimento no gramado - apenas 10 minutos para cada agremiação e primeiramente apenas com atletas do Milan. Os são-paulinos deveriam aguardar o retorno dos italianos ao vestiário. 11h30: fim do aquecimento; 11h45: reunião dos jogadores para entrada oficial em campo e checagem de chuteiras, uniformes e campo pelo trio de arbitragem.

Tudo, aparentemente, estava pronto para o jogo, por parte dos são-paulinos. Mas, às vezes, é só aparência mesmo. Um ponto, de verdade, ainda estava incerto na mente de Telê, ainda que poucos soubessem: o ataque do time.

Nos treinamentos não parecia restar dúvidas: a linha ofensiva certamente seria Müller e Palhinha, com Leonardo no apoio. Mas a realidade é que Telê Santana não queria entrar em campo com o tradicional camisa sete no ataque. Müller poderia não ser o titular. Seria pelo longo histórico de controvérsias entre o jogador e o comandante? Pouco há para esclarecer esse ponto.

Logo a preocupação do técnico alcançou o resto da comissão técnica, e, num pulo, também os diretores e o presidente. Foi necessário um certo tipo de concílio, a portas fechadas, entre Telê, Pimenta e os principais diretores, para que, pelo consenso, Müller fosse efetivamente escalado, como o foi.

Aquele sábado, 11, pode ter sido um dia de muita ansiedade e expectativa para os tricolores em solo nipônico, mas era apenas isso, apenas a véspera. No Brasil, devido ao fuso horário, o nervosismo era ainda mais justificável. Aqui, o sábado era (praticamente) o dia da decisão! Ou melhor, a noite dela. Afinal, quem iria dormir antes da bola rolar?

O jogo tinha o ponta pé inicial marcado para 1h, horário de Brasília (meio-dia, na Terra do Sol Nascente), e teria transmissão de duas redes de televisão: A TV Bandeirantes e a TV Globo. Ao todo, a partida seria exibida em mais de 60 países. A torcida são-paulina se organizou em vários pontos da capital paulista (e do Brasil) para assistir ao jogo com a esperança de comemorar com grandes festejos em seguida.

Na Avenida Paulista, então tradicional ponto de celebrações de títulos, a aglomeração estava programada para começar às 23h, em frente ao prédio da Fundação Cásper Líbero. O local contaria com telão de 6x5 metros (dispendido pelo Clube), "show de raio-laser", vídeo-taipes de vitórias do time e uma grande e esperada queima de fogos, ao final.

As duas principais torcidas organizadas promoveriam encontros em quadras de escolas de samba. A Independente, junto a Rosas de Ouro, na av. Coronel Euclides Machado, na Freguesia do Ó, com alardeados cinco mil litros de cerveja a partir das 21h; e a Dragões da Real com a Unidos do Peruche, na av. Ordem e Progresso, no Limão.

Outros lugares, como restaurantes e casas de shows também agendaram espaço para o evento, como o Banana Café, na rua Amauri; o Kremlin, na rua Franz Schubert; o Royal, na rua Antônio Bicudo; e o Dinho's Place, com a presença de ex-jogadores, na av. Morumbi. O Decathlon, na rua dos Pinheiros, além de telão, teria também apresentação musical do grupo Extra Samba. Por fim, um ponto especial a ser destacado pela relação óbvia do momento: o Café Japanesque, no Nandemoya, shopping de cultura oriental, no bairro da Liberdade, em São Paulo.

Com os preparativos todos prontos. Só faltavam os times entrarem em campo e o juiz apitar o início da decisão!



A AVENIDA PAULISTA: TRADICIONAL PONTO DE COMEMORAÇÃO DA TORCIDA



TELÊ SANTANA E FABIO CAPELLO

Momentos de tensão e expectativa

O dia do Tricolor começou cedo, como era de se esperar. Às 8h, todos já estavam de pé e às 8h30 de café tomado. Apesar do hotel em que se encontravam ser localizado próximo ao estádio (questão de cinco quilômetros de distância, 10 minutos de automóvel), era preciso certa pontualidade para enfrentar qualquer eventualidade no sempre complicado tráfego de Tóquio.

O trajeto para o local da partida era simples: partindo dos pés da famosa Torre de Tóquio (situada ao lado do Tokyo Prince) apenas duas avenidas a seguir, situadas sobre a linha Toei Oedo do metrô - o acesso mais fácil para torcedores.

Antes de partir, a preleção decisiva de Telê se ateu na lembrança a cada jogador da rotina de treinamentos diária, na atenção necessária para evitar erros bobos e no posicionamento tático do time italiano com objetivo de melhor aproveitar a posse de bola, a troca de passes e a ofensividade dos são-paulinos. Informações específicas foram expostas pela comissão técnica, que contava com a ajuda de Aloísio Santos, uma espécie de espião são-paulino infiltrado em Milão. Aloísio, empresário, foi contratado pelo Tricolor para analisar o time adversário logo após a conquista do bicampeonato da Copa Libertadores.

Durante o confronto, aliás, Aloísio entrava em contato, via rádio, com o preparador físico Moraci Sant'Anna a fim de orientar sobre táticas, técnicas e jogadas ensaiadas do adversário. "O Aloísio nos passou informações importantes. Durante a partida ele, que estava na arquibancada e tinha uma visão tática melhor do posicionamento do Milan, nos orientou e facilitou nosso trabalho. Quando o Capello fez as duas alterações, o Aloísio me informou quais eram as características de cada jogador e as alterações táticas que seriam feitas na equipe", afirmou Moraci (Diário Popular, 15/12).

Foi na preleção que os atletas tricolores tomaram conhecimento da escalação do time. 1. Zetti; 2. Cafu, 3. Válber, 4. Ronaldão e 6. André Luiz; 5. Doriva, 8. Dinho, 11. Cerezo e 10. Leonardo; 9. Palhinha e 7. Müller, todos titulares. No banco de reservas: 12. Rogério Ceni - então somente Rogério -, 13. Gilmar, 14. Luiz Carlos Goiano, 15. Juninho e 16. Valdeir. Foram cortados da partida, mas seguiram para o estádio e permaneceram entre os suplentes, os jogadores Ronaldo Luís, Matosas, Jura e Guilherme.

Cabe dizer que o registro dos atletas se deu às 9h em ponto, via fax. Mas, caso fosse necessário, por um imprevisto qualquer, contusão de última hora ou algo do gênero, ainda seria possível alterar os relacionados. O registro definitivo se daria no estádio, às 10h45.

O embarque, marcado para 10h, ocorreu sem pressa e logo o ônibus com a equipe são-paulina já estava na estrada. Com pontualidade, antes das 10h45 (horário-limite para estacionamento dos ônibus), como o combinado, a delegação são-paulina chegou ao complexo esportivo que abrigava o Estádio Nacional - ele conta, ainda, com um outro pequeno campo de futebol, ginásio metropolitano, três estádios de beisebol (um agora também em reformas para os Jogos Olímpicos de 2020), quadras de tênis e pista de atletismo.

No vestiário, Zetti repetiu o que fizera junto a Pintado em 1992 e tornou a passar um creme negro em volta dos olhos. No ano anterior, a ideia era causar algum efeito de intimidação nos adversários - como fazem os atletas do futebol americano - Mas, dessa vez, o goleiro repetiu a ação pensando na intensa luminosidade em que teria que jogar mais uma vez.

A pasta negra ajudou nesse aspecto contra o Barcelona e poderia novamente ser útil. Contudo, como se viu no segundo tempo, quando o arqueiro teve que atuar contra a luz do sol, não foi o suficiente para não ser ofuscado em um lance em que a bola foi alçada na meta que defendia, fato que resultou no primeiro gol do Milan, anotado por Massaro. O jeito foi, para o restante da disputa, recorrer a um simples boné...

Faltando uma hora para o começo do jogo, o tempo no Estádio Nacional de Tóquio era bom, mas frio, apenas 10 °C de temperatura e um pouco seco, com meros 38% de umidade. Já sabedores dessa situação, o roupeiro do clube, José Araújo, preparou o conjunto nº 1 do uniforme do São Paulo com camisas de mangas longas. Pelo tipo de material da confecção, 70% poliéster, 30% algodão, um tanto quanto pesadas. Se comparada a vestimenta de jogo atual, a camisa era praticamente uma blusa, de fato.

Devidamente trajados, os tricolores subiram para aquecimento assim que os milanistas regressaram ao vestiário deles. Eram 11h20 quando jogadores tiveram o primeiro contato com a torcida são-paulina - composta na maior parte de brasileiros, claro, mas havia também muitos japoneses, que passaram a admirar o time depois da vitória sobre o Barcelona, naquele mesmo estádio, no ano anterior.

O sucesso do São Paulo em terras nipônicas foi tanto que várias publicações começaram a fazer referências ao clube ou aos atletas dele, tanto a já citada obra "Captain Tsubasa", voltada para o público infanto-juvenil, quanto revistas especializadas, que passaram a cobrir o Tricolor periodicamente, tais como Striker e Soccer Digest.

Foi uma verdadeira febre, ao ponto de empresas parceiras do São Paulo veicularem propagandas nessas mídias. A Penalty, fornecedora de material esportivo do Tricolor, por exemplo, rotineiramente contava com páginas e páginas de catálogos de produtos por ela fabricados.

Havia até mesmo um "fã clube" oficial, como tradicionalmente as torcidas organizadas são chamadas naquele país do Oriente. Fundado em 1993, o "Japan San Paulo Fan Club" (escrita original: 日本サンパウロファンクラブ, romaji: Nihon San Paulo Fan Kurubu) foi reconhecido pela administração Pimenta e passou a contar com o apoio do Tricolor. Na data da decisão, já possuíam mais de mil associados, que contavam com facilidade para aquisição de ingressos em jogos tanto no Japão quanto no Brasil e recebiam também revistas do clube, descontos na aquisição de camisas e materiais esportivos e até mesmo oportunidades de estágio nos dois países.

Acima de tudo, um verdadeiro intercâmbio cultural, que não parou por aí. Em abril de 1994, foi fundado, em Saitama, o Primeiro Futebol Clube (プリメイロFC, Purimeiro FC), um time de futebol sub-15 que usava uniformes idênticos ao do São Paulo. A equipe atendia crianças menos favorecidas da região, como parte de um projeto social que perdurou até 2013.

Mas voltando às quatro linhas... Às 11h56, os jogadores dos dois times reentraram ao gramado, desta vez, juntos, para a tomada das fotos oficiais, a cerimônia de trocas de flâmulas pelos capitães, Ronaldão e Franco Baresi e; por fim, o tradicional "cara ou coroa".

O capitão do São Paulo conta que, pelo que lembra, Baresi foi o vencedor na moedinha, escolhendo começar com a pelota, fato que, para Ronaldão, foi ótimo, pois tudo o que os tricolores queriam era manter as posições de campo ocorridas em 1992. Afinal, não se mexe no que dá certo.

Com o sol a pino, exatamente 12h, o árbitro Jöel Quiniou fez soar o apito que deu início ao zênite da história do Tricolor, até então...



O PRIMEIRO GOL



O SEGUNDO GOL



O TERCEIRO GOL





Momentos de consagração eterna

“Encha o peito e grite bem alto: bicampeão mundial de futebol”! Com essa frase, Galvão Bueno, na transmissão da TV Globo, narrou o fim da decisão em que o Tricolor superou o Milan por 3 a 2, com o gol do título ocorrido nos derradeiros minutos do jogo.

Enquanto os jogadores e membros da comissão técnica ainda corriam e comemoravam pelo campo, a computação gráfica estampada na imagem da televisão, provinda diretamente da geradora japonesa Nippon Television Network, dizia em letras garrafais: “Congratulations, World Champions São Paulo FC” sobre a figura de um sorridente e inesquecível Telê Santana.

“É um prêmio à competência, à seriedade, ao profissionalismo com que os homens do São Paulo dirigem este time de tantas glórias nestes últimos anos. É o São Paulo campeão da Libertadores, campeão da Recopa, campeão da Supercopa, bicampeão mundial de futebol”! Exaltou Galvão.

Alguns minutos depois de tanta euforia, os atletas foram alinhados na lateral central do gramado para a cerimônia de entrega de troféus e prêmios, ao som de “We Are The Champions”, que reverberava no estádio. Vários atletas haviam trocado camisas com os milanistas. Juninho vestia a camisa de Baresi, já Cerezo, a de Di Napoli, amigo pessoal dele e a quem chamava de Narigudo.

O capitão Ronaldão recebeu a “Toyota Cup”, enquanto Müller, autor do tento crucial, pegou em mãos a “Coupe Européenne-Sudamericaine”. Ao erguerem as conquistas, rapidamente foram circundados pelos demais atletas, que festejavam efusivamente. Logo, todos posaram para uma nova “foto oficial” do campeonato, antes mesmo de chegarem ao pódio, agora contando também com os atletas reservas e cortados do jogo, como também membros da comissão técnica e diretiva.

“Todos os jogadores, toda a comissão técnica, todo mundo que faz esse lindo, esse maravilhoso trabalho no São Paulo Futebol Clube. O São Paulo que não se cansa de ganhar títulos. O São Paulo que não se cansa de mostrar que futebol se ganha com talento, com craque, com força, com garra, mas com competência, com liderança, com administração. Futebol se ganha com uma somatória. O São Paulo é um exemplo para o futebol brasileiro”. Conclamou o locutor da emissora antes da volta olímpica dos atletas tricolores pelo Estádio Nacional de Tóquio.

Por fim, Toninho Cerezo foi escolhido o melhor jogador do torneio. Recebeu como prêmio a “Toyota Key”, que representava a entrega de um carro Toyota Celica, avaliado em 2 milhões de ienes, ou 18 mil dólares. A bem da verdade, era tudo figuração. O que valia mesmo era o certificado que garantiria a Cerezo o valor equivalente em dinheiro pela condecoração. Posteriormente, o jogador são-paulino dividiu o dinheiro com os demais jogadores do elenco.

O campeão, aliás, seria agraciado pelos organizadores do evento, a Conmebol, a UEFA e a Toyota com US\$ 600 mil (US\$ 235 mil livres) e o vice-campeão com a quantia de US\$ 400 mil. Previamente, pela participação no torneio, o São Paulo recebeu US\$ 235 mil, pagos pela agência de publicidade Dentsu e ISL, detentoras dos direitos de transmissão (o Milan recebeu desta empresa a quantia de US\$ 400 mil).

O valor dos direitos entre sul-americanos e europeus, como se vê, era desigual. O que poucos sabem é que antes de 1993 era ainda mais díspare. Sobre essa antiga cota, o presidente Mesquita Pimenta costuma dizer que “Era uma premiação miserável, uma cota de miséria. Não dava para permanecer assim. Não pagava a hospedagem”.

Justificando que a aclimação ao fuso horário do Japão demandava aos sul-americanos um período maior de estadia no exterior - e assim, um maior dispêndio financeiro da delegação - Pimenta conseguiu convencer o então dono da ISL, em Madrid, alguns meses antes da disputa do título, a elevar esses valores.

Internamente, a bonificação prometida pelos dirigentes do Tricolor aos jogadores passaria de US\$ 12 mil por atleta (A Gazeta Esportiva, 13/12, já no dia 15/12 é dito 20 mil). Como comparação, Silvio Berlusconi, patrono milanês, havia oferecido um cachê de US\$ 25 mil a cada atleta - que, afinal, economizou.

Na coletiva de imprensa pós-jogo, Telê falou aos repórteres, ainda com a descontração e felicidade estampada no rosto: “Foi um grande jogo e eu já esperava que fosse assim. Foi difícil para superarmos a forte marcação do Milan, mas o São Paulo se agigantou em campo e chegou a uma grande vitória” (A Gazeta Esportiva, 13/12).

Não houve reclamação alguma sobre o trio de arbitragem. O francês Joël Quiniou teve uma atuação tranquila, sem querer chamar a atenção dos holofotes para si. Os auxiliares também não comprometeram, marcando perfeitamente os impedimentos causados pela linha defensiva do Milan. Mais tarde, no hotel,

o técnico são-paulino elogiou os homens de preto: “Eu nem vi o juiz em campo. Ganhamos limpamente e isso é bonito. Mesmo se tivéssemos perdido eu ia dar os parabéns ao árbitro” (A Gazeta Esportiva, 13/12).

Para Telê, foi importante, além de valorizar a posse de bola, o fato de os são-paulinos terem errado poucos passes e aproveitado, com ótimo aproveitamento, as chances criadas. “Por causa da maratona de jogos, nossa equipe vinha pecando na hora de entregar a bola..., mas diante do Milan o time se acertou em campo, errou poucos passes e nas vezes que procurou o gol adversário teve a felicidade de marcar. Acho até que contamos um pouco com a sorte, como naquele gol do Müller. Mas não importa, mesmo porque a jogada foi bonita e bem trabalhada no ataque. O Müller marcou o gol porque estava lá. Nada vem de graça” (A Gazeta Esportiva, 13/12).

O comandante também ressaltou a importância de se trabalhar com tempo disponível, sem que a maratona de jogos ou viagens pesem nas condições físicas dos atletas e na agenda de treinos: “Tivemos uma semana para treinar e o São Paulo cresceu em campo. É isso que eu defendo. Jogando três vezes por semana não tem time no mundo que vai render bem” (A Gazeta Esportiva, 13/12).

O veterano Cerezo, MVP do jogo, também esteve na coletiva: “Estou feliz porque foi o segundo ano consecutivo que sou campeão do mundo. Pra mim é uma conquista especial porque estou com 38 anos e muita gente já não acreditava em mim” (A Gazeta Esportiva, 13/12). “Jogo sempre como se fosse minha última partida”. O meio-campista ainda acrescentou: “Foi a vitória da fantasia no futebol, contra um time aplicado, que parece uma máquina” (Folha da Tarde, 13/12).

Pelo lado do Milan, apenas o técnico se fez presente na entrevista. Capello recorreu ao azar para explicar o que aconteceu no jogo. “Jamais poderia imaginar que o terceiro gol ia sair. Eu estava pensando na prorrogação. Não se pode levar um gol como nós levamos. Foi um acidente. O São Paulo teve muita sorte”. E sobrou para o goleiro: “O Rossi foi infeliz no lance”, e para a linha defensiva: “Não sei porque não fizeram a linha de impedimento em pelo menos duas jogadas que originaram os gols do São Paulo. Eles treinam para fazer. Se não fizeram, o que posso dizer?” (A Gazeta Esportiva, 13/12).

Savicevic, que ficou fora da partida, por sua vez, criticou duramente o técnico: “Capello só não me colocou para jogar contra o São Paulo porque não quis. Na volta a Milão vou esclarecer tudo” (Folha da Tarde, 14/12).



Berlusconi, presidente do Milan, ainda tentou contemporizar, dizendo que havia sido a melhor atuação do time rubro-negro em toda a temporada.

A delegação campeã foi recebida no Tokyo Prince Hotel com honras e uma festa ao ar livre, no jardim em frente à entrada principal. Toda sorte de bebidas, de suco de laranja até Champagne Pommery, e petiscos, como batata frita, foram oferecidos aos brasileiros. Telê, por exemplo, depois de assinar muitos autógrafos no portão, rendeu-se a uma cerveja local, Sapporo.

“Olha, pessoal, somos bicampeões do mundo. Vocês sabem o que é isso? Então vamos comemorar”. Disse Cerezo à Gazeta Esportiva (13/12) antes de despejar champagne nos companheiros e no pobre repórter que acompanhava tudo.

Müller, exultante, mesmo assim tentava explicar a comemoração do gol do título: “Esse foi para você, seu babaca”, foi para o Costacurta, que o provocou durante todo o jogo dizendo que o atacante não marcava gol em italianos (relembrando a passagem de Müller pelo Torino). “Os italianos pensam que são os melhores do mundo. Mas hoje provamos que somos os melhores do mundo”. Emendou à Folha da Tarde (13/12).

A certa altura, os jogadores decidiram retornar a ligação que receberam no dia anterior. Era manhã em Paris (na França, a partida acabou 6h) quando o telefone tocou e os atletas são-paulinos surpreenderam Raí. Todos agradeceram o apoio do antigo capitão.

Mais tarde, a comemoração continuou na Embaixada Brasileira. Em determinada hora, o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta recebeu um telegrama de outro presidente, o da República, encaminhado por veículos oficiais. Itamar Franco enviara os cumprimentos oficiais pela conquista do bicampeonato mundial, agradecendo em nome dos brasileiros e pedindo que transmitisse as felicitações para toda a equipe.

“O triunfo da equipe simboliza a capacidade do nosso povo, legitimamente representado pelos jogadores do São Paulo em superar e transformar em vitórias as adversidades temporárias e os desafios. Em um curto espaço de tempo, tenho a honra e a satisfação de parabenizar pela brilhante conquista em Tóquio, pela segunda vez consecutiva, do Campeonato Mundial Interclubes, convencido de que estou resumindo a alegria de todos os brasileiros”. Dizia o documento, reportado na A Gazeta Esportiva, de 14 de dezembro.

A festa dos atletas, que contou até mesmo com feijoada, durou até as 22h30. No dia seguinte, houve tempo ainda de alguns jogadores visitarem a fábrica de componentes eletrônicos da Pioneer. E claro, a passagem não ficou apenas na “visita” e os atletas aproveitaram para comprar algumas coisinhas então tão raras (ou caras) no Brasil.

Os festejos na Avenida Paulista, com cerca de cinco mil são-paulinos, duraram até as 7h, sem maiores incidentes, de acordo com a Polícia Militar. O pedreiro Carlos de Almeida foi um dos últimos a ir embora e fazia questão de dizer que “Eu não sou brasileiro, sou são-paulino” (A Gazeta, 13/12). Era, de fato, a coisa mais importante.

Comemoração agitada rolou até em Capivari, terra do goleiro Zetti. Segundo a mãe do jogador, Manuela Quagliatto, cerca de quatro mil (!) tricolores teriam lotado a Praça Dona Julieta, em frente a casa da família, onde assistiram ao jogo em um telão (Folha da Tarde, 13/12)

O dia 13 amanheceu no Brasil com os principais jornais noticiando a conquista são-paulina, como era de se esperar, com manchetes exaltantes. “O Dono do Mundo”, ilustrou a Folha de S. Paulo, fazendo também alusão a uma novela de sucesso entre 1991 e 1992. “Campeão, com toda justiça”, disse A Gazeta Esportiva. A Folha da Tarde foi direto ao ponto: “Bicampeão” sob os escudos dos dois times e o placar da partida. “São Paulo é bi mundial” foi a chamada no Diário Popular, praticamente a mesma linha adotado pelo Notícias Populares: “Tricolor Bi Mundial!”

Já o Jornal da Tarde preferiu destacar o melhor jogador em campo: “Cerezo, o Carrasco”, contando ainda com uma citação do atleta: “Quiseram fazer minha caveira, mas futebol se resolve ali dentro, no campo. Calei a boca dos que me chamavam de velho”.

A Gazeta Esportiva, a Folha da Tarde e o Notícias Populares, além de retratarem a conquista, contaram ainda com pôsteres de campeão – ainda que com imagens de jogos anteriores. Somente o Jornal da Tarde conseguiu reproduzir um cartaz com uma foto do evento no Japão.

Na Itália, o cenário, obviamente, foi outro. O principal jornal esportivo da “Bota”, o Gazzetta dello Sport, estampou na manchete: “Milan, que raiva!”, como modo de exprimir toda a frustração que foi o gol de Müller, perto do fim do jogo, sem, contudo, desmerecer a vitória são-paulina. O Tuttosport preferiu enaltecer o de-

sempenho do craque do jogo com a chamada “O triunfo do vovô Cerezo”.

Boa parte da imprensa italiana praticamente clamava por uma revanche, muito pela qualidade do futebol apresentado, mas também pelo inconformismo com o inusitado - para eles - final. Outro jogo contra o Tricolor, a partir de então, porém, não seria tão fácil de combinar. Campeão, o São Paulo decidiu aumentar a cota por amistoso no exterior. Em 1994, o valor seria de 250 mil dólares - para efeito de comparação, os Troféus Teresa Herrera e Ramón de Carranza renderam ao clube apenas 60 mil dólares por jogo.

Mesquita Pimenta sempre disse que as participações internacionais do São Paulo eram apreciadas - mais que isso: desejadas - justa e principalmente pelo mérito esportivo e por elevar o nome do Tricolor, e sua marca, por todo o mundo. Não era, efetivamente, pelo dinheiro.

“Só que uma revanche custaria um pouco mais caro. Por menos de US\$ 400 mil não entraremos em campo”. Afirmou um membro da diretoria ao Jornal do Brasil (15/02). Vale dizer que o Tricolor só voltou a enfrentar o Milan quase 20 anos depois da decisão de 1993. Foi na Alemanha, pela amistosa Audi Cup, em agosto de 2013.

Mas, voltando aos cumprimentos... A Federação Paulista de Futebol, mediante a figura de Eduardo José Farah, também parabenizou o São Paulo Futebol Clube e o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta pelo feito:

“Esta é, sem dúvida, uma grande conquista para o futebol brasileiro e paulista. Um feito histórico e oportuno. Um título que vem em boa hora para o Brasil, às vésperas do Campeonato do Mundo. Bisou o São Paulo o feito do Santos. É de um paulista o campeonato mundial. Este é o décimo título conquistado pelo São Paulo FC em nossa administração à frente da FPF. Faço questão de cumprimentar o grande vencedor, o presidente Mesquita Pimenta, que é o detentor de todos os recordes. Um abraço muito especial a esse dirigente” (A Gazeta Esportiva, 14/12).

Curiosamente, um ano antes, Farah não conseguiu evitar problemas ao Tricolor, que viajava para disputar o primeiro mundial, não alterando as datas das finais do Paulistão conforme o clube havia solicitado...



CHEGADA EM SÃO PAULO COM O BAGAGEIRO CHEIO

A marcha dos vitoriosos

Sayonara! Arigatou gozaimasu, Tokyo! O time campeão do mundo deixou o Japão, pelo Aeroporto de Narita, as 19h, horário local (8h, de Brasília), do dia 13. E, de acordo com as reportagens, mais de mil torcedores, brasileiros e japoneses, compareceram ao local para se despedirem dos campeões.

A viagem não foi tranquila. Foi melhor: animada! Além de muita descontração e brincadeiras, como Válber imitando fielmente o técnico Telê Santana - sem que este percebesse, claro -, contou também com os tradicionais coros liderados pelos jogadores, que cantaram várias vezes o hino do São Paulo e também alguns cânticos de torcida.

A pedido do elenco, a aeromoça passou o videoteipe do título, na íntegra, por duas vezes, no setor da aeronave em que estavam.

Os são-paulinos chegaram ao Brasil, de volta do Japão, no voo 833 da Varig, no Aeroporto de Cumbica, às 9h25 (com meia hora de atraso) do dia 14. Contudo, em ação promocional da patrocinadora do Tricolor, na época, a TAM, a comitiva embarcou novamente, dessa vez em um Fokker 100 da companhia aérea - personalizado com as cores do clube -, com destino ao Aeroporto de Congonhas, onde, por volta das 11h33, desembarcaram, finalmente, em solo nacional.

O grupo, porém, chegou desfalcado, sem oito jogadores, convocados para a Seleção Brasileira: Zetti, Dinho, Cafu, Palhinha, Válber, Leonardo, Müller e Ronaldão. Eles viajaram junto com a delegação campeã do mundo, mas na conexão, em Los Angeles, rumaram direto para Guadalajara. Lá se apresentaram ao técnico Carlos Alberto Parreira para o amistoso da Seleção contra o México.

Apesar da honra em defender o Brasil, o que os atletas queriam mesmo era curtir o momento de glória no regresso triunfante junto a torcida são-paulina. Müller e Cafu até tentaram convencer os diretores do clube para que participassem da festa e somente após isto arrumariam algum jeito de cumprir a tarefa com a CBF. Não foi possível.

E, para constar, o time brasileiro venceria o mexicano por 1 a 0, naquele 16 de dezembro, com Zetti, Ronaldão, Dinho, Palhinha e Müller como titulares e Leonardo, como substituto. Cafu e Válber foram só a passeio mesmo...

O presidente José Eduardo Mesquita Pimenta e o diretor de futebol, Fernando Casal de Rey, também não retornaram de imediato. Mesquita Pimenta seguiu, de Los Angeles, para Las Vegas, onde assistiria o sorteio dos grupos da Copa do Mundo de 1994. E Casal de Rey viajou ao sudeste asiático para tratar de assuntos particulares.

Para os que se dirigiam ao Brasil houve, ainda, outra escala, em Lima, no Peru, totalizando quase 30 horas de viagem, contabilizando todas as conexões. Frente a isso, o curto deslocamento entre Cumbica e Congonhas nada pesou. Em verdade, foi só motivo para mais festa. Jura, no sistema de som da aeronave, narrava os gols da vitória sobre o Milan, enquanto Toninho Cerezo cantava o hino do clube e brincava com os colegas.

Cerca de dois mil tricolores esperavam os campeões mundiais em Congonhas. Ao som de “Chora, porco imundo. Libertadores, Supercopa e bi do mundo” e de “Bi mundial é coisa que o Corinthians não consegue nem a pau”, a hora e meia de atraso em nada atrapalhou, servindo apenas para aumentar a ansiedade pelo festejo, que realmente começou quando Telê Santana desceu do avião para a pista carregando nos braços os dois troféus do título mundial. “Fica, Telê! Precisamos de você!”, gritavam.

Na sequência, Telê depositou em confiança as taças da conquista ao Vice-Presidente do São Paulo, Constantino Cury, que recepcionou a delegação e a encaminhou aos carros do Corpo de Bombeiros, – verdadeiros caminhões – que alojariam os campeões no percurso pela cidade até a sede tricolor.

Esses dois troféus oficiais ficaram, depois do cortejo, abrigados em cofre nas dependências do estádio até a inauguração do Memorial do São Paulo FC, em 28 de março de 1994. Mas isso não quer dizer que os são-paulinos mais fanáticos não puderam ver os símbolos das conquistas na Terra do Sol Nascente de imediato. O clube mandou produzir réplicas fiéis – com a devida autorização – para exposição aos torcedores no Salão Nobre do Morumbi e, posteriormente (após a devolução das originais à Conmebol e à UEFA), no citado Memorial.

Tamanha precaução se deu pelo fato de que, meses antes, um dos troféus originais do Mundial de 1992 havia desaparecido misteriosamente e dado por furtado durante uma semana, até ser encontrado por um funcionário em um dos banheiros da área social do clube, abandonado.

Voltando ao aeroporto... Na área de desembarque, a imprensa teve rápido con-

tato com os campeões. Telê aproveitou para elogiar os atletas e criticar o calendário do futebol brasileiro: “É impossível e desumano enfrentar uma maratona como fez o São Paulo. 97 jogos este ano. Os jogadores mereceram o título pelo sacrifício que fizeram” (Folha da Tarde, 15/12).

Polêmica era mesmo com Telê, que não perdia uma oportunidade para falar o que pensava. “Eu tenho a obrigação de falar. Essa é minha profissão e eu quero o melhor para ela. Quando peço o exame antidoping, quando peço boas bolas, é para melhorar o futebol” – relatou A Gazeta Esportiva (15/12). Respondeu ainda questões sobre o jogo, no aspecto tático, quando abordado sobre não armar o time defensivamente quando estava vencendo: “Troquei o Palhinha pelo Juninho para conseguir mais velocidade. Eu não tenho medo de perder”.

E foi além: “Quem for trabalhar no futebol e tiver medo de perder, pode cair fora. Eu não. Sempre jogo limpo e para ganhar!”.

Alguns jornalistas notaram algo curioso no pulso de alguns atletas. Ainda no Japão, os jogadores ganharam dos locais várias pulseiras de conta, de tradição budista, e alguns passaram a usá-las no pulso esquerdo. Até o presidente Mesquita Pimenta adotou a prática e, no saguão do aeroporto, foram questionados pelo fato: “Eu acredito nisso. Acho que Buda nos ajudou um pouco”. Moraci Sant’Anna também comentou que “É questão de ter fé. Ninguém é obrigado a acreditar. Mas a maioria dos jogadores passou a usar a pulseira, que simboliza Buda”. Doriva foi mais longe: “Eu corri o risco de não jogar. Fiz acupuntura e usei esta pulseira do Buda. Não sei, mas numa semana muita coisa aconteceu para mim. Ganhei condições de jogar e fui campeão” (A Gazeta Esportiva, 14/12).

De Congonhas para o Estádio do Morumbi, os campeões do mundo acompanhados também por um Trio-Elétrico. O cortejo foi através das avenidas Rubem Berta, Pedro Álvares Cabral, Brasil, 9 de Julho, Cidade Jardim, Brigadeiro Faria Lima, Eusébio Matoso, Francisco Morato e João Jorge Saad, até a casa são-paulina (percurso de cerca de 20 quilômetros).

A Capital paulista se rendeu ao Tricolor e foi tomada. Milhares de torcedores, de carro, moto, bicicleta e até de patins acompanharam o desfile que, ao contrário de 1992, não teve paradas em postos oficiais da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado. “Espero ter uma recepção dessas na minha cidade”, disse Doriva ao O Estado de S. Paulo (15/12).



CARREATA PELA CAPITAL PAULISTA

No caminho, o prefeito Paulo Maluf e o empresário e apresentador Sílvio Santos, que ficaram presos no congestionamento causado pela carreata, também comemoraram e saudaram a delegação são-paulina, com acenos e palmas.

Eram 12h48 quando o carro do Corpo de Bombeiros chegou ao Morumbi. Do lado de fora do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, outra multidão aguardava a comitiva para o momento final da celebração: a volta olímpica dos campeões. “Vi toda a torcida gritando por nós, por mim. É difícil segurar a emoção, mas hoje não consegui segurar nada. É alegria demais para uma despedida”, afirmou Cerezo, emocionado (O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, 15/12).

Na pista de atletismo do estádio, onde deveria ser dada toda a “volta olímpica”, o que se viu foi uma invasão de torcedores em júbilo e que queriam comemorar junto aos ídolos. No fim das contas, foi uma “volta semi-olímpica”, mas ninguém reclamou.

O evento foi encerrado com o atendimento a imprensa no saguão principal e um breve coquetel em homenagem aos vencedores no Salão Nobre do Estádio. Lá, enquanto saboreava uma justa cerveja e conversa com amigos, o técnico são-paulino ouviu o coro se repetir: “Fica, Telê. O São Paulo precisa de você”. Ali, o treinador foi convencido. Ele ficaria no Tricolor. Só faltava “verbalizar” novamente o acerto com o presidente Mesquita Pimenta, fato que ocorreu no dia seguinte.

“Telê Santana sorriu pelo menos durante 1h15 min ontem”. Foi o dito na abertura da coluna de Luís Augusto Símon, para A Gazeta Esportiva do dia 15. Era o auge da carreira do treinador: um bicampeonato mundial após ter deixado escapar, com a Seleção Brasileira, uma conquista equivalente também por duas vezes, em 1982 e 1986.

O melhor jogador do título, Cerezo, ainda em júbilo, afirmou no cair das cortinas: “Foi uma vitória com sabor de spaguetti, ou seja, à moda italiana. É por esta razão que eu sempre digo que o futebol brasileiro ainda é, e será por muito tempo, o melhor do mundo”.



MUITA FESTA PELO TÍTULO MUNDIAL DE 1993

ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

CAMPEÃO MUNDIAL DE FUTEBOL DE CLUBES 1992



I.

OS CAMPEÕES DO MUNDO EM 1993



O TIME CAMPEÃO DO MUNDO EM 1993



André Luiz

André Luiz Moreira

Lateral-Esquerdo

195 jogos, 18 gols

Estreia: 28/02/93

Despedida: 14/01/97

Nascimento: São Paulo, SP:
14/11/1974

Títulos: Campeão Mundial de 1993,
da Copa Libertadores de 1993, da
Supercopa de 1993 e da Recopa de
1993 e 1994

Dinho

Edi Wilson José dos Santos

Volante

114 jogos, 12 gols

Estreia: 26/07/92

Despedida: 12/12/93

Nascimento: Neópolis, SE:
15/10/1966

Títulos: Campeão Mundial de 1992
e 1993; da Libertadores de 1993, da
Supercopa de 1993, da Recopa de
1993 e do Paulista de 1992



Cafu

Marcos Evangelista de Moraes

Lateral-Direito

273 jogos, 38 gols

Estreia: 24/09/89

Despedida: 30/11/94

Nascimento: São Paulo, SP:
07/06/1970

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e
1993, da Copa Libertadores de 1992
e 1993, da Supercopa de 1993, da
Recopa de 1993 e 1994, Brasileiro de
1991 e Paulista de 1991 e 1992



Doriva

Dorival Guidoni Junior

Volante

91 jogos, 1 gol

Estreia: 02/07/91

Despedida: 03/12/94

Nascimento: Nhandeara, SP:
28/05/1972

Títulos: Campeão Mundial de 1993,
da Supercopa de 1993, da Recopa de
1993 e 1994 e do Brasileiro de 1991

Gilmar

Gilmar Jorge dos Santos

Zagueiro

150 jogos, 5 gols

Estreia: 29/08/91

Despedida: 14/03/96

Nascimento: São Paulo, SP:
23/04/1971

Títulos: Campeão Mundial de 1993,
da Libertadores de 1993, da Super-
copa de 1993, da Recopa de 1993
e 1994, da Copa Master Conmebol
de 1996, do Brasileiro de 1991 e do
Paulista de 1991 e 1992



Juninho

Oswaldo Giroldo Junior

Atacante

141 jogos, 22 gols

Estreia: 25/06/93

Despedida: 04/10/95

Nascimento: São Paulo, SP:
22/02/1973

Títulos: Campeão Mundial de 1993,
da Supercopa de 1993, da Recopa de
1993 e 1994, e da Copa Conmebol de
1994



Guilherme

Guilherme de Cássio Alves

Atacante

46 jogos, 18 gols

Estreia: 25/06/93

Despedida: 17/09/94

Nascimento: São Paulo, SP:
08/05/1974

Títulos: Campeão Mundial de 1993,
da Supercopa de 1993 e da Recopa
de 1993 e 1994



Jura

Jurandir Fatori

Lateral-Direito

20 jogos, 1 gol

Estreia: 18/08/93

Despedida: 04/12/93

Nascimento: São Paulo, SP:
12/06/1971

Títulos: Campeão Mundial de 1993 e
da Supercopa de 1993





Leonardo

Leonardo Nascimento de Araújo

Lateral-Esquerdo

111 jogos, 17 gols

Estreia: 11/08/90

Despedida: 05/12/01

Nascimento: Niterói, RJ: 05/09/1969

Títulos: Campeão Mundial de 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e 1994, e Brasileiro de 1991

Matosas

Gustavo Cristian Matosas Paidón

Meio-campista/Atacante

19 jogos, 5 gols

Estreia: 03/06/93

Despedida: 19/11/93

Nascimento: Montevideú, Uruguai:
27/05/1967

Títulos: Campeão Mundial de 1993 e da Supercopa de 1993



Luís Carlos Goiano

Luís Carlos Vaz da Silva

Volante

16 jogos, 0 gol

Estreia: 07/08/93

Despedida: 04/12/93

Nascimento: Santa Bárbara, GO:
31/08/1968

Títulos: Campeão Mundial de 1993 e da Supercopa de 1993



Müller

Luiz Antônio Corrêa da Costa

Atacante

387 jogos, 160 gols

Estreia: 15/11/84

Despedida: 24/11/96

Nascimento: Campo Grande, MS:
31/01/1966

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993, da Libertadores de 1992 e 1993, da Supercopa de 1993, Brasileiro de 1986 e 1991, e Paulista de 1985, 1987, 1991 e 1992



Palhinha

Jorge Ferreira da Silva

Atacante

232 jogos, 71 gols

Estreia: 29/01/92

Despedida: 02/11/95

Nascimento: Carangola, MG:
14/12/1967

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993, da Libertadores de 1992 e 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e 1994 e do Paulista de 1992



Ronaldão

Ronaldo Rodrigues de Jesus

Zagueiro

302 jogos, 13 gols

Estreia: 19/02/86

Despedida: 12/12/93

Nascimento: São Paulo, SP:
19/06/1965

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993, da Libertadores de 1992 e 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993, do Brasileiro de 1986 e 1991, e do Paulista de 1987, 1989, 1991 e 1992



Rogério

Rogério Ceni

Goleiro

1237 jogos, 131 gols

Estreia: 25/06/93

Despedida: 28/10/15

Nascimento: Pato Branco, PR:
22/01/1973

Títulos: Campeão Mundial de 1993 e 2005, da Libertadores de 1993 e 2005, da Copa Sul-Americana de 2012, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e 1994, da Conmebol de 1994, da Master Conmebol de 1996, do Brasileiro de 2006, 2007 e 2008, do Rio-São Paulo de 2001, e do Paulista de 1992, 1998, 2000 e 2005

Ronaldo Luís

Ronaldo Luiz Gonçalves

Lateral-Esquerdo

109 jogos, 2 gols

Estreia: 29/01/92

Despedida: 24/10/95

Nascimento: Belo Horizonte, MG:
14/08/1966

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993, da Libertadores de 1992 e 1993, da Supercopa de 1993, da Copa Conmebol de 1994 e do Paulista de 1992





Toninho Cerezo

Antônio Carlos Cerezo

Meio-campista

72 jogos, 7 gols

Estreia: 27/09/92

Despedida: 08/11/95

Nascimento: Belo Horizonte, MG:
21/04/1955

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993, da Libertadores de 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e do Paulista de 1992

Valdeir

Valdeir Celso Moreira

Atacante

23 jogos, 7 gols

Estreia: 22/09/93

Despedida: 06/02/94

Nascimento: Goiânia, GO:
31/12/1967

Títulos: Campeão Mundial de 1993, da Supercopa de 1993 e da Recopa de 1993



Válber

Válber Roel de Oliveira

Zagueiro

158 jogos, 5 gols

Estreia: 29/08/92

Despedida: 05/06/97

Nascimento: Rio de Janeiro, RJ:
31/05/1967

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993, da Libertadores de 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e 1994 e do Paulista de 1992



Zetti

Armelino Donizete Quagliato

Goleiro

432 jogos, 0 gol

Estreia: 15/07/90

Despedida: 24/11/96

Nascimento: Porto Feliz, SP:
10/01/1965

Títulos: Campeão Mundial de 1992 e 1993; da Libertadores de 1992 e 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e 1994, da Copa Master Conmebol de 1996, do Brasileiro de 1991 e do Paulista de 1991 e 1992





O Comandante

Telê Santana

Telê Santana da Silva

Treinador

410 jogos, 198 vitórias, 121 empates, 91 derrotas

Estreia: 21/01/73 (1ª passagem), 14/10/1990 (2ª passagem)

Despedida: 01/07/73 (1ª passagem), 27/01/1996 (2ª passagem)

Nascimento: Itabirito, MG: 26/07/1931

Telê é o técnico mais vencedor da história são-paulina. Ao todo foram dez títulos oficiais conquistados, incluindo os bicampeonatos da Copa Libertadores e do Mundial Interclubes, que elevaram o nome do Tricolor a um patamar nunca antes atingido. Eterno ídolo da torcida, que até hoje canta o nome dele, tinha como marca registrada a disciplina imposta aos comandados. Tudo pela perfeição técnica, visada mediante treino constante e rigidez de conduta.

Títulos:

Campeão Mundial de 1992 e 1993; da Libertadores de 1992 e 1993, da Supercopa de 1993, da Recopa de 1993 e 1994, do Brasileiro de 1991 e do Paulista de 1991 e 1992

A Comissão Técnica

Auxiliar Técnico: Moraci Sant'Anna

Preparador Físico: Altair Barbosa Ramos

Preparador de Goleiros: Valdir Joaquim de Moraes

Médicos: Dr. Carazzato, Dr. José Sanchez, Dr. Bezerra

Fisiologista: Dr. Turíbio de Barros Leite

Massagista: Hélio dos Santos

Roupeiro: José Araújo

A Diretoria

Presidente da Diretoria Executiva: José Eduardo Mesquita Pimenta;

Vice-Presidente da Diretoria Executiva: Constantino Cury;

Diretor Secretário-Geral: João Roberto Seabra Malta;

Diretor Jurídico: José Paulo Leal Ferreira Pires;

Diretor de Planejamento e Controle: Carlos Alberto Salvatore Filho;

Diretor Administrativo: Rodrigo F. de Souza Aranha, depois Maurício de Oliveira;

Diretor Financeiro: Antônio Galvão Trama;

Diretor Social: Basílio Rodrigues de Oliveira;

Diretor de Esportes Amadores: Ayrton Fernando Alves;

Diretores de Futebol: Fernando José P. Casal de Rey, Márcio Aranha, Herman Koes-ter, José Dias da Silva, Jorge Magalhães, Kalef João Francisco e Ademir Scarpim;

Diretor de Manutenção: Ubirajara Jarbas de Souza;

Diretor de Obras: Giácomo Albanese;

Diretor Comercial e Marketing: Michael Chain, depois Marcelo Martines;

Diretor de Assuntos Especiais: Lúcio Astolfo Novaes Filho;

Assessores da Presidência: Ademar de Barros e Paulo Quadri Prestes.

Os Conselhos

Presidente do Conselho Deliberativo: Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo: Carlos Eduardo de Barros Brisolla

1º Secretário: Odilon da Silva

2º Secretário: Otávio Ferrari Junior

Presidente do Conselho Consultivo: Carlos Ferraz

Presidente do Conselho Fiscal: Armando Capobianco

Membros Efetivos do Conselho Fiscal: Oscar Simon Poyares, José Perez Navarro Filho, Mauro Pereira Granja e Jorge Zugaib

Membros Suplentes do Conselho Fiscal: Adriano Augusto da Costa Filho, Octávio Funcia Gomez, José Rubens Macedo Soares Sobrinho, Arlindo Pinto de Souza e José da Rocha Ferreira Filho

Mandatos de Abril de 1992 até Abril de 1994. Conforme atas do Conselho Deliberativo datadas de 23 de abril de 1992 e 25 de outubro de 1993 e Revista São Paulo Notícias nº 75, de dezembro de 1993.



O Presidente

José Eduardo Mesquita Pimenta

Desde 1952, Mesquita Pimenta é sócio do São Paulo Futebol Clube. Foi eleito pela primeira vez para um mandato no Conselho Deliberativo em 1966 e reeleito consecutivamente em outras seis oportunidades, entre 1970 e 1986. Ocupou a vice-presidência desse órgão de 1982 até 1984. Após deixar o posto de Secretário-Geral da Diretoria (1984-1988), foi empossado Conselheiro Vitalício em 27 de outubro de 1988.

Em 23 de abril de 1990, Pimenta foi eleito Presidente da Diretoria e teve a gestão marcada por grandes investimentos na modernização administrativa, na informatização dos sistemas de trabalho e na reorganização geral do clube. Para conservar e promover a história de glórias do clube, construiu o Memorial do São Paulo Futebol Clube, inaugurado em 1994 e que foi mobiliado em grande parte por troféus conquistados sob a própria diligência.

Agraciado com a comanda da Ordem da Perseverança São-Paulina em 1994 - e declarado naquele ano membro nato do Conselho Consultivo, é Sócio Benemérito desde 2011. Atualmente integra o Conselho de Administração e é Presidente do Conselho Consultivo.

Certamente um dos principais méritos de Mesquita Pimenta à frente do Tricolor foi possuir a grande habilidade de saber conciliar harmonicamente as mais diferentes pessoas nas distintas posições, visões e hierarquias, sem perder o prumo e a liderança, transformando-os em engrenagens perfeitas em prol de todos.

Principais Títulos:

Campeão Mundial de 1992 e 1993; **Campeão da Copa Libertadores da América de 1992 e 1993**; Campeão da Supercopa Sul-Americana de 1993; **Campeão da Recopa Sul-Americana de 1993 e 1994**; Campeão Brasileiro de 1991 e **Campeão Paulista de 1991 e 1992**.

Condecorações:

Sócio Benemérito do SITREPESP; **Melhor Dirigente Esportivo do SITREPESP - 1992 e 1993**; Melhor Dirigente de Clubes do Sindiclubes e Secretaria Municipal de Esportes - 1993; **Troféu Bola de Ouro - 1993 (Rio de Janeiro) e 1997 (25 anos)**; Troféu Gandula de Melhor Dirigente de Clubes do jornal A Gazeta dos Esportes (Portugal) - 1993; **Troféu Antena Esportiva da Rádio Progresso de São Carlos - 1993**; Melhor Dirigente Esportivo da América do Jornal El País (Uruguai) - 1993; **Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Câmara Municipal da Cidade de São Paulo - 1994**; Atheneu Rotário: Homem do Ano no Esporte - 1994; **El Grand Collar de la Orden del Mérito del Fútbol Sudamericano - Confederacion Sudamericana de Fútbol - 1997 e 2007**.

II.

AS NOTAS DOS JOGADORES



CENA DA CONQUISTA MUNDIAL DE 1992

As Notas de "A Gazeta Esportiva"

Juninho 6



As Notas da "Folha da Tarde"

Juninho s/n



As Notas do "Diário Popular"

Juninho 6

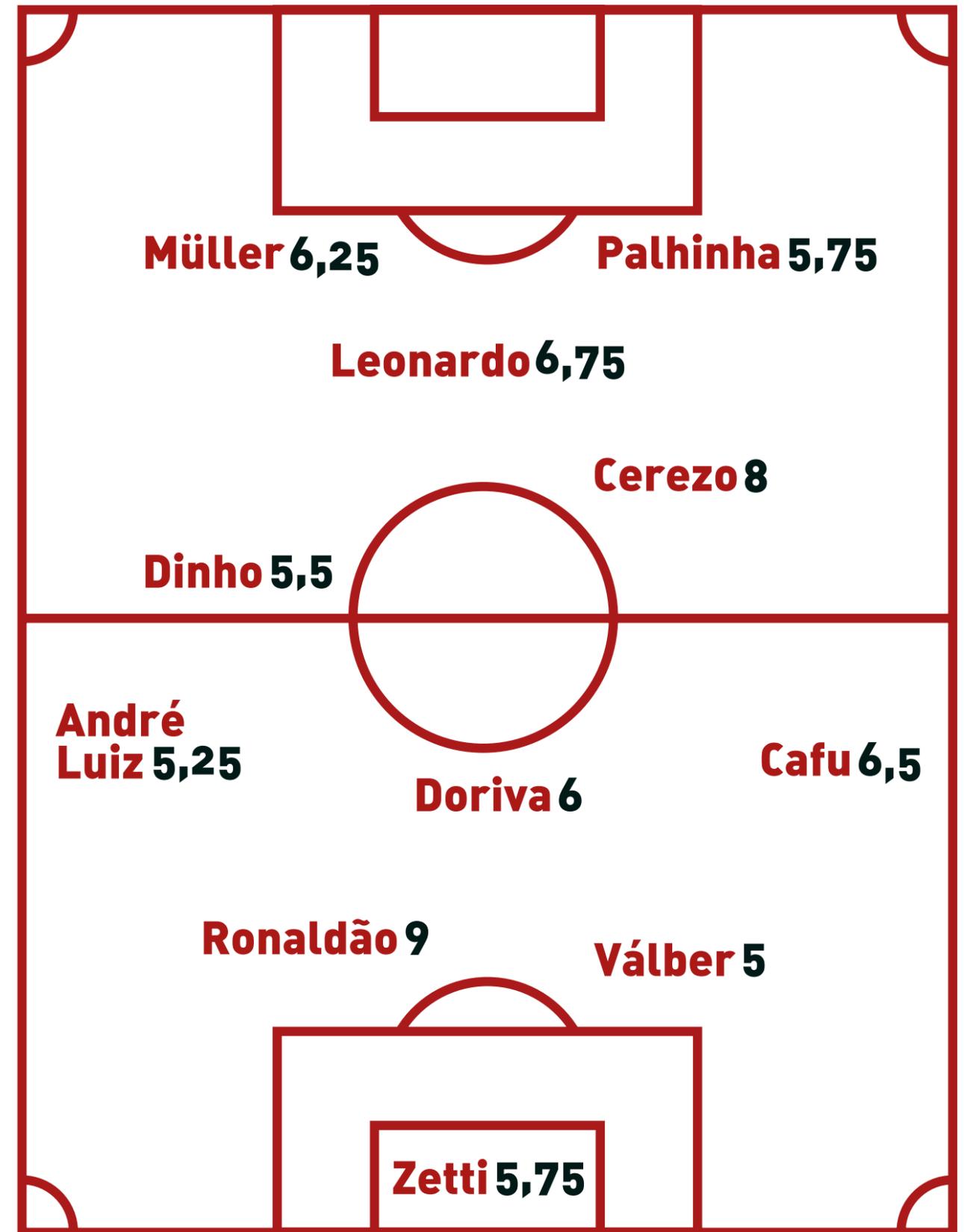




O MELHOR JOGADOR EM CAMPO - 1993

As Notas da "Folha de S. Paulo"

Juninho 6,25



III.

A LINHA DO TEMPO

1990

25/03: Vitória no clássico contra o Santos: São Paulo 1x0, gol de Ney Bala. Campeonato Paulista, Pacaembu

20/06: O São Paulo termina o Campeonato Paulista na 15ª colocação, entre 28 participantes

21/07: O São Paulo sagra-se campeão do torneio amistoso Copa Amistad, em Santiago, no Chile, ao vencer a Universidad de Chile por 2 a 0

23/04: José Eduardo Mesquita Pimenta é eleito Presidente da Diretoria Executiva do São Paulo Futebol Clube



15/07: Estreia de Zetti, goleiro, São Paulo 1x0 Pouso Alegre-MG. Amistoso, Monte Castelo

11/08: Estreia de Leonardo, lateral-esquerdo, São Paulo 2x2 León-MEX. Quadrangular de León, Nou Camp



1990

14/08: O São Paulo sagra-se campeão do torneio amistoso Quadrangular de León, no México, ao superar o Guadalajara nos pênaltis, 4 a 3, depois de 1 a 1 no tempo normal

10/10: Pablo Forlán comanda o Tricolor pela última vez e vence a Inter de Limeira por 1 a 0, pelo Brasileiro

24/11: Vitória no clássico. 1x0 Santos, gol de Mário Tilico. Brasileiro, Vila Belmiro

29/08: Despedida de Gilmar (Gilmar Luiz Rinaldi), goleiro, 0x1 Santos-SP. Brasileiro, Vila Belmiro

12/10: Telê Santana chega ao São Paulo para o início da era mais vitoriosa da história do clube

16/12: O São Paulo é o vice-campeão brasileiro da temporada de 1990





PARCERIA DE SUCESSO: MORACI SANT'ANNA E TELÊ SANTANA

1991



02/02: Começo de temporada oficial com vitória por 3 a 0 sobre o Atlético-MG em Belo Horizonte, gols de Flávio e Eliel (2x)

05/06: No primeiro jogo da decisão do Brasileirão, o São Paulo vence o Bragantino por 1 a 0 no Morumbi, gol de Mário Tílico

02/07: O Expressinho do Tricolor inicia uma série de jogos amistosos na China

23/02: Estreia do atacante Macedo, São Paulo 1x0 Fluminense-RJ. Brasileiro, Morumbi

09/06: O São Paulo sagra-se campeão brasileiro de 1991. Em Bragança Paulista: Bragantino 0 x 0 São Paulo

24/08: Tricolor é campeão do amistoso Troféu Cidade de Barcelona ao derrotar o Español por 4 a 2, gols de Raí (2x) e Baiano (2x)



1991

18/09: Goleada para cima da Catanduvense: 5 a 0, gols de Baiano, Macedo, Elivélton e Raí (2x)

12/10: O Tricolor se recupera e goleia o São José por 5 a 0. Antônio Carlos, Raí, Barros (contra), Eraldo e Macedo balançaram as redes



08/12: No primeiro jogo da decisão do Paulistão, um verdadeiro show de Raí, com três gols. São Paulo 3 x 0 Corinthians

09/10: Única derrota do São Paulo no Paulistão de 1991. Zebra no Morumbi frente a Inter de Limeira (1 x 4)

10/11: Vitória no Choque-Rei pelo Paulistão no Morumbi. 4x2 Palmeiras, gols de Macedo (2x), Müller e Raí.

15/12: O São Paulo sagra-se campeão paulista de 1991. São Paulo 0 x 0 Corinthians



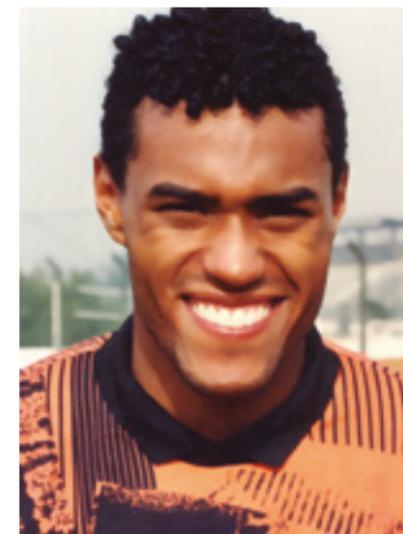


A FORÇA DO CAMPEÃO: DOIS TROFÉUS PELO PAULISTÃO DE 1991

1992

29/01: Estreia de Palhinha (Jorge Ferreira da Silva), atacante, 1x1 Santos-SP. Brasileiro, Vila Belmiro

17/06: Campeão da Copa Libertadores da América de 1992. São Paulo 1 (3) x (2) 0 Newell's Old Boys



18/07: Falecimento de Alexandre (Alexandre Escobar Ferreira), goleiro reserva do Tricolor, em um acidente de carro

23/04: José Eduardo Mesquita Pimenta é reeleito Presidente da Diretoria Executiva do São Paulo Futebol Clube

01/07: Vitória no SanSão no Morumbi, pelo Campeonato Brasileiro. 1x0 Santos, gol de Macedo

09/08: Vitória no Choque-Rei no Morumbi pelo Paulistão. 1x0 Palmeiras, gol de Dinho



1992

15/08: Campeão do Troféu Teresa Herrera de 1992 com uma grande goleada: São Paulo 4 x 1 Barcelona

31/08: Campeão do Troféu Cidade de Barcelona. São Paulo 2 x 1 Español. A Espanha é Tricolor

27/09: Estreia de Toninho Cerezo, meio-campista. 1x1 Santo André-SP, no Bruno José Daniel, pelo Paulistão

29/08: Campeão do Troféu Ramón de Carranza de 1992 arrasando outro time espanhol. São Paulo 4 x 0 Real Madrid

13/09: Vitória no clássico Majestoso realizado no Morumbi e válido pelo Paulistão. 1x0 Corinthians, gol de Palhinha

04/10: Goleada para cima do Corinthians no clássico no Morumbi. São Paulo 3 a 0! Gols de Müller, Palhinha e Ivan, de falta



1992

13/10: Goleada no clássico. São Paulo 4x1 Santos, no Morumbi, agora pela Supercopa. Gols de Raí, Palhinha, Válber e Dinho

18/11: Nova vitória no SanSão. Agora, São Paulo 2 x 1 Santos, no Pacaembu. Gols de Cafu e Müller

13/12: Campeão Mundial Interclubes de 1992. Barcelona 1 x 2 São Paulo, com dois gols de Raí

11/11: Mais uma goleada sobre o Santos, desta vez no Pacaembu e pelo Paulista. 3 a 0! Gols de Palhinha, Cerezo e Vítor

05/12: Primeira partida da decisão do Paulistão e vitória no Choque-Rei. No Morumbi, 4x2 Palmeiras. Gols de Cafu e Raí (3x)

20/12: Campeão Paulista de 1992. São Paulo 2 x 1 Palmeiras, com gols de Müller e Cerezo





O GOLAÇO DO TÍTULO MUNDIAL DE 1992, MARCADO POR RAÍ

1993

07/02: Goleada no clássico. No Pacaembu, pelo Paulistão: São Paulo 3 x 0 Corinthians, gols de Raí (2x) e Dinho

07/03: Vitória no SanSão. Com gol de Cafu, o Tricolor venceu o Santos por 1 a 0 no Morumbi

04/04: Outra vitória no Majestoso. Desta vez, São Paulo 2 x 0 Corinthians, no Morumbi, gols de Válber e André Luiz

14/02: Campeão do Torneio Cidade de Santiago, no Chile. São Paulo 3 x 0 Universidad Católica, gols de Palhinha, Ronaldo Luís e Cláudio Moura

27/03: O São Paulo recebe no Morumbi o Sevilla, de Maradona, e vence por 2 a 0, gols de Raí, fatuando a Copa Amizade



1993

19/05: No primeiro jogo da decisão da Libertadores, um espetáculo: 5 a 1 na Universidad Católica, com direito a gol de cobertura, de Müller, e de peito, de Raí

26/05: Campeão da Copa Libertadores da América de 1993. Em Santiago, Universidad Católica 2 x 0



25/06: Estreia de Juninho, Guilherme e Rogério Ceni. São Paulo 4x1 Tenerife-ESP pelo Troféu Santiago de Compostela

23/05: Vitória no clássico Majestoso. São Paulo 2 x 0 Corinthians, no Morumbi, com gols de Raí e Palhinha

03/06: Goleada histórica no clássico SanSão: 6x1 sobre o Santos, no Morumbi, que marcou a despedida de Raí

27/06: Campeão do Troféu Santiago de Compostela ao superar o River Plate nos pênaltis, 4 a 3, após empate no tempo normal em 2 a 2.



1993



10/07: Despedida de Pintado, volante, 1x1 Boca Juniors-ARG. Copa de Ouro no Pacaembu

09/08: Campeão do Troféu Jalisco, no México, sobre o Guadalajara, após disputa de pênaltis (6 a 5, 1 a 1 no tempo normal)

24/11: Campeão da Supercopa após dois jogos incríveis e disputa de pênaltis. São Paulo 2 (5) x (3) 2 Flamengo

07/08: Campeão da Copa Cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, com a vitória por 4 a 3 sobre o América do México, gols de Matosas (2x), Ronaldo e Dinho

29/09: Campeão da Recopa Sul-Americana de 1993, Cruzeiro 0 (2) x (4) 0 São Paulo

12/12: Campeão Mundial Interclubes de 1993. Milan 2 x 3 São Paulo. Gols de Palhinha, Cerezo e Müller



CAMPEÕES MUNDIAIS DE 1992 E 1993

IV.

**O ANO COM MAIS
JOGOS**



TELÊ SANTANA E O PRESIDENTE JOSÉ EDUARDO MESQUITA PIMENTA COM A COPA TOYOTA

Alta quilometragem

Em 1993, o Tricolor realizou 97 jogos: o maior número já estabelecido pelo clube em um único ano, até hoje. O recorde anterior era de 89 partidas (1981). Não bastasse a marca por si só, o efeito foi obtido após uma outra temporada também muito longa: 1992 terminou para o Tricolor com 84 confrontos disputados.

Além de chegar nas finais da maior parte dos campeonatos desse período, o São Paulo ainda era muito requisitado para participar de torneios amistosos de renome, no exterior. Contudo, claro, muito disso se deu graças ao calendário inchado das federações estaduais e nacionais.

Muitos jogos, com considerável fatia deles sendo internacionais, realizados no exterior, significam muitas horas em ônibus e aviões. Para se ter uma ideia, o time são-paulino visitou 31 cidades durante a temporada, das quais 13, quase metade, fora do Brasil.

Tóquio, a 18.554 km de distância; Los Angeles, a 9.916 km; La Coruña, a 8.413 km; Albacete, a 8.378 km; Santiago de Compostela, a 8.362 km; Huelva, a 7.943 km; Cádiz, a 7.916 km; e Guadalajara, a 7.875 km, foram os locais em que o Tricolor se apresentou mais afastados da sede do clube.

Em um exercício hipotético, caso considerássemos as distâncias de cada município visitado em relação com a Cidade de São Paulo, em vôos diretos e considerando a ida e a volta, a quilometragem alcançada, totalizada em 293.789,5 km, seria suficiente para dar 7,33 voltas na Terra a altura da Linha do Equador.

O número não passa de uma brincadeira para quantificar a incrível jornada dos tricolores no ano mais vitorioso da história do time, visto que com as conexões de vôo e deslocamentos indiretos, de uma cidade para a outra, sem retorno à São Paulo, é difícil realmente definir um número exato para essa saga.

Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28						

Julho

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Maio

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

 Dias de partidas

Camp. Paulista: Janeiro a Junho
 Copa do Brasil: Abril a Maio
 Libertadores: Abril a Maio
 Camp. Brasileiro: Setembro a Dezembro
 Supercopa: Outubro a Dezembro

1993: Calendário de jogos

V.

AS CONQUISTAS DA ERA DE OURO

A Relação de Títulos

Todas as conquistas do Tricolor obtidas no período 1990-1993

Competições oficiais [NOVE]

- Mundial de Clubes: 1992, 1993;
- Copa Libertadores da América: 1992, 1993;
- Supercopa da Libertadores: 1993;
- Recopa Sul-Americana: 1993;
- Campeonato Brasileiro: 1991;
- Campeonato Paulista: 1991, 1992;

Torneios amistosos [ONZE]

- Torneio Ramón de Carranza, Espanha: 1992;
- Torneio Teresa Herrera, Espanha: 1992;
- Taça Cidade de Barcelona, Espanha: 1991, 1992;
- Taça Cidade de Los Angeles, Estados Unidos: 1993;
- Copa Cidade de Santiago, Chile: 1993;
- Torneio Jalisco, México: 1993;
- Torneio Santiago de Compostela, Espanha: 1993;
- Copa Amizade, Brasil: 1993;
- Torneio Quadrangular de León, Trofeo de la Amistad, México: 1990;
- Torneio da Amizade, Chile: 1990;

Troféus secundários* [DOIS]

- Taça Federação Paraense de Futebol: 1993;
- Troféu Xacobeo, Espanha: 1993.

Categorias de Base [NOVE]

- Copa São Paulo de Juniores: 1993;
- Campeonato Paulista de Aspirantes: 1993;
- Torneio Internacional de Croix (Mundialito), França: 1993;
- Campeonato Paulista Juvenil: 1991;
- Campeonato Paulista Infantil: 1992;
- Campeonato Brasileiro Infantil "Copa Votorantim": 1991, 1992;
- Campeonato Sul-Americano Infantil: 1992, 1993.

*Troféus conquistados em partidas válidas por outros campeonatos.

VI.

ESTATÍSTICAS
DE 1990 A 1993

JAPAN SAN PAULO FAN CLUB
日本 サン・パウロ ファン クラブ



SPFC IS THE FIRST IN THE RANKING OF BRAZIL
EL SPFC ES EL PRIMER EQUIPO DE BRASIL



会員募集中

INSCRIÇÕES ABERTAS

oficializado pelo
S. P. F. C.

《募集要項》

- 第一次募集会員 1,000人
- 男女国籍問わず
- サンパウロFCのニュース提供
- クラブの催しに参加
- オリジナルグッズ割引
- 国内/ブラジル入場券の特売
- 研修
- 会員間観戦の促進

CARACTERÍSTICAS DA INSCRIÇÃO

- . 1º grupo: 1.000 sócios
- . Independente de sexo e nacionalidade
- . Notícias do SPFC e participação em todas as atividades realizadas pelo clube
- . Roupas e acessórios originais com desconto
- . Facilidade na aquisição de ingressos tanto no Japão como no Brasil
- . Estágio
- . Promoção de amizades

お問い合わせは/INFORMAÇÕES

日本 サン・パウロ ファン クラブ

東京都文京区関口1-43-6 カーサビアンカ402号
TEL: (03)3204-8541 FAX: (03)3204-8544

又は地方代理人 (REPRESENTANTE DA REGIÃO)

1990

Mais jogos disputados

C.	JOGADOR	P	J
1º	Raí	MC	61
2º	Flávio	VL	60
3º	Cafu	LD	45
4º	Antônio Carlos	ZG	44
5º	Ronaldão	ZG	43
6º	Bernardo	VL	38
6º	Mário Tilico	AT	38
8º	Ivan	LE	36
9º	Gilmar	GL	34
9º	Elivélton	AT	34

Mais gols marcados

C.	JOGADOR	P	GM
1º	Raí	MC	7
1º	Mário Tilico	AT	7
1º	Diego Aguirre	AT	7
4º	Ney Bala	AT	6
4º	Renatinho	MC	6
6º	Cafu	LD	5
6º	Eliel	AT	5
8º	Bernardo	VL	4
9º	Flávio	VL	3
9º	Ronaldão	ZG	3
9º	Bobô	MD	3

1991

Mais jogos disputados

C.	JOGADOR	P	J
1º	Zetti	GL	62
2º	Antônio Carlos	ZG	60
3º	Raí	MC	58
4º	Elivélton	AT	57
5º	Macedo	AT	54
6º	Cafu	LD	52
7º	Ronaldão	ZG	51
8º	Sídnei	VL	44
9º	Müller	AT	34
10º	Nelsinho	LE	32

Mais gols marcados

C.	JOGADOR	P	GM
1º	Raí	MC	31
2º	Macedo	AT	15
3º	Müller	AT	12
4º	Baiano	MC	7
5º	Antônio Carlos	ZG	5
6º	Elivélton	AT	5
7º	Cafu	LD	4
8º	Ronaldão	ZG	4
9º	Ivan	LE	4
10º	Rinaldo	AT	3

1992

Mais jogos disputados

C.	JOGADOR	P	J
1º	Zetti	GL	79
2º	Palhinha	AT	75
3º	Pintado	VL	70
4º	Ronaldão	ZG	67
5º	Adílson	ZG	66
6º	Müller	AT	65
6º	Raí	MC	65
8º	Cafu	LD	59
9º	Macedo	AT	51
10º	Ivan	LE	39
10º	Antônio Carlos	ZG	39
10º	Vítor	LD	39

Mais gols marcados

C.	JOGADOR	P	GM
1º	Raí	MC	31
2º	Palhinha	AT	25
3º	Müller	AT	24
4º	Macedo	AT	6
4º	Ivan	LE	6
6º	Cafu	LD	5
7º	Antônio Carlos	ZG	4
7º	Dinho	VL	4
7º	Elivélton	AT	4
10º	Ronaldão	ZG	3

e mais quatro jogadores com 3 gols

1993

Mais jogos disputados

C.	JOGADOR	P	J
1º	Dinho	VL	78
2º	Zetti	GL	70
3º	Palhinha	AT	69
4º	Cafu	LD	68
5º	Válber	ZG	65
6º	André Luiz	LE	62
7º	Ronaldão	ZG	57
8º	Müller	AT	55
8º	Gilmar	ZG	55
10º	Pintado	VL	46

Mais gols marcados

C.	JOGADOR	P	GM
1º	Raí	MC	23
2º	Palhinha	AT	22
3º	Cafu	PT	19
4º	Müller	AT	15
5º	Dinho	VL	8
5º	Catê	AT	8
7º	Cláudio Moura	AT	7
7º	Guilherme	AT	7
9º	Matosas	MC	5
9º	Leonardo	MC	5

1990 - 1993

Maiores públicos do Tricolor no Morumbi

1º	110.915	01/12/1991	Camp. Paulista	0x0	Palmeiras-SP
2º	110.887	20/12/1992	Camp. Paulista	2x1	Palmeiras-SP
3º	106.142	15/12/1991	Camp. Paulista	0x0	Corinthians-SP
4º	105.185	17/06/1992	Libertadores	1x0	Newell's OB-ARG
5º	102.821	08/12/1991	Camp. Paulista	3x0	Corinthians-SP
6º	100.858	16/12/1990	Camp. Brasileiro	0x1	Corinthians-SP
7º	97.831	28/04/1993	Libertadores	2x0	Flamengo-RJ
8º	96.340	14/03/1993	Camp. Paulista	0x0	Palmeiras-SP
9º	94.690	19/05/1993	Libertadores	5x1	Univ. Católica-CHL
10º	90.688	05/12/1992	Camp. Paulista	4x2	Palmeiras-SP
11º	86.538	23/05/1993	Camp. Paulista	2x0	Corinthians-SP
12º	85.463	13/12/1990	Camp. Brasileiro	0x1	Corinthians-SP
13º	74.671	13/09/1992	Camp. Paulista	1x0	Corinthians-SP
14º	71.286	08/04/1990	Camp. Paulista	0x0	Corinthians-SP
15º	69.473	04/04/1993	Camp. Paulista	2x0	Corinthians-SP
16º	67.759	05/06/1991	Camp. Brasileiro	1x0	Bragantino-SP
17º	65.355	24/11/1993	Supercopa	2x2	Flamengo-RJ
18º	60.322	04/12/1993	Camp. Brasileiro	0x2	Palmeiras-SP
19º	60.156	10/11/1991	Camp. Paulista	4x2	Palmeiras-SP
20º	57.923	02/06/1991	Camp. Brasileiro	0x0	Atlético-MG
21º	55.262	21/11/1993	Camp. Brasileiro	1x1	Palmeiras-SP
22º	51.319	18/04/1993	Camp. Paulista	2x0	Palmeiras-SP
23º	50.446	05/05/1993	Libertadores	1x0	Cerro Porteño-PAR
24º	47.095	27/03/1993	Copa Amizade	2x0	Sevilla-ESP
25º	44.298	02/12/1990	Camp. Brasileiro	1x1	Santos-SP
26º	44.146	04/10/1992	Camp. Paulista	3x0	Corinthians-SP
27º	43.465	15/04/1990	Camp. Paulista	0x2	Palmeiras-SP
28º	43.429	07/04/1991	Camp. Brasileiro	1x1	Corinthians-SP
29º	42.597	04/07/1992	Camp. Brasileiro	2x0	Flamengo-RJ
30º	39.965	07/03/1993	Camp. Paulista	1x0	Santos-SP

*Somente considerado o público pagante, que conste do borderô como tal. Não considerado jogos com portões abertos ou sem público pagante declarado.

VII.

**TODOS OS JOGOS
DE 1990 A 1993**



TELÊ SANTANA E JOSÉ EDUARDO MESQUITA PIMENTA EM TÓQUIO

Temporada de 1990

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
28/01/90	Camp. Paulista	Majestoso	0x0	Ponte Preta-SP
04/02/90	Camp. Paulista	Canindé	2x1	Juventus-SP
08/02/90	Camp. Paulista	M. Mendonça	0x1	América-SP
11/02/90	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Ituano-SP
18/02/90	Camp. Paulista	Sílvio Salles	1x0	Catanduvense-SP
21/02/90	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Noroeste-SP
03/03/90	Camp. Paulista	F. Luminosa	2x3	Ferrovária-SP
07/03/90	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	Botafogo-SP
10/03/90	Camp. Paulista	Z. Magalhães	0x1	XV de Jaú-SP
14/03/90	Camp. Paulista	Morumbi	3x2	São Bento-SP
18/03/90	Camp. Paulista	Brunão	0x1	Santo André-SP
21/03/90	Camp. Paulista	Morumbi	0x1	XV Piracicaba-SP
25/03/90	Camp. Paulista	Pacaembu	1x0	Santos-SP
31/03/90	Camp. Paulista	Vail Chaves	0x1	Mogi Mirim-SP
08/04/90	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Corinthians-SP
15/04/90	Camp. Paulista	Morumbi	0x2	Palmeiras-SP
18/04/90	Camp. Paulista	Morumbi	4x0	São José-SP
21/04/90	Camp. Paulista	M. Stéfani	0x0	Bragantino-SP
25/04/90	Camp. Paulista	Pacaembu	2x0	Portuguesa-SP
29/04/90	Camp. Paulista	Herminião	0x0	União S. João-SP
02/05/90	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	Novorizontino-SP
06/05/90	Camp. Paulista	Morumbi	4x1	Inter de Limeira-SP
12/05/90	Camp. Paulista	B. de Ouro	0x1	Guarani-SP
20/05/90	Camp. Paulista	Morumbi	2x1	Ponte Preta-SP
24/05/90	Camp. Paulista	Limeirão	2x1	Inter de Limeira-SP
27/05/90	Camp. Paulista	Brunão	0x1	Santo André-SP
30/05/90	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	Botafogo-SP
03/06/90	Camp. Paulista	Alfredão	3x0	Noroeste-SP
06/06/90	Camp. Paulista	Majestoso	3x1	Ponte Preta-SP
10/06/90	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	Inter de Limeira-SP
13/06/90	Camp. Paulista	Morumbi	0x1	Santo André-SP
17/06/90	Camp. Paulista	Santa Cruz	1x1	Botafogo-SP
20/06/90	Camp. Paulista	Morumbi	6x1	Noroeste-SP
23/06/90	Copa do Brasil	Alto V. Maria	1x0	U. Bandeirante-PR

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
27/06/90	Copa do Brasil	Morumbi	2x0	U. Bandeirante-PR
15/07/90	Amistoso	Monte Castelo	1x0	Pouso Alegre-MG
19/07/90	C. Amizade	Nacional S.	0x0	Colo-Colo-CHL
21/07/90	C. Amizade	Nacional S.	2x0	Univ. Chile-CHL
02/08/90	Copa do Brasil	Beira-Rio	1x1	Grêmio-RS
05/08/90	Copa do Brasil	Morumbi	0x0	Grêmio-RS
11/08/90	Quad. León	Nou Camp G.	2x2	León-MEX
14/08/90	Quad. León	Nou Camp G.	1x1	Guadalajara-MEX
18/08/90	Camp. Brasileiro	Pq. Antarctica	1x2	Atlético-MG
22/08/90	Copa do Brasil	H. Hülse	0x2	Criciúma-SC
29/08/90	Camp. Brasileiro	Vila Belmiro	0x1	Santos-SP
02/09/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Bragantino-SP
05/09/90	Copa do Brasil	Morumbi	1x0	Criciúma-SC
09/09/90	Camp. Brasileiro	Canindé	2x1	Portuguesa-SP
16/09/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x1	Goiás-GO
20/09/90	Camp. Brasileiro	Beira-Rio	2x1	Internacional-RS
23/09/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x1	Corinthians-SP
29/09/90	Camp. Brasileiro	Fonte Nova	2x2	Bahia-BA
04/10/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x0	Vasco da Gama-RJ
07/10/90	Camp. Brasileiro	Maracanã	0x1	Botafogo-RJ
10/10/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Inter de Limeira-SP
14/10/90	Camp. Brasileiro	M. Pereira	0x0	São José-SP
21/10/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x2	Palmeiras-SP
24/10/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	4x0	Vitória-BA
28/10/90	Camp. Brasileiro	Helenão	1x0	Flamengo-RJ
04/11/90	Camp. Brasileiro	Mineirão	2x1	Cruzeiro-MG
10/11/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x0	Fluminense-RJ
15/11/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Grêmio-RS
18/11/90	Camp. Brasileiro	Aflitos	1x1	Náutico-PE
24/11/90	Camp. Brasileiro	Vila Belmiro	1x0	Santos-SP
02/12/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x1	Santos-SP
05/12/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Grêmio-RS
08/12/90	Camp. Brasileiro	Olímpico	0x1	Grêmio-RS
13/12/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x1	Corinthians-SP
16/12/90	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x1	Corinthians-SP

Temporada de 1991

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
27/01/91	Amistoso	Bom Jesus	1x0	Apucarana-PR
29/01/91	Amistoso	ABC	2x1	Foz do Iguaçu-PAR
02/02/91	Camp. Brasileiro	Mineirão	3x0	Atlético-MG
06/02/91	Camp. Brasileiro	Gávea	0x1	Flamengo-RJ
17/02/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x2	Santos-SP
23/02/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Fluminense-RJ
03/03/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x1	Atlético-PR
06/03/91	Camp. Brasileiro	Aflitos	1x2	Náutico-PE
09/03/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Bahia-BA
16/03/91	Camp. Brasileiro	Serra Dourada	1x1	Goiás-GO
22/03/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Grêmio-RS
31/03/91	Camp. Brasileiro	M. Stéfani	2x1	Bragantino-SP
04/04/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x0	Palmeiras-SP
07/04/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x1	Corinthians-SP
14/04/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Portuguesa-SP
20/04/91	Camp. Brasileiro	São Januário	2x2	Vasco da Gama-RJ
28/04/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Sport-PE
01/05/91	Camp. Brasileiro	Fonte Nova	2x1	Vitória-BA
05/05/91	Camp. Brasileiro	Pacaembu	1x0	Botafogo-RJ
12/05/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	3x1	Cruzeiro-MG
18/05/91	Camp. Brasileiro	Beira-Rio	0x1	Internacional-RS
25/05/91	Camp. Brasileiro	Mineirão	1x1	Atlético-MG
02/06/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x0	Atlético-MG
05/06/91	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Bragantino-SP
09/06/91	Camp. Brasileiro	M. Stéfani	0x0	Bragantino-SP
22/06/91	Amistoso	Riobranção	2x2	Rio Branco-SP
02/07/91	Amistoso	Beijing W.	2x1	China Sub-23
04/07/91	Amistoso	Beijing W.	0x0	Cid. Beijing-CHN
07/07/91	Amistoso	Wulihe	1x1	Liaoning Fushun-CHN
10/07/91	Amistoso	Dalian People's	0x1	Dalian Shide-CHN
12/07/91	Amistoso	Guandong P.	1x2	G. Baiyunshan-CHN
14/07/91	Amistoso	Guandong P.	2x2	G. Hongyuan-CHN
25/07/91	Camp. Paulista	Tereza Breda	1x1	Olímpia-SP
28/07/91	Camp. Paulista	Pacaembu	4x0	Juventus-SP

MARCA

DIRECTOR

SAO PAULO F.C.
D. José Eduardo Mesquita Pimenta
Presidente
Praça Roberto Gomes Pedrosa, s/n
CEP 15653 - SAO PAULO SP
BRASIL

Madrid, 13 de enero de 1994

Estimado Presidente:

Tengo el gusto de comunicarle que su apreciado club, Sao Paulo F.C., ha sido elegido como "Mejor Club del Mundo 1993" en la II Edición del Trofeo TOP MARCA, premio que ha alcanzado un enorme relieve al contar con el jurado más numeroso y cualificado de cuantos galardones se otorgan en el mundo del fútbol. Han sido 104 periodistas de 40 países repartidos entre los cinco continentes los que han realizado las votaciones. El Sao Paulo obtuvo en el escrutinio 142 votos. A.C. Milan ocupa el segundo puesto con 107 votos y el F.C. Barcelona el tercero con 105 votos.

En la primera edición, la correspondiente a 1992, el ganador fue A.C. Milan, seguido por el F.C. Barcelona y el Sao Paulo F.C. en segundo y tercer lugar respectivamente.

TOP MARCA también premia en esta segunda edición a Roberto Baggio (Juventus) como "Mejor Jugador del Mundo 1993"; Johan Cruyff (Barcelona), "Mejor Entrenador del Mundo 1993" y Colombia, "Mejor selección del Mundo 1993".

TOP MARCA premia, a través del juicio de los periodistas de todo el mundo, el brillante año 1993 realizado por su prestigioso club, por lo que estamos encantados que se una a las distinciones merecidas por el Sao Paulo en su magnífico historial futbolístico.

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
01/08/91	Camp. Paulista	Brunão	3x3	Santo André-SP
04/08/91	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Rio Branco-SP
07/08/91	Camp. Paulista	Morumbi	5x2	Marília-SP
10/08/91	Camp. Paulista	Luisão	0x0	Sãocarlense-SP
15/08/91	Camp. Paulista	M. Pereira	3x2	São José-SP
17/08/91	Camp. Paulista	Morumbi	3x1	Noroeste-SP
21/08/91	T. Naranja	Mestalla	0x0	CEI
22/08/91	T. Naranja	Mestalla	0x1	Valencia-ESP
24/08/91	Cid. Barcelona	Sarriá	4x2	Español-ESP
27/08/91	Camp. Paulista	Pacaembu	1x0	União S. João-SP
29/08/91	Camp. Paulista	Majestoso	0x0	Ponte Preta-SP
01/09/91	Camp. Paulista	Pacaembu	2x1	São Bento-SP
04/09/91	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Catanduvense-SP
08/09/91	Camp. Paulista	Limeirão	1x0	Inter de Limeira-SP
15/09/91	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Santo André-SP
18/09/91	Camp. Paulista	Sílvio Salles	5x0	Catanduvense-SP
21/09/91	Camp. Paulista	Canindé	2x0	Juventus-SP
28/09/91	Camp. Paulista	Riobranção	1x0	Rio Branco-SP
02/10/91	Camp. Paulista	Morumbi	2x1	Sãocarlense-SP
06/10/91	Camp. Paulista	Abreuzão	2x2	Marília-SP
09/10/91	Camp. Paulista	Morumbi	1x4	Inter de Limeira-SP
12/10/91	Camp. Paulista	Morumbi	5x0	São José-SP
17/10/91	Camp. Paulista	Alfredão	1x1	Noroeste-SP
20/10/91	Camp. Paulista	CIC	0x0	São Bento-SP
23/10/91	Camp. Paulista	Morumbi	3x1	Ponte Preta-SP
27/10/91	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Olímpia-SP
02/11/91	Camp. Paulista	Herminião	2x1	União S. João-SP
10/11/91	Camp. Paulista	Morumbi	4x2	Palmeiras-SP
13/11/91	Camp. Paulista	Morumbi	2x1	Botafogo-SP
17/11/91	Camp. Paulista	B. de Ouro	2x2	Guarani-SP
21/11/91	Camp. Paulista	Santa Cruz	1x1	Botafogo-SP
24/11/91	Camp. Paulista	Morumbi	4x1	Guarani-SP
01/12/91	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Palmeiras-SP
08/12/91	Camp. Paulista	Morumbi	3x0	Corinthians-SP
15/12/91	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Corinthians-SP

Temporada de 1992

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
29/01/92	Camp. Brasileiro	Vila Belmiro	1x1	Santos-SP
02/02/92	Camp. Brasileiro	M. Stéfani	0x0	Bragantino-SP
09/02/92	Camp. Brasileiro	Pacaembu	2x1	Bahia-BA
15/02/92	Camp. Brasileiro	Canindé	2x0	Atlético-MG
19/02/92	Camp. Brasileiro	Maracanã	2x3	Flamengo-RJ
23/02/92	Camp. Brasileiro	Pacaembu	0x1	Guarani-SP
06/03/92	Libertadores	H. Hülse	0x3	Criciúma-SC
08/03/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x4	Palmeiras-SP
11/03/92	Camp. Brasileiro	Beira-Rio	0x1	Internacional-RS
17/03/92	Libertadores	J. Bermudez	3x0	San Jose-BOL
20/03/92	Libertadores	H. Siles	1x1	Bolívar-BOL
23/03/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	5x0	Atlético-PR
25/03/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x0	Corinthians-SP
29/03/92	Camp. Brasileiro	Ilha do Retiro	0x0	Sport-PE
01/04/92	Libertadores	Morumbi	4x0	Criciúma-SC
04/04/92	Camp. Brasileiro	Mineirão	2x0	Cruzeiro-MG
07/04/92	Libertadores	Morumbi	1x1	San Jose-BOL
11/04/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Fluminense-RJ
14/04/92	Libertadores	Morumbi	2x0	Bolívar-BOL
18/04/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x1	Portuguesa-SP
25/04/92	Camp. Brasileiro	Serra Dourada	1x1	Goiás-GO
28/04/92	Libertadores	Centenário M.	1x0	Nacional-URU
03/05/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Vasco da Gama-RJ
06/05/92	Libertadores	Morumbi	2x0	Nacional-URU
10/05/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	3x0	Botafogo-RJ
13/05/92	Libertadores	Morumbi	1x0	Criciúma-SC
20/05/92	Libertadores	H. Hülse	1x1	Criciúma-SC
23/05/92	Camp. Brasileiro	Mangueirão	0x3	Paysandu-PA
27/05/92	Libertadores	Morumbi	3x0	Barcelona-EQU
31/05/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Náutico-PE
03/06/92	Libertadores	Monumental G.	0x2	Barcelona-EQU
10/06/92	Libertadores	G. de Arroyito	0x1	Newell's OB-ARG
14/06/92	Camp. Brasileiro	Maracanã	0x1	Flamengo-RJ
17/06/92	Libertadores	Morumbi	1x0	Newell's OB-ARG
21/06/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x2	Vasco da Gama-RJ
27/06/92	Camp. Brasileiro	Pacaembu	1x1	Santos-SP

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
01/07/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Santos-SP
04/07/92	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Flamengo-RJ
08/07/92	Camp. Brasileiro	São Januário	0x3	Vasco da Gama-RJ
12/07/92	Camp. Paulista	Pacaembu	1x1	Juventus-SP
21/07/92	Camp. Paulista	Morumbi	3x3	Ituano-SP
26/07/92	Camp. Paulista	Alfredão	1x0	Noroeste-SP
30/07/92	Camp. Paulista	Santa Cruz	1x1	Botafogo-SP
02/08/92	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	Bragantino-SP
06/08/92	Camp. Paulista	Limeirão	1x0	Inter de Limeira-SP
09/08/92	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Palmeiras-SP
14/08/92	Tereza Herrera	Riazor	2x2	Peñarol-URU
15/08/92	Tereza Herrera	Riazor	4x1	Barcelona-ESP
20/08/92	Camp. Paulista	B. de Ouro	0x0	Guarani-SP
23/08/92	Camp. Paulista	Morumbi	2x1	Portuguesa-SP
28/08/92	R. de Carranza	R. Carranza	2x0	Cádiz-ESP
29/08/92	R. de Carranza	R. Carranza	4x0	Real Madrid-ESP
31/08/92	Cid. Barcelona	Sarriá	2x1	Español-ESP
03/09/92	Villa de Madrid	V. Calderón	0x2	Atl. Madrid-ESP
05/09/92	Camp. Paulista	Vila Belmiro	2x3	Santos-SP
08/09/92	Camp. Paulista	Morumbi	5x2	Santo André-SP
10/09/92	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	São-carlense-SP
13/09/92	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Corinthians-SP
20/09/92	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Santos-SP
24/09/92	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Botafogo-SP
27/09/92	Camp. Paulista	Brunão	1x1	Santo André-SP
29/09/92	Supercopa	Pq. Antarctica	1x1	Santos-SP
01/10/92	Camp. Paulista	Morumbi	3x0	Inter de Limeira-SP
04/10/92	Camp. Paulista	Morumbi	3x0	Corinthians-SP
07/10/92	Camp. Paulista	Luisão	2x0	São-carlense-SP
11/10/92	Camp. Paulista	Canindé	2x2	Portuguesa-SP
13/10/92	Supercopa	Morumbi	4x1	Santos-SP
15/10/92	Camp. Paulista	Morumbi	6x0	Noroeste-SP
18/10/92	Camp. Paulista	M. Stéfani	0x1	Bragantino-SP
20/10/92	Supercopa	Morumbi	1x2	Olimpia-PAR
22/10/92	Camp. Paulista	Pacaembu	2x0	Juventus-SP
25/10/92	Camp. Paulista	Pacaembu	2x1	Guarani-SP
27/10/92	Supercopa	D. del Chaco	0x1	Olimpia-PAR

PLACAR

Nº 1069-B CRS 600,00



• **POSTER GIGANTE DO SUPER TRICOLOR**

• **FOTOS INÉDITAS DO JOGO DE TÓQUIO**

• **FICHAS COMPLETAS DE TODOS OS HERÓIS**



BICAMPEÃO DO MUNDO

29/10/92	Camp. Paulista	Novelli Jr	1x2	Ituano-SP
01/11/92	Camp. Paulista	Morumbi	0x3	Palmeiras-SP
07/11/92	Camp. Paulista	Pacaembu	2x0	Portuguesa-SP
11/11/92	Camp. Paulista	Pacaembu	3x0	Santos-SP
14/11/92	Camp. Paulista	Morumbi	4x2	Ponte Preta-SP
18/11/92	Camp. Paulista	Pacaembu	2x1	Santos-SP
21/11/92	Camp. Paulista	Majestoso	0x0	Ponte Preta-SP
28/11/92	Camp. Paulista	Pacaembu	3x1	Portuguesa-SP
05/12/92	Camp. Paulista	Morumbi	4x2	Palmeiras-SP
13/12/92	Mundial	Nacional T.	2x1	Barcelona-ESP
20/12/92	Camp. Paulista	Morumbi	2x1	Palmeiras-SP

Temporada de 1993

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
24/01/93	Amistoso	Arruda	4x2	Santa Cruz-PE
27/01/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x0	Ponte Preta-SP
30/01/93	Camp. Paulista	Canindé	1x1	Portuguesa-SP
04/02/93	Camp. Paulista	Vail Chaves	2x2	Mogi Mirim-SP
07/02/93	Camp. Paulista	Pacaembu	3x0	Corinthians-SP
10/02/93	Camp. Paulista	Herminião	0x1	União S. João-SP
12/02/93	Cid. Santiago	Nacional S.	2x0	Univ. Chile-CHL
14/02/93	Cid. Santiago	Nacional S.	3x0	Univ. Católica-CHL
20/02/93	Camp. Paulista	B. de Ouro	2x3	Guarani-SP
25/02/93	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Ituano-SP
28/02/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x0	Bragantino-SP
02/03/93	Camp. Paulista	Morumbi	5x1	Juventus-SP
04/03/93	Camp. Paulista	Morumbi	6x1	Noroeste-SP
07/03/93	Camp. Paulista	Morumbi	1x0	Santos-SP
09/03/93	Camp. Paulista	Riobranção	0x1	Rio Branco-SP
11/03/93	Camp. Paulista	B. Serra Negra	3x1	XV Piracicaba-SP
14/03/93	Camp. Paulista	Morumbi	0x0	Palmeiras-SP
19/03/93	Camp. Paulista	Abreuzão	2x2	Marília-SP
21/03/93	Camp. Paulista	Canindé	0x2	XV Piracicaba-SP
25/03/93	Camp. Paulista	Alfredão	3x0	Noroeste-SP
27/03/93	C. Amizade	Morumbi	2x0	Sevilla-ESP
29/03/93	Camp. Paulista	Majestoso	1x1	Ponte Preta-SP
31/03/93	Camp. Paulista	Pacaembu	3x0	Juventus-SP
04/04/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x0	Corinthians-SP

Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário	Data	Torneio	Estádio	Res.	Adversário
06/04/93	Copa do Brasil	Batistão	1x1	Sergipe-SE	14/08/93	Tereza Herrera	Riazor	0x1	Barcelona-ESP
07/04/93	Libertadores	Coloso del Pq.	0x2	Newell's OB-ARG	18/08/93	Cid. Albacete	C. Belmonte	1x3	Albacete-ESP
09/04/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x0	Guarani-SP	21/08/93	T. Colombino	Huelva	1x1	Sampdoria-ITA
11/04/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x1	Marília-SP	22/08/93	T. Colombino	Huelva	1x0	Sevilla-ESP
13/04/93	Copa do Brasil	Morumbi	4x3	Sergipe-SE	28/08/93	R. de Carranza	R. Carranza	1x2	Palmeiras-SP
14/04/93	Libertadores	Morumbi	4x0	Newell's OB-ARG	29/08/93	R. de Carranza	R. Carranza	0x2	Atl. Madrid-ESP
16/04/93	Camp. Paulista	Novelli Jr	1x2	Ituano-SP	06/09/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	3x2	Internacional-RS
18/04/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x0	Palmeiras-SP	12/09/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x1	Corinthians-SP
20/04/93	Copa do Brasil	José de Melo	0x1	Rio Branco-AC	18/09/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Bahia-BA
21/04/93	Libertadores	Maracanã	1x1	Flamengo-RJ	22/09/93	Camp. Brasileiro	Maracanã	0x2	Flamengo-RJ
23/04/93	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	União S. João-SP	26/09/93	Brasil. & Recopa	Morumbi	0x0	Cruzeiro-MG
25/04/93	Camp. Paulista	Vila Belmiro	0x1	Santos-SP	29/09/93	Recopa	Mineirão	0x0	Cruzeiro-MG
27/04/93	Copa do Brasil	Morumbi	3x1	Rio Branco-AC	03/10/93	Camp. Brasileiro	Maracanã	4x0	Botafogo-RJ
28/04/93	Libertadores	Morumbi	2x0	Flamengo-RJ	06/10/93	Supercopa	Morumbi	2x0	Independiente-ARG
30/04/93	Camp. Paulista	Morumbi	1x1	Mogi Mirim-SP	10/10/93	Camp. Brasileiro	Pacaembu	3x3	Bragantino-SP
02/05/93	Camp. Paulista	M. Stéfani	2x1	Bragantino-SP	13/10/93	Supercopa	El Cilindro	1x1	Independiente-ARG
04/05/93	Copa do Brasil	Morumbi	1x2	Cruzeiro-MG	17/10/93	Camp. Brasileiro	Pacaembu	0x1	Corinthians-SP
05/05/93	Libertadores	Morumbi	1x0	Cerro Porteño-PAR	20/10/93	Supercopa	Pacaembu	2x2	Grêmio-RS
07/05/93	Camp. Paulista	Morumbi	0x1	Rio Branco-SP	23/10/93	Camp. Brasileiro	M. Stéfani	0x0	Bragantino-SP
09/05/93	Camp. Paulista	Morumbi	3x0	Portuguesa-SP	27/10/93	Supercopa	Beira-Rio	1x0	Grêmio-RS
11/05/93	Copa do Brasil	Mineirão	2x2	Cruzeiro-MG	30/10/93	Camp. Brasileiro	Batistão	1x1	Bahia-BA
12/05/93	Libertadores	D. del Chaco	0x0	Cerro Porteño-PAR	03/11/93	Supercopa	Pacaembu	1x0	Atl. Nacional-COL
15/05/93	Camp. Paulista	J. de Biase	1x0	Novorizontino-SP	05/11/93	Camp. Brasileiro	Mineirão	1x1	Cruzeiro-MG
19/05/93	Libertadores	Morumbi	5x1	Univ. Católica-CHL	07/11/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Flamengo-RJ
21/05/93	Camp. Paulista	Pacaembu	2x3	Santos-SP	10/11/93	Supercopa	A. Girardot	1x2	Atl. Nacional-COL
23/05/93	Camp. Paulista	Morumbi	2x0	Corinthians-SP	12/11/93	Camp. Brasileiro	Beira-Rio	1x1	Internacional-RS
26/05/93	Libertadores	Nacional S.	0x2	Univ. Católica-CHL	14/11/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x0	Botafogo-RJ
28/05/93	Camp. Paulista	Morumbi	3x1	Novorizontino-SP	17/11/93	Supercopa	Maracanã	2x2	Flamengo-RJ
30/05/93	Camp. Paulista	Morumbi	0x1	Corinthians-SP	19/11/93	Camp. Brasileiro	B. de Ouro	1x0	Guarani-SP
03/06/93	Camp. Paulista	Morumbi	6x1	Santos-SP	21/11/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	1x1	Palmeiras-SP
25/06/93	S. Compostela	Mun. S. Lázaro	4x1	Tenerife-ESP	24/11/93	Supercopa	Morumbi	2x2	Flamengo-RJ
27/06/93	S. Compostela	Mun. S. Lázaro	2x2	River Plate-ARG	26/11/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	2x0	Remo-PA
07/07/93	Copa de Ouro	La Bombonera	0x1	Boca Juniors-ARG	28/11/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	3x2	Guarani-SP
10/07/93	Copa de Ouro	Pacaembu	1x1	Boca Juniors-ARG	01/12/93	Camp. Brasileiro	Mangueirão	1x0	Remo-PA
07/08/93	Cid. Los Angeles	Coliseum	4x3	América-MEX	04/12/93	Camp. Brasileiro	Morumbi	0x2	Palmeiras-SP
09/08/93	T. Jalisco	Jalisco	1x1	Guadalajara-MEX	12/12/93	Mundial	Nacional T.	3x2	Milan-ITA
13/08/93	Tereza Herrera	Riazor	3x1	Lazio-ITA					

ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE



 **CAMPEÃO MUNDIAL DE FUTEBOL INTERCLUBES 1992**



ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO	
←	Entrada 1
←	Entrada 2
←	Entrada 3
←	Entrada 4
←	Entrada 5
←	Entrada 6
←	Entrada 7
←	Entrada 8
←	Entrada 9
←	Entrada 10
←	Entrada 11
←	Entrada 12
←	Entrada 13
←	Entrada 14
←	Entrada 15
←	Entrada 16
←	Entrada 17
←	Entrada 18
←	Entrada 19
←	Entrada 20
←	Entrada 21
←	Entrada 22
←	Entrada 23
←	Entrada 24
←	Entrada 25
←	Entrada 26
←	Entrada 27
←	Entrada 28
←	Entrada 29
←	Entrada 30
←	Entrada 31
←	Entrada 32
←	Entrada 33
←	Entrada 34
←	Entrada 35
←	Entrada 36
←	Entrada 37
←	Entrada 38
←	Entrada 39
←	Entrada 40
←	Entrada 41
←	Entrada 42
←	Entrada 43
←	Entrada 44
←	Entrada 45
←	Entrada 46
←	Entrada 47
←	Entrada 48
←	Entrada 49
←	Entrada 50
←	Entrada 51
←	Entrada 52
←	Entrada 53
←	Entrada 54
←	Entrada 55
←	Entrada 56
←	Entrada 57
←	Entrada 58
←	Entrada 59
←	Entrada 60
←	Entrada 61
←	Entrada 62
←	Entrada 63
←	Entrada 64
←	Entrada 65
←	Entrada 66
←	Entrada 67
←	Entrada 68
←	Entrada 69
←	Entrada 70
←	Entrada 71
←	Entrada 72
←	Entrada 73
←	Entrada 74
←	Entrada 75
←	Entrada 76
←	Entrada 77
←	Entrada 78
←	Entrada 79
←	Entrada 80
←	Entrada 81
←	Entrada 82
←	Entrada 83
←	Entrada 84
←	Entrada 85
←	Entrada 86
←	Entrada 87
←	Entrada 88
←	Entrada 89
←	Entrada 90
←	Entrada 91
←	Entrada 92
←	Entrada 93
←	Entrada 94
←	Entrada 95
←	Entrada 96
←	Entrada 97
←	Entrada 98
←	Entrada 99
←	Entrada 100